

O massacre dos inocentes:

A reacção das *newsmagazines* portuguesas e brasileiras ao atentado contra a escola de Beslan

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

Maria Érica de Oliveira Lima

Universidade Metodista de São Paulo e bolsreira AlBan na Universidade Fernando Pessoa¹

Resumo

A 1 de Setembro de 2004, terroristas islâmicos chechenos e árabes, ligados à Al-Qaeda, invadiram uma escola na Ossétia do Norte, Rússia, num ataque planeado com vários meses de antecedência, fazendo 1200 reféns. A 3 de Setembro, as forças russas atacaram, após uma explosão no interior da escola e de os terroristas terem disparado contra um grupo de crianças fugitivas. Morreram centenas de reféns, incluindo centenas de crianças. Mulheres foram violadas durante o sequestro. Ora, a teoria do jornalismo explica que factores como os critérios de noticiabilidade e os enquadramentos levam a que atentados chocantes como esse se tornem notícia universal, pelo que este trabalho teve por objectivo descrever como as revistas *Veja*, *Isto É* e *Época* (Brasil) e *Visão*, *Focus* e *Sábado* (Portugal) reagiram ao acontecimento, através de uma análise quantitativa e qualitativa do discurso. Principal conclusão: O trauma alterou os papéis sociais rotineiros do jornalismo, em Portugal e no Brasil. Sem abdicar de uma função informativa, o jornalismo também foi veículo de excomunhão e condenação.

Palavras-chave: Jornalismo de revistas; terrorismo islâmico; crianças; análise do discurso; Portugal e Brasil.

¹ Jorge Pedro Sousa (jpsousa@ufp.pt), doutor em Ciências da Informação, é professor associado e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, e membro do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Portugal). Maria Érica Lima (merical@uol.com.br) é mestre e doutoranda em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil, e pesquisadora do Núcleo de Mídia Local e Regional da UMESP.

1. Introdução

A 1 de Setembro de 2004, primeiro dia do novo ano escolar, sempre assinalado com celebrações, um grupo de terroristas² islâmicos, em que se misturavam independentistas chechenos e, possivelmente, fundamentalistas ligados à al-Qaeda, invadiu uma escola na cidade de Beslan, na república federada russa da Ossétia do Norte, fazendo cerca de 1200 reféns, entre os quais muitas crianças, reunidas para festejar o regresso à escola. O ataque foi premeditado e planeado com antecedência, pois encontraram-se provas de que os terroristas esconderam armas e explosivos na própria escola, durante obras de remodelação que decorreram em Julho. Os reféns enfrentaram duras condições de cativeiro. Sem comida e sem água, as crianças foram obrigadas a beber a própria urina para não se desidratarem. Mulheres e adolescentes foram violadas pelos sequestradores, que armadilharam a escola com explosivos. A 3 de Setembro, pelas 13 horas, os terroristas islâmicos dispararam contra um grupo de crianças que tentou escapar, o que motivou a intervenção descoordenada e não planeada das forças russas e das milícias armadas formadas por familiares dos sequestrados. Ouviram-se, então, duas fortes explosões, e o tecto do ginásio, onde estavam concentrados os reféns, ruiu. Os sequestradores começaram, também, a disparar indiscriminadamente sobre os reféns. Ainda hoje não se sabe exactamente quantas pessoas morreram em Beslan, quer por causa da queda do tecto e das execuções dos reféns perpetradas pelos terroristas islâmicos, quer por causa da troca de tiros durante a intervenção das forças russas. Há estimativas que apontam para mais de quinhentas vítimas mortais, entre as quais três centenas de crianças. A notícia do sucedido rapidamente correu o mundo. Assim, este trabalho tem por objectivo analisar comparativamente a forma como as *newsmagazines* de dois países lusófonos (Portugal e Brasil), reagiram ao acontecimento, tentando detectar semelhanças e diferenças na cobertura.

A relação entre terrorismo e meios jornalísticos tem sido explorada em vários estudos, entre os quais várias análises do discurso. O atentado de 11 de Setembro contribuiu para colocar o tema na agenda científica. Rudloff (2003), por exemplo, analisou como uma revista norte-americana (*Time*) e uma revista canadiana (*MacLean's*) cobriram o terrorismo entre Setembro de 2001 e Setembro de 2002, tendo descoberto que ambas se orientaram discursivamente para uma postura “nós vs. eles”,

² Embora autores como Rubenstein (1987) argumentem que classificar um acto como “terrorismo” e os seus perpetradores como “terroristas” já envolva juízos de valor, parece-nos que a expressão é suficientemente comum para poder ser usada correntemente numa análise do discurso. Aliás, quer o uso de “perpetradores” quer o uso de “terroristas” mobilizam uma carga ideológica e cultural, sendo que a expressão “perpetrador” talvez obscureça ainda mais a orientação ideológica e cultural do discurso. Em suma, a um falante é impossível fugir dos constrangimentos e das consequências de utilização da língua. É também de realçar que o atentado de Beslan se enquadra na definição de terrorismo dada pela ONU.

apesar de a *Time* dar mais espaço a Osama bin Laden. Zaharopoulos (2004), por seu turno, descobriu, ao comparar a cobertura do grupo terrorista grego N17 feita pelo jornal norte-americano *The New York Times* com a feita pelo jornal canadiano *The Toronto Star*, que o diário nova-iorquino dava mais espaço do que o canadiano às fontes do governo norte-americano. Curiosamente, a diferença mais relevante entre esses jornais encontrava-se no “retrato” da Administração norte-americana e não no retrato do Governo grego, sendo que *The Toronto Star* enquadrava mais negativamente a Administração norte-americana do que *The New York Times*, seja devido às fontes, seja devido ao “anti-americanismo” latente em diversos países ocidentais. O autor encontrou uma outra diferença entre os jornais no que respeita à cobertura das vítimas do terrorismo, empregando o jornal nova-iorquino mais expressões negativas para os terroristas do que o jornal canadiano quando em causa estavam vítimas norte-americanas, o que não acontecia quando as vítimas tinham outra nacionalidade. Zaharopoulos (2004: 38) explica, porém, que o grupo terrorista grego 11N tem cidadãos norte-americanos por alvos, mas não cidadãos canadianos.

Antes de 11 de Setembro o terrorismo já tinha merecido a atenção de vários analistas do discurso. Atwater (1991), por exemplo, descobriu que a cobertura televisiva da crise dos reféns de um voo da TWA, em 1985, foi extensiva, dramática e reactiva, tendo sido dada pouca atenção à exploração do contexto libanês e das razões dos sequestradores. Wittebols (1992) comparou a cobertura do terrorismo por televisões canadianas e norte-americanas, tendo descoberto que se orientavam para uma postura “nós vs. eles” e que quanto mais afastada da linha da Administração norte-americana fosse a política internacional dos estados, mais negativamente estes eram representados, havendo essencialmente três macro-enquadramentos temáticos na cobertura: “nós somos as vítimas, eles são os terroristas”, “os Estados Unidos tentam fazer o bem no mundo” e “o terrorismo é o resultado de mentes irracionais e não de condições objectivas”. Similarmente, Weimann (1985) descobriu que o afastamento em relação aos interesses norte-americanos era a condição principal para uma classificação negativa dos terroristas nos *media* norte-americanos. Simmons (1991), por seu turno, analisou a cobertura do terrorismo em três revistas norte-americanas, entre 1980 e 1988, observando que quando norte-americanos se encontravam entre as vítimas de actos terroristas os perpetradores eram classificados como terroristas 80% das vezes, mas quando as vítimas não eram americanas só 51% das vezes os perpetradores eram classificados como terroristas. Simmons, porém, não encontrou evidências de que as revistas classificassem mais negativamente os terroristas quando os actos destes eram contrários aos interesses norte-americanos, havendo uma certa constância no enquadramento negativo do terrorismo, independentemente da sua orientação. Dois outros autores, Picard e Adams (1991), ao analisarem as representações discursivas dos actos de violência, mostraram que, nos meios analisados (e durante o período de análise), os jornalistas e as testemunhas tendiam a fazer descrições menos interpretadas dos actos violentos do que as

autoridades e que as descrições dos acontecimentos eram mais neutras do que as descrições dos perpetradores.

O jornalismo é, essencialmente, uma *representação discursiva e selectiva da vida*, que, *como todos os discursos sobre a realidade, mostra, evidencia e focaliza na mesma medida que oculta*. Ao discursarem sobre a vida, os meios de comunicação contribuem para a definição simbólica da dimensão das crises e dos acontecimentos em geral, pois hierarquizam as informações e dão-lhe um determinado relevo. Além disso, Miliband (1969) explica que os meios jornalísticos tendem a ser menos imparciais e objectivos quando mais radical é a dissidência ou o desvio em relação ao que é colectivamente negociado como sendo a definição simbólica do que é normal numa sociedade. Convergentemente, Weimann e Brosius (1991) descobriram que quanto maior é o desvio, mais hipóteses existem de um acto terrorista de ser coberto pela imprensa norte-americana, sobretudo quando há vítimas nacionais (americanas). Aliás, conforme salientam Shoemaker e Reese (1996: 237), os meios jornalísticos participam na negociação colectiva do que é percebido como desvio, propondo uma norma em torno da qual se caracteriza o desvio. Pode, assim, afirmar-se que os acontecimentos socialmente traumáticos, como o atentado de Beslan, são notícia porque são intensamente desviantes e violam gravemente as regras de convivência e as estratégias de sobrevivência das comunidades. O facto de o atentado ter sido direccionado contra crianças acentua o grau de desvio em relação ao que, pelo menos na civilização ocidental, é considerado cultural e ideologicamente *normal*, pois evoca, no imaginário colectivo, uma grave violação da inocência e da santidade da infância e vinca simbolicamente a enorme desproporção e contraposição entre o uso brutal da força e das armas pelos terroristas-assassinos islâmicos e a fragilidade das *crianças-vítimas* desprotegidas (veja-se também: Ponte, 2002). Ou seja, em idênticas condições, os adultos merecem jornalística e simbolicamente menores preocupações e menos interesse do que as crianças. Essa concepção do desvio será mesmo, de certa forma, universal, pois tem-se assistido à universalização da infância, com a consequente consagração da *criança-universal*, desde que, em 1979, as Nações Unidas celebraram o Ano Internacional da Criança, a que se seguiu, dez anos mais tarde, a proclamação da Convenção dos Direitos da Criança, igualmente pelas Nações Unidas (Ponte, 2002: 25; 293).

Macleary (1999: 10) explicita que o trauma social não pode ser resolvido pela informação que explica os acontecimentos socialmente traumatizantes, pois os seus efeitos ultrapassam a clausura dos factos históricos. Para a autora, eventos traumáticos, como o atentado de Beslan, correspondem a momentos em que a experiência colectiva e pessoal e a compreensão são de tal forma irreconciliáveis que os factos do passado perduram como uma ferida aberta no presente. Porém, a recuperação colectiva do trauma, segundo Maclear (1999: 10), inicia-se no momento em que as

comunidades começam a falar dos acontecimentos que estão na origem desse mesmo trauma, encarando-os de frente.

Nas sociedades mediatizadas, o jornalismo desempenha um papel relevante na recuperação colectiva do trauma e na reconstrução da identidade comunitária (Zelizer e Allan, 2002: 2), estabelecendo a segurança, relembrando os eventos, fazendo o luto e reconectando as pessoas com a vida quotidiana (Herman, 1992: 15). O jornalismo funciona, assim, para a colectividade, como “portador [de conteúdos], tradutor, mediador e fabricante de significados” (Zelizer, 1998; Zelizer e Allan, 2002: 2), vendo alterados os seus papéis sociais rotineiros (Zelizer e Allan, 2002: 3). Porém, mais do que isso, o trauma altera, nem que seja momentaneamente, o processo jornalístico de produção de informação (por exemplo, obriga a concentrar recursos na cobertura de um único evento), por muito que as necessidades de produção de informação promovam, em sentido contrário, a rotinização do inesperado (Tuchman, 1978). No entanto, o impulso para a rotinização da produção de informação é grande. Tal como Tuchman (1978), Zelizer e Allan (2002: 5) explicam que os jornalistas procuram tratar o novo e inesperado com base em padrões e esquemas interpretativos conhecidos e rotinas produtivas dominadas. Schudson (1988: 24), no mesmo sentido, sublinha que os jornalistas sentem a necessidade de enquadrar o novo à luz de esquemas interpretativos já existentes, como os exemplos históricos (Gamson, 1984). Assim, um novo acontecimento socialmente traumático apela à experiência jornalística adquirida em situações semelhantes e à memória colectiva, permitindo uma recuperação dos esquemas interpretativos utilizados para enquadrar acontecimentos traumáticos semelhantes (cf. Manoff, 1986).

Outros elementos ajudam a compreender a noticiabilidade do atentado de Beslan e a cobertura jornalística que foi feita do mesmo. Traquina (2001: 98), por exemplo, sustenta que o jornalismo enfatiza os acontecimentos em detrimento das problemáticas devido ao valor do imediatismo e à “definição de jornalismo como relatos actuais sobre acontecimentos actuais”.

Por outro lado, no campo dos estudos jornalísticos e da análise do discurso, há já vários anos que se evidencia que a actualidade, a morte e a negatividade funcionam como critérios de noticiabilidade. Mitchell Stephens (1988: 34) sustenta, inclusivamente, que as “qualidades duradouras” das notícias têm variado pouco através da história, resumindo-se, essencialmente, à actualidade, à proximidade (geográfica, cultural, linguística...), ao extraordinário, ao insólito, à proeminência das figuras envolvidas, ao ilegal, às guerras, às calamidades e à morte (“más notícias são boas notícias”). Outros autores, como Traquina (2002: 174-178) ou Gans (1979) realçam, igualmente, que a definição do que é notícia apresenta um certo grau de estabilidade histórica. Galtung e Ruge (1965), primeiros autores a procurarem listar de forma sistemática e exaustiva as qualidades que contribuem para a definição do que é notícia, referem, também eles, entre outros factores, a negatividade, o inesperado e a amplitude (número de pessoas afectadas, consequências do acontecimento, etc.).

Galtung e Ruge chamam ainda a atenção para outros elementos que influenciam a noticiabilidade de um acontecimento, como sejam a clareza quanto ao seu significado, a consonância com enquadramentos e significados anteriores (“as novas são velhas”), a continuidade da cobertura de acontecimentos já noticiados e a referência a nações de elite.

Traquina (2002: 192) relembra a existência de valores-notícia de construção, que ele define como “os critérios de selecção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2002: 198), como a dramatização. Sem negarmos a pertinência da aporção de Traquina, pensamos, todavia, que os valores-notícia de construção também estão relacionados com a possibilidade de *imprimir uma determinada marca à notícia*. Deste ponto de vista, a dramatização está relacionada, também, com a possibilidade de dramatizar a história do acontecimento e não apenas com as características intrínsecas do acontecimento.

Sousa (2000) explica que os critérios de noticiabilidade foram inculcados na cultura jornalística a partir de uma matriz organizacional, social (englobando a expectativa do público e o mercado), ideológica, cultural e histórica, dependendo, igualmente, de factores pessoais, físicos e tecnológicos. Por isso, Sousa comunga da perspectiva de Ericson, Baranek e Chan (1987: 139-140), segundo a qual os critérios de noticiabilidade contribuem para que o jornalista hierarquize os acontecimentos em função da sua importância, norteando o processo de selecção dos acontecimentos. No entanto, os critérios de noticiabilidade não são totalmente imperativos, pois há sempre um espaço para a acção pessoal do jornalista. Essa é, aliás, uma das razões que leva Ericson, Baranek e Chan (1987: 139-140), tal como Sousa (2000), a reconhecer que os critérios de noticiabilidade são “múltiplos, entrecruzados” e nem sempre fáceis de definir pelos pesquisadores.

De acordo com o enquadramento teórico anterior, o atentado de Beslan mistura várias características que permitiram a sua eleição à condição de notícia em Portugal e no Brasil, como sejam: a) Actualidade; b) Negatividade do acontecimento e morte; c) Excesso (brutalidade e frieza do acto terrorista) e intensidade (elevado número de mortos e feridos, entre os quais muitas crianças); d) Envolvimento directo da Rússia, nação de elite, e envolvimento indirecto da comunidade das nações, por força da luta contra a al-Qaeda e o terrorismo internacional; e) Clareza de significado: foi um atentado fundamentalista islâmico destinado a lutar pela “libertação” daquele que é visto como um território muçulmano, a Chechénia, da ocupação russa; f) Continuidade, pois a notícia do atentado dá continuidade à longa cobertura da guerra da Chechénia e da luta contra a al-Qaeda, que ainda hoje não tiveram um desenlace e que continuam a ser notícia porque obedecem a vários critérios de noticiabilidade, como a morte, a negatividade, o desvio, o excesso, o envolvimento de pessoas e nações de elite, etc.; h) Permite a personalização e a dramatização do tratamento noticioso, por ser um assunto intrinsecamente violento e trágico que provocou a morte de muitas pessoas, entre as quais muitas crianças, destroçando famílias e comunidades; i)

Proporciona imagens fortes; j) Agudiza a conflitualidade e a polémica geradas pela divergência de posições entre nações de elite e outros actores da cena internacional sobre o apoio às políticas russas para a Chechénia.

Os critérios de noticiabilidade ajudam a compreender os enquadramentos que são dados aos acontecimentos quando estes são convertidos em notícias. Como argumenta Wolsfeld (1991: 18), os acontecimentos necessitam de explicações, o que os torna pontos de partida para a construção de enquadramentos noticiosos. Traquina (1991: 160) explicita que “as notícias acontecem no cruzamento de acontecimentos e textos”, o que as torna simultaneamente enquadradas e enquadráveis. Goffman (1975: 10-11) define os enquadramentos como “princípios de organização que governam os acontecimentos (...) e o nosso envolvimento subjectivo neles”. Tuchman (1976) diz que eles contribuem para a construção de sentidos para a realidade social. Gamson (1989: 157) explica que um enquadramento é uma ideia central que organiza e dá sentido aos acontecimentos, sugerindo “o que está em causa”. Gitlin (1980: 7) sustenta que os enquadramentos são padrões “de cognição, interpretação e apresentação, selecção, ênfase e exclusão” que organizam os discursos verbais e visuais. Traquina (2002: 200-201) explica que eles “são sugeridos através de metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens”, sendo que, por vezes, as notícias “novas” são encaixadas em “velhos” enquadramentos.

Os conteúdos e enquadramentos de grande parte das notícias dependem daquilo que as fontes dizem (Sigal, 1973). A maior parte da literatura sobre fontes de informação mostra que, se por um lado o jornalismo está orientado para os acontecimentos, por outro também está orientado para as fontes de informação, em particular para as “fontes oficiais” (Traquina, 2001: 137; Gans, 1979), que autorizam e credibilizam o discurso jornalístico, independentemente de os jornalistas terem maior ou menor liberdade de negociar os enquadramentos e significados propostos pelas fontes (ver, por exemplo: Traquina, 2002; Sousa, 2000; Gans, 1979).

Nos enunciados jornalísticos impressos, normalmente, os textos articulam-se com fotografias e outras imagens. As fotografias jornalísticas, além de suscitarem a atenção e interesse do leitor, criando um espaço de contemplação (Zelizer, 2002: 49), também contribuem para fixar os enquadramentos das histórias e para a construção de significados, proporcionando maior compreensão das notícias (Tubergen e Mashman, 1974). Hirsch (2002) e Zelizer (2002) sustentam que a fotografia se inculca mais no pensamento e na memória do que as imagens em movimento e que as fotografias de acontecimentos traumáticos ajudam as pessoas a evoluir para um estágio pós-traumático, saindo do caos em direcção à ordem. As fotos, salienta Zelizer (2002: 49), cumprem também o seu papel jornalístico de mostrar para fazer crer.

Em consonância com o exposto, o presente trabalho tem por objectivo, como se disse, descrever e interpretar a forma como as *newsmagazines* portuguesas e brasileiras noticiaram o atentado de

Beslan, verificando se a cobertura foi selectiva, enviesada, dramatizada e personalizada. Tem, ainda, por objectivo desvelar os enquadramentos usados para situar e interpretar os acontecimentos de Beslan.

Face aos objectivos equacionados, elegeu-se a análise do discurso como método de pesquisa, já que é o método que possibilita atingir-se a substância de um discurso. Para a componente quantitativa da análise, utilizou-se como unidade a matéria individual que referisse directa ou indirectamente o atentado. A informação foi, assim, classificada em número de matérias e em cm^2 (arredondados às unidades) por várias categorias definidas *a priori*, conforme é habitual neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo et. al., 1999: 4; cf. Marques de Melo, 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as variáveis dependentes do presente estudo foram, simultaneamente, as matérias sobre o atentado, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm^2), e as referências às fontes e frases citadas. A definição das categorias para a análise de conteúdo foi feita tomando em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo, e responder às perguntas de investigação que delas emergiram.

Tabela de hipóteses, perguntas de investigação, categorias e variáveis de análise quantitativa do discurso

Hipótese 1: O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade e outros factores, relevaram o atentado entre a informação.

Pergunta de pesquisa 1: Qual foi a relevância informativa concedida ao atentado?

Variáveis: Quantidade de informação (número de matérias e espaço ocupado em cm^2) e quantidade de chamadas noticiosas à primeira página (n.º de chamadas e espaço ocupado em cm^2).

Categorias de análise do discurso:

Matérias sobre o atentado: Matérias que referenciam o atentado, mesmo que o seu tema central seja outro.

Matérias internacionais: Matérias que registam acontecimentos fora de Portugal ou do Brasil, consoante as revistas.

Chamadas sobre o atentado à primeira página: Títulos e outras referências ao atentado nas primeiras páginas das revistas analisadas.

Hipótese 2: A brutalidade do atentado centralizou a cobertura no próprio evento, embora o papel tradicional da imprensa escrita de referência como provedora de análises e informação mais extensa tenha temperado as notícias duras com matérias de contexto e argumentação.

Pergunta de pesquisa 2: Quais as macro-temáticas predominantes na informação sobre o atentado?

Variáveis: Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm^2), em função dos temas centrais das matérias.

Categorias de análise do discurso (tema central):

Atentado: Notícias “duras” sobre como aconteceu o atentado, como se processaram os socorros, como se aplicaram as medidas de segurança, sobre as declarações e acções imediatas do Governo russo e demais autoridades, etc. Englobaram-se, ainda, nesta categoria os testemunhos pessoais e as matérias sobre os funerais das vítimas e visitas de reportagem ao local do atentado.

Reacções verbais: Colunas de reacções verbais ao atentado.

Contexto, consequências e repercussões: Matérias documentais ou de outra natureza cuja preocupação central é apresentar dados susceptíveis de levar os leitores a inserir melhor o atentado na conjuntura internacional, na história, etc. Matérias sobre as consequências do atentado para a economia (bolsas, mercados, câmbios, investimentos, etc.), para a vida política russa e internacional e para o combate ao terrorismo (segurança e defesa). Consequências para os chechenos e para a Chechénia. Matérias contextuais sobre a al-Qaeda e a guerrilha chechena, mesmo que não refiram o atentado.

Consequências para a comunicação social: Relatos de acções de censura e repressão sobre a comunicação social. Atentados contra a liberdade de imprensa ligados à cobertura do atentado e da guerra na Chechénia.

Autores do atentado: Matérias sobre a guerrilha chechena, as ligações da mesma à al-Qaeda, as motivações dos terroristas, etc. Dados sobre outros atentados e acções dos terroristas chechenos e da al-Qaeda.

Voz editorial e argumentação em geral: Matérias argumentativas, opinativas e analíticas sobre o atentado. Incluíram-se nesta categoria os editoriais e as colunas de opinião e análise.

Outros assuntos: Todas as matérias que referenciam o atentado e cujo tema central não cabe nas categorias anteriores.

Hipótese 3: O carácter brutal do atentado promoveu a informação noticiosa.

Pergunta de pesquisa 3: Quais os géneros textuais usados para a cobertura do atentado?

Variáveis: Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm²), em função dos géneros textuais.

Categorias de análise do discurso:

Matérias predominantemente noticiosas (notícias, reportagens, etc.) e documentais: Relatos essencialmente noticiosos (descritivos, narrativos e com citações) sobre o acontecimento, comportando informação nova e actual. Colunas de reacções verbais. Infográficos noticiosos. Entrevistas. Matérias predominantemente documentais: matérias jornalísticas que funcionam como *background* informativo e documental para notícias, reportagens, entrevistas, etc. Infográficos de contextualização da informação.

Matérias predominantemente argumentativas ou analíticas (editorial, coluna, comentário, artigo, etc.): Matérias que, regra geral, surgem espacialmente bem delimitadas, apresentam um conteúdo argumentativo, analítico ou opinativo e são assinadas. Geralmente, são matérias que não trazem informação nova, antes se debruçam sobre dados conhecidos, que servem de base à interpretação e argumentação. Reacções pessoais e impressivas ao atentado, mesmo quando a preocupação não é eminentemente argumentativa. Incluem-se nesta categoria os cartoons jornalísticos.

Outra tipologia: Matérias que não cabem nas categorias anteriores.

Hipótese 4: A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas (revistas portuguesas), brasileiras (revistas brasileiras), russas e chechenas.

Hipótese 5: As fontes oficiais são dominantes.

Pergunta de pesquisa 4: Quais são as fontes presentes nas matérias sobre o atentado?

Variáveis: Presença das fontes nas matérias (excluindo o produtor do texto), em número de referências e frases citadas. (As citações indirectas, como, por exemplo, um jornal que cita uma declaração de terceiros retirada de outro jornal, foram contabilizadas em função da fonte inicial.)

Categorias de análise do discurso A:

Brasileiros: Fontes brasileiras, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações brasileiras.

Portugueses: Fontes portuguesas, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações portuguesas.

Russas: Fontes russas, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações russas. Inclui pessoas e instituições da Ossétia do Norte.

Chechénia: Fontes chechenas, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações chechenas. Exclui os perpetradores do atentado e os fundamentalistas islâmicos independentistas.

Autores do atentado e al-Qaeda: Perpetradores do atentado, terroristas chechenos e al-Qaeda. Não foram contabilizadas as exigências dos terroristas, incluídas na narração, como citações dos autores do atentado.

Fontes internacionais: Representantes e altos funcionários das Nações Unidas e de outras organizações internacionais; Nações Unidas e organizações internacionais enquanto pessoas colectivas.

Fontes ocidentais em geral: Fontes dos países da Europa, com exclusão dos países predominantemente islâmicos (Turquia, Bósnia, Albânia), de Portugal, do Brasil e da Rússia. Fontes de países ocidentais, como os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, a Argentina ou a Nova Zelândia. Inclui o Vaticano.

Fontes de países islâmicos: Fontes pertencentes a países onde o Islão é a religião do estado ou a países oficialmente laicos mas em que o islamismo é dominante, como a Turquia, a Albânia ou mesmo a Bósnia.

Outras nacionalidades: Fontes de nacionalidades não referenciadas anteriormente.

Indeterminadas ou anónimas: Fontes cuja nacionalidade é impossível de determinar pela análise do discurso.

Categorias de análise do discurso B:

Fontes "oficiais": Instituições nacionais ou internacionais. Políticos, diplomatas e altos funcionários. Representantes de organizações e instituições. Representantes das forças armadas, dos bombeiros e outros agentes da protecção civil.

Autores do atentado e al-Qaeda e seus apoiantes: Perpetradores do atentado; fontes ligadas à al-Qaeda. Apoiantes do terrorismo islâmico e dos independentistas chechenos. Exclui as exigências divulgadas após o sequestro.

Especialistas e comentadores: Pessoas que embora não representem uma instituição ou organização são citadas como especialistas nos assuntos em causa. Inclui jornalistas e oficiais das forças armadas e de segurança funcionando como comentadores e especialistas.

Religiosos: Fontes religiosas representativas.

Fontes jornalísticas: Jornalistas ou órgãos jornalísticos que dão informação a outros jornalistas ou órgãos jornalísticos, excepto quando figuram noutra qualidade.

Populares: Fontes populares não incluídas nas categorias anteriores, especialmente feridos e testemunhas quando não englobados noutras categorias mais apropriadas. Funcionários não representantes das suas instituições. Não foram contabilizadas “interjeições” dos reféns, como “Água, água, água!”, como citação.

Outras fontes e fontes anónimas: Fontes não incluídas nas categorias anteriores. Fontes anónimas.

Sequestrados: Reféns que contaram a sua experiência.

Crianças: Crianças como fontes.

Hipótese 6: As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.

Pergunta de pesquisa 5: Quais os enquadramentos temáticos das fotografias jornalísticas sobre o atentado e que relação se pode estabelecer, caso exista, entre os enquadramentos temáticos e o tamanho das fotos?

Pergunta de pesquisa 6: Quais as personagens nas fotografias?

Variáveis: Quantidade de foto-informação sobre o atentado (número de fotos e espaço ocupado em cm²), em função do conteúdo, tamanho das fotos, em função do conteúdo; personagens presentes nas fotografias.

Categorias de análise do discurso:

Mortos e luto: Fotografias de mortos no atentado e de pessoas a chorarem as vítimas.

Atentado e socorros: Fotografias do local do atentado e das forças de segurança em acção. Socorros às vítimas.

Terroristas: Fotografias de terroristas islâmicos.

Políticos: Fotografias cujo tema central é a representação de políticos e/ou das suas actividades.

Outros atentados: Fotos de outros atentados, recuperadas com fins de enquadramento.

Outros conteúdos: Fotografias com outros conteúdos. Fotografias com conteúdos não relacionáveis com o atentado presentes em matérias que referiam este acontecimento.

Além das questões atrás sistematizadas, definiu-se ainda uma derradeira pergunta de investigação, cuja resposta obrigou a uma análise qualitativa do discurso (orientada para o caso geral e não para matérias em particular) e onde se teve em conta que a linguagem é produtiva e incapaz de espelhar a realidade e que os discursos são selectivos e focalizados, mostrando na mesma medida em que ocultam (Traquina, 2002; Fairclough, 1992, 1995; Bell e Garrett, 1998; Fowler, 1991):

PP 7 De que forma a linguagem usada para a cobertura do atentado indicia enquadramentos e enfiamentos intencionais ou não intencionais introduzidos na informação pelos actores do processo informativo?

Foram, assim, analisadas quantitativamente as primeiras edições das revistas brasileiras *Veja* (8 de Setembro), *Isto É* (8 de Setembro) e *Época* (6 de Setembro) e das revistas portuguesas *Visão* (9 de Setembro), *Focus* (8 de Setembro) e *Sábado* (10 de Setembro) publicadas logo após o atentado. Embora para efeitos de quantificação do destaque dado ao atentado se tenham analisado globalmente os números das publicações atrás referidas, o objecto de estudo específico resumiu-se às matérias que referenciaram directa ou indirectamente o atentado.

As matérias foram classificadas pelos dois pesquisadores, sendo que a aferição de fiabilidade inter-codificadores foi em todos os casos necessários feita em função do conjunto de matérias codificadas.

Os dados das primeiras páginas foram contabilizados em separado, pelo que todos os dados abaixo que não mencionem o facto de se tratarem de dados recolhidos das primeiras páginas devem ser considerados como dados provenientes do corpo das revistas.

2. Resultados e discussão

2.1 Análise quantitativa

A análise quantitativa do discurso permitiu observar que as revistas tiveram comportamentos algo diferenciados menos dependentes da nacionalidade do que das linhas editoriais das revistas, conforme se constata pelos dados expostos abaixo.

Quadro 1
Destaque dado ao atentado nas primeiras páginas

	<i>Veja</i>	<i>Época</i>	<i>Isto É</i>	<i>Visão</i>	<i>Focus</i>	<i>Sábado</i>
Total de chamadas informativas	1	1	1	2	2	2
Chamadas sobre o atentado	1	0	0	1	1	1
% chamadas sobre o atentado	100	0	0	50	50	50
Espaço informativo total (cm ²)	538	530	530	548	662	550
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	538	0	0	509	459	35
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	100	0	0	92,9	69,3	6,4
Total de fotografias de notícias na capa	1	1	1	1	4	2
Número de fotografias sobre o atentado na capa	1	0	0	1	1	1
% fotografias sobre o atentado no número de fotografias na capa	100	0	0	100	25	50
Espaço fotográfico total na capa (cm ²)	537	486	460	482	416	388
Espaço fotográfico sobre o atentado na capa (cm ²)	537	0	0	482	380	16
% do espaço fotográfico da capa dedicado ao atentado (cm²)	100	0	0	100	91,3	4,1

As revistas que deram mais atenção ao atentado nas primeiras páginas foram a *Veja* e a *Visão* e ainda a *Focus*. Pode também dizer-se que as revistas portuguesas deram, no geral, mais destaque ao atentado do que as brasileiras, já que todas as portuguesas “puxaram” o assunto à primeira página, ao contrário das brasileiras, embora na *Sábado* o assunto tivesse tido uma importância residual. Assim, é possível afirmar que, ao contrário do que sucedeu nas outras revistas, o atentado mobilizou a atenção informativa da *Veja*, da *Visão* e da *Focus*. A *Veja* dedicou-lhe a totalidade da primeira página, a *Visão* cedeu-lhe quase 93% da superfície da “um” e a *Focus* usou 69,3% da primeira página para evocar o atentado.

Do mesmo modo, as revistas que deram mais atenção fotojornalística ao atentado nas primeiras páginas foram a *Veja* (100% do espaço ocupado por fotografias foi ocupado por uma fotografia sobre o atentado), a *Visão* (igualmente 100% do espaço ocupado por fotografias ocupado por uma fotografia sobre o atentado) e ainda a *Focus* (91,3%). Pode, igualmente, dizer-se que as revistas portuguesas deram, no geral, mais destaque fotográfico ao atentado do que as brasileiras, já que todas as portuguesas “puxaram” fotos sobre o assunto à primeira página, ao contrário das brasileiras (só a *Veja* o fez), embora na *Sábado* o assunto tivesse tido uma importância residual (apenas uma pequena foto referenciava o atentado, ocupando somente 4,1% do espaço concedido à foto-informação na primeira página).

Por um lado, os resultados mostram que para a *Veja*, a *Visão* e a *Focus* e para os seus jornalistas, o atentado constituiu o assunto mais importante da actualidade, possivelmente devido à transnacionalidade e transorganizacionalidade dos critérios de noticiabilidade; por outro lado, se os meios têm a capacidade de definir simbolicamente a importância de um acontecimento e a gravidade de uma crise, então é visível que o atentado foi socialmente comunicado através das três revistas como sendo uma crise grave, provavelmente por estabelecer um novo patamar no terror e na conceptualização do desvio às normas (culturais) de convivência social: a violência maciça contra crianças. Os brasileiros e portugueses leitores dessas revistas (sendo de lembrar que a *Veja* é a revista generalista de maior circulação no Brasil e a *Visão* a *newsmagazine* de maior circulação em Portugal) consumiram, assim, mensagens formalmente similares. Porém, simbolicamente o atentado foi desvalorizado pelas restantes revistas. A *Sábado* reservou a “um” para uma matéria sobre o casamento, a *Isto É* reservou-a para um herói brasileiro das Olimpíadas e a *Época* (“gémea” da *Focus*) reservou a primeira página para outro tema soft, o da “sorte”. Para essas revistas, editorialmente o terror será menos compensador, como opção editorial, do que matérias ligadas ao lado “positivo” da vida. No seu segmento de mercado, o enfoque positivo venderá mais.

Quadro 2
Destaque dado ao atentado no corpo das revistas

	<i>Veja</i>	<i>Época</i>	<i>Isto É</i>	<i>Visão</i>	<i>Focus</i>	<i>Sábado</i>
Total de matérias	105	46	46	108	68	67
Matérias sobre o atentado	4	1	2	8	11	7
% matérias sobre o atentado	3,8	2,2	4,3	7,4	16,2	10,4
Espaço informativo (cm ²)	46 806	39 750	45 580	49 320	56 495	56 000
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	8 592	1 590	2 120	7 040	5 087	3 668
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	18,4	4	4,6	15,4	9	6,5

Quanto ao espaço dedicado ao atentado no corpo das revistas, estas podem separar-se em três grupos:

- Por um lado, a *Visão* (7040 cm², 15,4% da superfície informativa dedicada ao atentado) e a *Veja* (8592 cm², 18,4% da superfície informativa dada ao acontecimento), que fizeram uma ampla cobertura do atentado, apontando para a elevada importância simbólica do acontecimento;
- No ponto diametralmente oposto, situam-se as restantes revistas brasileiras (a *Isto É*, que dedicou 2120 cm², 4,6% da superfície informativa, ao atentado; e a *Época*, que dedicou 1590 cm², 4% da superfície informativa, ao acontecimento);
- Finalmente, a *Sábado* (6,5% da superfície informativa dedicada ao atentado, 3668 cm² em números absolutos) e a *Focus* (9% da superfície informativa dedicada ao atentado, 5087 cm² em valores absolutos), podem situar-se num ponto intermédio no que respeita ao destaque dado ao atentado.

No conjunto, pode, também, dizer-se que as revistas portuguesas falaram mais do atentado do que as brasileiras, quer por eventuais razões de proximidade geográfica, quer porque, hipoteticamente, o terrorismo afecta mais os europeus do que os brasileiros, pese, embora, o comportamento dissonante da *Veja* no quadro das revistas brasileiras.

Os dados do quadro 2 também permitem dizer que as revistas portuguesas tendem a fragmentar mais a informação (mais matérias com menos superfície cada matéria) do que as brasileiras, o que indicará diferenças editoriais resultantes da nacionalidade.

Quadro 3

Destaque dado ao atentado no contexto da informação internacional

	<i>Veja</i>	<i>Época</i>	<i>Isto É</i>	<i>Visão</i>	<i>Focus</i>	<i>Sábado</i>
Matérias internacionais	23	17	9	30	24	28
Matérias sobre o atentado	4	1	2	8	11	7
% matérias sobre o atentado	17,4	5,9	22,2	26,7	45,8	25
Espaço informativo internacional (cm ²)	18 375	13 250	9 010	15 173	14 300	9 900
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	8 592	1 590	2 120	7 040	5 087	3 668
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	46,8	12	23,5	38,2	35,6	37

Os dados do quadro 3 permitem reforçar os do quadro 1, pois em todas as revistas, com exclusão da *Época* (provavelmente por força da linha editorial desta última revista), que apenas dedica ao acontecimento 12% do espaço dedicado à informação internacional, o atentado foi tema forte no âmbito da informação internacional (com destaque para a *Veja*, a *Visão*, a *Focus* e a *Sábado*), dada a forte noticiabilidade do acontecimento. A *Veja* dedica ao acontecimento 46,8% do espaço dedicado à informação internacional, a *Visão* concede-lhe 38,2% do espaço informativo internacional; a *Sábado* atribui-lhe 37% do espaço informativo internacional, a *Focus* 45,8% e a *Isto É* 23,5%. O fraccionamento da cobertura dá às revistas portuguesas *Visão* (26,7%), *Focus* (45,8%) e *Sábado* (25%) uma maior percentagem de matérias sobre o atentado no contexto da informação internacional, ficando-se a *Veja* pelos 17,4%, a *Época* por 5,9% e a *Isto É* por 22,2%.

Assim, simbolicamente, as revistas anunciaram aos leitores lusófonos que o atentado merecia a atenção internacional da comunidade, tendo em conta o desvio à “normalidade” que esse acontecimento encerrou.

Quadro 4
Temáticas centrais da cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	2	50	6 440	75	2	25	4 573	76,9
Reacções verbais	0	0	0	0	0	0	0	0
Contexto, consequências e repercussões	2	50	2 152	25	2	25	675	11,4
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	1	12,5	107	1,8
Autores do atentado	0	0	0	0	2	25	301	5,1
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	1	12,5	288	4,8
Outros assuntos	0	0	0	0	0	0	0	0

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	1	50	1 941	91,6	2	28,6	1828	49,8
Reacções verbais	0	0	0	0	0	0	0	0
Contexto, consequências e repercussões	1	50	179	8,4	2	28,6	908	24,7
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	0	0	0	0
Autores do atentado	0	0	0	0	0	0	0	0
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	2	28,6	780	21,3
Outros assuntos	0	0	0	0	1	14,3	152	4,1

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	1	100	1 590	100	4	36,4	2 893	56,9
Reacções verbais	0	0	0	0	1	9,1	74	1,5
Contexto, consequências e repercussões	0	0	0	0	2	18,2	1 038	20,4
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	0	0	0	0
Autores do atentado	0	0	0	0	1	9,1	556	10,9
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	1	9,1	212	4,2
Outros assuntos	0	0	0	0	2	18,2	314	6,2

Pi= 1

As revistas apresentam algumas semelhanças na centralidade informativa concedida ao atentado em si (*O que ocorreu? Como ocorreu?*). Tal facto correlacionar-se-á com o grau de choque que o acontecimento provocou nas sociedades portuguesa e brasileira. Os jornalistas de Portugal e do Brasil, antes de mais, vivem no seio das respectivas sociedades e culturas (de matriz ocidental), pelo que terão percepcionado o atentado como um acontecimento profundamente desviante em relação às normas vigentes em ambas as sociedades. O choque e a comoção terão levado as revistas a relembrarem os eventos e fazerem o luto, conforme pretende Herman (1992: 15).

O segundo vector de cobertura, em todas as revistas (com excepção da *Época*, que só fala do que aconteceu e como aconteceu), recaiu na resposta a “*porquê?*”, o que significou explorar o contexto da situação. Ter uma explicação para acontecimentos traumáticos e violentos, inclusivamente por motivos de segurança pessoal, parece ser recorrente entre os seres humanos e, conseqüentemente, entre os meios jornalísticos, conforme se descortina pela cobertura de vários atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b).

As revistas que mais fragmentaram a cobertura do acontecimento, *Visão* e *Focus*, aproveitaram para caracterizar, com intenções contextuais, os assassinos nacionalistas chechenos e fundamentalistas islâmicos que perpetraram o acto (resposta a “*quem?*”).

A *Visão* é a única que individualiza numa matéria a política do Kremlin de restrição a liberdade (real) de imprensa no caso do conflito checheno, por vezes por meios obscuros e envidados. Tendo em conta os valores jornalísticos, como o apego à liberdade de expressão e de informação, seria de esperar que as restantes revistas individualizassem esse tema.

Há que referir, por outro lado, que as revistas, com excepção da *Veja*, procuraram resistir a misturar argumentação e a expressão da revolta com os conteúdos noticiosos. Na *Veja*, a “voz editorial” e a “argumentação” insinuam-se no relato noticioso. O relato adquire, assim, características mistas noticioso-argumentativas. Em suma, a *Veja* denotou, nesse particular, uma mais vincada *latinidade* na cobertura do que as restantes, que procuraram seguir mais a via de separação entre notícia e comentário, aberta pelo jornalismo noticioso anglo-saxónico³. As revistas portuguesas, inclusivamente, procuraram demarcar os espaços para a voz editorial, nos quais se plasmou o seu posicionamento colectivo.

Ao contrário do sucedido com jornais diários na cobertura de atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b), as revistas, com excepção da *Focus*, não incluíram matérias de reacções verbais ao acontecimento, o que evidencia as diferenças nas rotinas profissionais entre diários e revistas semanais, que apresentam formas diferentes de reagir ao inesperado e, até certo ponto, de o rotinizar.

³ Há que referir, inclusivamente, que a própria matéria de fundo da *Visão* sobre o atentado foi um exclusivo da revista norte-americana *Time*.

Quadro 5

Géneros textuais usados na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	4	100	8 592	100	7	77,5	5 656	95,2
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	1	12,5	288	4,8

	<i>Isto é</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	2	100	2 120	100	3	42,9	1 980	54
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	4	57,1	1 688	46

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	1	100	1 590	100	9	81,8	4319	84,9
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	2	18,2	768	15,1

Pi = 1

As matérias noticiosas são predominantes em todas as revistas. O elevado grau de desvio do acontecimento em relação ao que é visto como sendo normal em sociedades de matriz cultural essencialmente ocidental, como a portuguesa e a brasileira, aliado à surpresa e ao choque, poderá constituir o conjunto de razões que estiveram na base do fenómeno. Houve que recordar *o que aconteceu e como aconteceu* para, posteriormente, se fazer o luto. Houve que recordar *o que aconteceu e como aconteceu* para, só depois, se buscarem explicações para o acontecimento.

De qualquer modo, a predominância das matérias noticiosas está também relacionada com o principal papel do jornalismo em sociedade: informar. Recorde-se, por exemplo, o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), para quem o jornalismo que descure a informação não tem condições para sobreviver. A essa explicação pode acrescentar-se a interpretação de Traquina (2001: 98), na linha de Tuchman (1978), segundo a qual o jornalismo se direcciona para os acontecimentos em detrimento das problemáticas devido ao valor do imediatismo e à “definição de jornalismo como relatos actuais sobre acontecimentos actuais”. O factor tempo (Schlesinger, 1977), o papel da cronamentalidade na cultura jornalística (Schudson, 1986 a; Schudson, 1986 b), o ciclo temporal diário de produção rotineira de informação, que culmina no fecho (Traquina, 2001), as expectativas da audiência (Sousa, 2000) são factores que também contribuirão para esse

direcionamento do processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas e, por consequência, para a informação noticiosa em detrimento de outros tipos de informação.

Quadro 6

Nacionalidade das fontes usadas na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0
Russa (e osseta)	1	50	1	50	16	80	19	70,4
Chechena	0	0	0	0	4	20	8	29,6
Internacionais	1	50	1	50	0	0	0	0
Mundo Ocidental	0	0	0	0	0	0	0	0
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	0	0	0	0	0	0	0	0

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0
Russa (e osseta)	2	40	2	22,2	5	62,5	8	72,7
Chechena	0	0	0	0	0	0	0	0
Internacionais	0	0	0	0	0	0	0	0
Mundo Ocidental	2	40	6	66,7	3	37,5	3	27,3
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	1	20	1	11,1	0	0	0	0

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	2	8,7	7	15,2
Russa (e osseta)	1	20	1	14,3	12	52,2	25	54,3
Chechena	0	0	0	0	3	13	5	10,9
Internacionais	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Mundo Ocidental	3	60	4	57,1	5	21,7	7	16,3
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	1	20	2	28,6	0	0	0	0

Conforme é visível pelo quadro 6, as revistas tiveram um comportamento dissonante no que respeita à utilização de fontes, sendo, no geral, as revistas portuguesas mais polifónicas do que as brasileiras, excluindo a *Sábado*. As revistas procuraram, também, oferecer aos leitores uma *visão autóctone* do acontecimento, citando fontes locais russas e ossetas, o que ajuda a *credibilizar* e a *certificar* a informação. Por outro lado, é de destacar que as revistas não seguiram o caminho mais

fácil e rotineiro, que seria recorrer, essencialmente, a fontes nacionais, devido à facilidade de acesso.

Ao *indicar o caminho e o esforço do jornalista* na pesquisa de informação (as notícias dão pistas do trabalho jornalístico), a citação de fontes relevantes também significa uma *aposta na qualidade* do produto jornalístico.

É de registar que o grau de polifonia por vezes depende do potencial trazido pela *facilidade de acesso às fontes*. No caso da *Visão*, que publicou um exclusivo da revista norte-americana *Time*, o relativo grau de polifonia observado deveu-se, em grande medida, à existência de um jornalista da *Time* no *espaço do acontecimento*. Do mesmo modo, a *Sábado* beneficiou com a publicação de um exclusivo do diário espanhol *El Mundo*, que enviou um jornalista para o local.

Quadro 7
Tipologia das fontes usadas na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes “oficiais”	0	0	0	0	3	15,8	6	20,6
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	4	21	8	29,5
Especialistas e comentadores	1	50	1	50	2	10,5	3	10,6
Religiosos	0	0	0	0	0	0	0	0
Fontes jornalísticas	1	50	1	50	0	0	0	0
Populares	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3
Outras fontes e fontes anónimas	0	0	0	0	0	0	0	0
Crianças	0	0	0	0	0	0	0	0
Sequestrados	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes “oficiais”	1	20	1	11,1	5	62,5	8	72,7
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	0	0	0	0
Especialistas e comentadores	2	40	6	66,7	0	0	0	50
Religiosos	0	0	0	0	0	0	0	0
Fontes jornalísticas	0	0	0	0	0	0	0	0
Populares	1	20	1	11,1	3	37,5	3	27,3
Outras fontes e fontes anónimas	1	20	1	11,1	0	0	0	0
Crianças	0	0	0	0	2	25	2	18,2
Sequestrados	1	20	1	20	0	0	0	0

	Época				Focus			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes “oficiais”	1	20	1	14,3	7	30,4	15	32,6
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Especialistas e comentadores	4	80	6	85,7	5	21,7	11	23,9
Religiosos	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Fontes jornalísticas	0	0	0	0	1	4,4	1	2,2
Populares	0	0	0	0	7	30,4	15	
Outras fontes e fontes anónimas	0	0	0	0	1	4,4	1	2,2
Crianças	0	0	0	0	4	17,4	10	21,7
Sequestrados	0	0	0	0	5	21,7	11	23,9

Se bem que a teoria do jornalismo (ver, por exemplo: Traquina, 2001; Traquina, 2002; Sousa, 2000) aponte para o tendencial predomínio de fontes “oficiais” nas notícias, a cobertura do atentado pelas revistas foi marcada por uma certa polifonia, em especial nas revistas portuguesas *Focus* e *Visão*. As fontes “oficiais” apenas são maioria relativa nas revistas portuguesas *Focus* (a única que inclui uma coluna de reacções verbais ao atentado) e *Sábado*.

É de referir que a *Visão*, a *Focus* e a *Isto É* citam sequestrados, sendo que a *Focus* cita, inclusivamente, crianças sequestradas, o que funcionou como um tocante manifesto de condenação dos terroristas e do terrorismo pelas suas próprias vítimas. Esta opção permitiu ganhos de *autenticidade* e *vivacidade* na cobertura e de *realismo* no relato. Desse modo, torna-se notório que *as condições de acesso às fontes, por meios directos ou indirectos, condicionam a qualidade (e a polifonia) da cobertura*, sendo que o acesso às fontes depende da existência e das condições de actuação de jornalistas no *espaço do acontecimento*, que podemos definir como o *espaço físico, social e temporal onde o acontecimento e as interacções sociais que este gera têm lugar*. De qualquer maneira, é de realçar que, embora, eventualmente, carentes de informação, as revistas não caíram na tentação fácil e rotineira de auscultar unicamente as “fontes oficiais”, designadamente os detentores de poder político, sobre o acontecimento, indiciando que, pelo menos em ocasiões de crise e choque, a *rotinização do inesperado* faz-se, também, numa lógica de fuga aos canais de rotina dominantes e habituais. Ou seja, *em condições de choque e trauma, os populares podem ser rotineiramente citados, como vítimas ou testemunhas*.

De salientar que as crianças e adolescentes, vítimas principais de um acto terrorista inconcebível no quadro da civilização ocidental (onde a violência contra as crianças pode ser vista como a última fronteira do terror e da barbárie), só tiveram voz na *Focus* e na *Sábado*, embora esta circunstância

também possa ter decorrido de preocupações éticas dos jornalistas, que procuraram não molestar as crianças e tentaram protegê-las na sua dor e sofrimento.

Destaque ainda para o facto de a *Visão* e a *Focus* terem referido os terroristas, mas em duas perspectivas. A *Visão* acentua a sua crueldade; a *Focus* evoca, em viva voz, as atrocidades cometidas pelos russos na Chechénia.

Quadro 8
Relevância da informação visual sobre o atentado

<i>Veja</i>		<i>Visão</i>	
Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual	Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual
4 643	54	2 413	28,1

<i>Isto É</i>		<i>Sábado</i>	
Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual	Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual
999	47,1	1 552	35,3

<i>Época</i>		<i>Focus</i>	
Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual	Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual
703	44,2	2 282	48,6

Os dados do quadro 8 evidenciam que as revistas brasileiras e a *Focus* foram mais gráficas e visuais do que a *Visão* e a *Sábado* na cobertura do atentado, por eventuais razões de linha editorial e design. No entanto, pode dizer-se que todas as revistas aproveitaram a informação visual, designadamente infográficos e fotografias jornalísticas, enquanto modalidades discursivas próprias e identitárias do jornalismo impresso, já que as imagens aportam informação e facilitam a compreensão (Sousa, 1998). Além disso, como as imagens tendem a assinalar e destacar os enunciados verbais, pode dizer-se que a cobertura que as revistas fizeram do atentado foi *enfática*, no sentido de que as imagens contribuíram para reforçar, simultaneamente, a importância do acontecimento e da cobertura. As fotografias, *facultando o direito a ver*, permitiram também um maior *entranhamento* e *compreensão* do choque e do terror, mostrando as circunstâncias do sequestro e do ataque aos terroristas, as feições aterrorizadas das crianças, a dor profunda das mães que encontravam os seus meninos e meninas mortos e das pessoas que choravam e lamentavam a perda dos seus entes mais queridos e inocentes.

Registe-se que é de colocar a hipótese de a percentagem de espaço concedida por algumas revistas (como a *Veja*) à cobertura visual do acontecimento possa decorrer também da inexistência, dentro

dos *timings*, de informação relevante para o texto, o que é enfatizado pelo facto de algumas das revistas (por exemplo, a *Veja*) terem mesclado mais a informação com a argumentação, por causa do choque.

Quadro 9
Tipo de informação visual

	<i>Veja</i>			<i>Visão</i>		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	18	4 393	94,6	21	2 326	96,4
Infográficos	3	250	5,4	2	87	3,6
Ilustrações	0	0	0	0	0	0

	<i>Isto É</i>			<i>Sábado</i>		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	6	876	87,7	9	1 007	64,9
Infográficos	2	123	12,3	2	545	35,1
Ilustrações	0	0	0	0	0	0

	<i>Época</i>			<i>Focus</i>		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	9	553	78,7	22	1 713	75,1
Infográficos	1	150	21,3	3	569	24,9
Ilustrações	0	0	00	0	0	0

Em articulação com os dados do quadro 8, o quadro 9 mostra que todas as revistas privilegiaram a fotografia entre os dispositivos de informação visual, embora tenham recorrido também aos infográficos. Pode concluir-se que a existência de imagens fortes, a capacidade que a fotografia tem de fazer do leitor uma testemunha indirecta dos acontecimentos, facultando o *direito a ver*, e o elevado potencial de dramatização visual do acontecimento geraram o predomínio da fotografia entre os dispositivos de informação visual, como é corrente no jornalismo impresso.

É de referir, tal como é identitário das revistas generalistas de informação geral, que todas as fotografias inseridas são coloridas (mais icónicas e realistas), com excepção de uma pequena imagem de arquivo de outro atentado, captada por uma câmara de segurança, publicada na *Visão*. Porém, algumas das fotografias são fotografias coloridas de fotografias a preto-e-branco, o que, para além de apelar à ideia de sobriedade e luto, provoca uma certa sensação de estranheza.

Quadro 10

Conteúdos da foto-informação sobre o atentado (tema principal das fotos)

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	5,5	530	12,1	7	33,3	754	32,4
Atentado e socorros	11	61,1	2 822	64,3	8	38,1	1 326	57
Terroristas	1	5,5	252	5,7	3	14,3	83	3,6
Políticos	1	5,5	226	5,1	0	0	0	0
Outros atentados (arquivo)	4	22,2	563	12,8	1	4,8	18	0,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	2	9,5	145	6,2
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	9	50	2 090	47,6	13	61,9	2 050	88,1

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	16,7	22	2,5	6	66,7	886	88
Atentado e socorros	4	66,7	608	69,4	1	11,1	52	5,2
Terroristas	0	0	0	0	1	11,1	52	5,2
Políticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros atentados (arquivo)	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros conteúdos	1	16,7	246	28,1	1	11,1	17	1,7
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	4	66,7	608	69,4	3	33,3	618	61,4

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	11,1	156	28,2	8	36,4	822	48
Atentado e socorros	3	33,3	310	56,1	7	31,8	540	31,5
Terroristas	2	22,2	22	4	2	9,1	149	8,7
Políticos	0	0	0	0	3	13,6	28	1,6
Outros atentados (arquivo)	2	22,2	51	9,2	1	4,5	24	1,4
Outros conteúdos	1	11,1	14	2,5	1	4,5	150	8,8
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	3	33,3	320	57,9	8	36,4	781	45,6

Pi = 1

O elevado grau de dramatismo visual das fotos do atentado e dos mortos e do luto por eles colocou as fotografias no centro da cobertura em todas as revistas, conforme se observa pelo quadro 10.

As crianças, assustadas ou mesmo mortas e feridas, centralizam a cobertura visual do atentado em todas as revistas, emprestando-lhe *carga dramática* e contribuindo, certamente, para chocar, horrorizar e *revoltar* os leitores.

As fotografias fixaram as expressões das crianças assustadas, as feições marcadas pela dor, os mortos em sacos de plástico (incluindo crianças), as crianças cheias de sangue, a angústia dos socorristas com crianças inconscientes, quiçá mortas, ao colo, a mão ensanguentada de uma criança morta segurando ainda uma pequena cruz (apelando à ideia de oposição do Cristianismo das vítimas contra o Islão dos algozes)... Pode, assim, dizer-se que todas as revistas aproveitaram, essencialmente, fotografias relacionadas com o atentado em si e as suas consequências mortais, optando por fruir do valor testemunhal das fortes imagens fotográficas do acontecimento e das vítimas e traumas que este causou. Foi, desse modo, valorizado o evento em si mesmo, a destruição, os socorros, os feridos, os mortos, em detrimento de outros enquadramentos.

De destacar, porém, a recuperação de informação visual sobre outros atentados, o que contribui, a par do texto, para enquadrar o ataque contra as crianças de Beslan na longa lista de atentados dos terroristas chechenos e dos fundamentalistas islâmicos, bem como, simultaneamente, para o enquadrar na lista dos actos de violência contra crianças. Esses enquadramentos visuais, que reforçam, ademais, os enquadramentos textuais, agravam, simbolicamente, a *culpa* dos terroristas, ao mesmo tempo que criam alvos visuais de condenação e excomunhão, cuja identificação é reforçada pela inclusão, em ambas as revistas, de fotografias de terroristas islâmicos.

Finalmente, é de salientar que o elevado grau de choque suscitado pelas imagens poderá ter contribuído para fomentar sensações de insegurança, incompreensão e estupefacção entre os leitores.

Quadro 11
Dimensão das fotos e enquadramento temático

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	1	5,5	0	0	0	0	7	33,3
Atentado e socorros	5	27,8	6	33,3	1	4,8	7	33,3
Terroristas	1	5,5	0	0	0	0	3	14,3
Políticos	1	5,5	0	0	0	0	0	0
Outros atentados	1	5,5	3	16,7	0	0	1	4,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	0	0	2	9,5
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	3	16,7	6	33,3	1	4,8	12	57,1

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	0	0	1	16,7	1	11,1	5	55,6
Atentado e socorros	1	16,7	3	50	0	0	1	11,1
Terroristas	0	0	0	0	0	0	1	11,1
Políticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros atentados	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros conteúdos	0	0	1	16,7	0	0	1	11,1
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	1	16,7	3	50	1	11,1	2	22,2

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	0	0	1	11,1	2	9,1	6	27,3
Atentado e socorros	1	11,1	2	22,2	0	0	7	31,8
Terroristas	0	0	2	22,2	0	0	2	9,1
Políticos	0	0	0	0	0	0	3	13,6
Outros atentados	0	0	2	22,2	0	0	1	4,5
Outros conteúdos	0	0	1	11,1	0	0	1	4,5
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	1	11,1	2	22,2	0	0	8	36,4

A informação sistematizada no quadro 11 reforça as ideias atrás apresentadas de que, na totalidade das revistas, a cobertura se centrou no atentado em si, nos socorros, na destruição e nos mortos e feridos. A *Focus*, a *Sábado* e, em menor grau, a *Veja* acentuam mais as consequências do atentado (os mortos e o luto), enquanto as restantes enfatizam mais o atentado em si e os socorros. Neste particular, o factor nacionalidade não aparenta ser relevante para destringir as revistas, mostrando que o jornalismo, no mundo ocidental, comunga várias opções editoriais, devido, hipoteticamente, aos valores comuns que estruturam a civilização ocidental e que cimentam a comunidade jornalística.

O elevado número de fotografias em que as *crianças-vítimas* são tema pode contribuir para chocar e sensibilizar o leitor. Mas essas imagens concorrem também, certamente, para a (re)construção e visualização mental do arquétipo da *criança-vítima*, que, com a figura do *terrorista islâmico*

checheno, constituem os dois arquétipos mais solidamente construídos e projectados por todas as revistas analisadas.

Quadro 12
Personagens nas fotos sobre o atentado

	<i>Veja</i>		<i>Visão</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	22	15,9	86	67,7
Feridos	27	19,6	7	5,5
Sequestrados	24	17,4	4	3,2
Populares	25	18,1	16	12,6
Terroristas	1	0,7	5	3,9
Políticos	1	0,7	0	0
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	38	27,5	9	7,1
Outras	0	0	0	0
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	31*	22,5	23*	18,1

	<i>Isto É</i>		<i>Sábado</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	0	0	70	39,3
Feridos	5	15,6	0	0
Sequestrados	3	9,4	89	50
Populares	15	46,9	18	10,1
Terroristas	0	0	1	0,6
Políticos	0	0	0	0
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	9	28,1	0	0
Outras	0	0	1	
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	5	15,6	159*	89,3

	<i>Época</i>		<i>Focus</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	0	0	3	2,6
Feridos	2	6,7	13	11,1
Sequestrados	0	0	12	10,3
Populares	21	70	70	59,8
Terroristas	2	6,7	2	1,7
Políticos	0	0	4	3,4
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	4	13,3	13	11,1
Outras	1	3,3	0	0
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	4	13,3	15	12,8

*Grande parte dos mortos está dentro de sacos pretos, o que impede verificar se são crianças.

Consolidando interpretações já explicitadas anteriormente, os dados do quadro 12 reforçam a ideia de que a informação fotográfica das revistas se orientou para as vítimas, ficando os outros autores do acontecimento, designadamente os terroristas, relativamente na bruma. Outros agentes do espaço público informativo, em especial os detentores do poder político, também foram algo ignorados, mostrando que, pelo menos em ocasiões de choque, nem sempre os jornalistas se apegam às rotinas que intensificam a presença das “fontes oficiais” nas notícias, incluindo nas foto-notícias. Por um lado, há sempre espaços de fuga aos canais de rotina dominantes; por outro lado, também pode ser considerada como rotina produtiva a tentativa de obter fotografias *do que aconteceu e das suas consequências*. Afinal, informar, visualmente, significa, antes de mais, *mostrar o que aconteceu, fazer do leitor testemunha, ainda que testemunha indirecta*.

Mortos, feridos e sequestrados do atentado de Beslan e de outros atentados (no caso das fotografias de arquivo recuperadas com novo enquadramento) constituem, com excepção da *Focus*, a maioria das personagens presentes nas fotos, sendo as revistas portuguesas *Visão* e a *Sábado* particularmente *foto-necrófilas*. Os populares, muitos deles angustiados pela dor, são outro grupo omnipresente na cobertura, que se orientou, solidariamente, para quem mais perdeu e sofreu. Socorristas, soldados e outros intervenientes no resgate surgem pouco nas imagens, devido às opções editoriais seguidas.

2.2 Análise qualitativa

2.2.1 Primeiras páginas (política editorial de vitrina)

As primeiras páginas das revistas podem agrupar-se em grupos de consonância. Por um lado, temos as revistas que “fazem” a primeira página com o atentado: *Visão*, *Focus* e *Veja*; por outro lado, temos as que nem sequer referem o tema na primeira página: a *Isto É* e a *Época*. A *Sábado* referencia o atentado na primeira página, mas de uma forma tão reduzida (e ao lado do anúncio da oferta de um livro do Garfield junto com a revista, em que o célebre gato dos cartoons surge numa postura cómica) que quase poderia ser integrada no grupo das revistas que não referem o atentado na “um”. Poderá dizer-se, assim, que as opções editoriais não parecem estar vincadamente relacionadas com a nacionalidade das revistas.

As revistas que não referem o atentado e a *Sábado* preferem opções editoriais essencialmente positivas nas primeiras páginas: o casamento (*Sábado*), a sorte (*Época*) e o triunfo de Vanderlei (*Isto É*). É de colocar por hipótese que algumas *newsmagazines*, ao procurarem seduzir o leitor

proporcionando uma leitura semanal mais descontraída do que os jornais diários, privilegiem temas positivos para as capas, tal e qual fazem as revistas cor-de-rosa e do coração.

Tendo em conta o objecto de estudo definido para a presente pesquisa, interessa analisar com mais pormenor as revistas que fazem as manchetes com o atentado ocorrido em Beslan: *Veja*, *Visão* e *Focus*.

Em primeiro lugar, é de referir que na *Veja*, apenas o atentado é evocado na “um”. Na *Visão*, há uma pequena referência, no cabeçalho, a um assunto quente da actualidade noticiosa portuguesa, mas quase toda a capa é preenchida com a referência ao atentado. Na *Focus*, a maioria da página é consagrada ao atentado, sendo incluída apenas uma coluna à esquerda com três referências, duas delas relacionadas com Portugal e a terceira chamando a atenção para uma pequena biografia do piloto de Fórmula 1 Michael Schumacher.

Em segundo lugar, as três revistas optaram por incluir uma única fotografia relacionada com o acontecimento na primeira página. A força da fotografia impulsionou-a para o centro da cobertura e do design das duas revistas. A fotografia ajuda a fazer-nos testemunhas (“ver é crer”) e conecta-nos com o que presenciamos, especialmente quando está em causa a comunidade (Felman, 1992: 204).

Em terceiro lugar, as fotografias escolhidas pelas três revistas para referenciar o acontecimento são semelhantes, evocando a dor das mães que perdem os filhos. Na *Veja*, uma mãe chorosa debruça-se incrédula e dolorosamente sobre o cadáver da filha pequena. A imagem foi propositadamente escurecida, manipulada. A escuridão domina a capa, traduzindo o luto universal. Só a criança morta surge coberta por um lençol branco, cor que evoca pureza. Na *Visão*, outra mãe, desesperada e comovida, exhibe um retrato do filho de tenra idade. O seu rosto lacrimante, desesperado, contrasta com o sorriso, para sempre apagado, do menino no retrato. A fotografia inserida pela *Focus* na capa é semelhante à da *Visão*. As fotografias escolhidas são um elemento de *condenação* do atentado, pois funcionam como *arquétipos* universais da dor e da comoção (a dor ocasionada pela perda de crianças pequenas é reconhecível e compreensível por todos). São imagens, aliás, que relembram padrões rotineiros de abordagem fotojornalística da realidade cultural e historicamente consolidados, pois são usados, pelo menos, desde os anos Trinta do século XX (Guerra Civil de Espanha, invasão da China pelo Japão, II Guerra Mundial...), precisamente por serem universalmente compreensíveis. A repetição de padrões de abordagem fotojornalística da realidade evidencia que há uma acção histórico-cultural sobre as foto-notícias, como pretende Sousa (2000 b). Em quarto lugar, as fotografias escolhidas para as primeiras páginas das três revistas reforçam as mensagens verbais. Na *Veja*, a homenagem às crianças assassinadas pelos terroristas islâmicos é singela. Não há propriamente um título, apenas uma referência espacial e temporal para a fotografia da capa e uma legenda: “Beslan, Rússia – 3 de Setembro de 2004 – Uma mãe russa acaricia o rosto da filha morta no ataque terrorista de chechenos e árabes que matou mais de duzentas pessoas”. Na

Visão, a condenação é mais explícita: “Beslan, 3 de Setembro de 2004 – O *Massacre* dos Inocentes” [itálico nosso]. Esta revista promete ainda, sensacionalisticamente, apresentar “As histórias de 57 horas de *drama* dentro da escola” [itálico nosso]. E ainda coloca o “carimbo” “*Terror* na Escola” [itálico nosso]. Na *Focus*, também se explicita, em antetítulo, que na escola de Beslan ocorreu um massacre – “*Massacre* na escola” [itálico nosso], sendo o título agitador: “O *Regresso* do Terror” [itálico nosso]. O subtítulo não deixa margem para dúvidas sobre a condenação do atentado: “Centenas de crianças vítimas do mais *bárbaro* atentado desde que, faz agora três anos, o mundo assistiu ao ataque às Torres Gémeas”. O enquadramento da *Focus* é, assim, evocativo, propondo que o ataque à escola de Beslan seja integrado na longa lista de sangrentos atentados dos fundamentalistas islâmicos, em que pontifica o 11 de Setembro. Se pensarmos, conforme explicitou Austin (1962) na sua teoria dos actos de fala, que os enunciados verbais não apenas geram significado mas também fazem algo, notamos que as três revistas difundem um apelo simbólico à condenação do atentado, através das palavras e das imagens, usadas, simultaneamente, para evocar e enquadrar o acontecimento e para atrair a atenção do leitor, comovendo-o e chocando-o, embora a *Visão* e a *Focus* o façam mais explícita e sensacionalisticamente do que a *Veja*. Inclusivamente, na *Visão*, a simbologia da palavra “Massacre”, também empregue pela *Focus*, é realçada pela cor vermelha (do sangue). A *Veja*, porém, assume uma postura menos sensacionalista, mais comedida, mantendo a sobriedade harmónica da cor escura em toda a capa, incluindo no logótipo da revista (a cinza). Essa sóbria contenção da *Veja* tem também o sentido de homenagem às crianças assassinadas: o atentado foi um momento de dor e comoção universais, sendo desnecessários quaisquer títulos de cores berrantes.

Em quinto lugar, a menção à data do acontecimento na *Visão* e na *Veja* sugere que 3 de Setembro de 2004 será um dia a evocar por muitos anos, que virá a funcionar como cabide noticioso (Traquina, 1988: 36) para matérias sobre terrorismo, islamismo e outros temas, como muitas outras datas funestas antes dessa (11 de Setembro, 11 de Março...)⁴. A menção ao tempo acentua, também, a *cronomentalidade* dos jornalistas, revelando quanto o *factor tempo* é crucial na sua cultura profissional.

Em suma, as três revistas têm primeiras páginas consonantes. Os enquadramentos jornalísticos do acontecimento indiciados nas primeiras páginas da *Veja*, da *Visão* e da *Focus* alimentam o sentimento colectivo e universal de incompreensão, repulsa e excomunhão. Além disso, em situações de choque as palavras parecem ser insuficientes, pelo que os jornalistas necessitam de recorrer a todos os recursos expressivos, verbais e imagísticos, para fazerem passar a mensagem e o respectivo enquadramento.

⁴ Vários órgãos de comunicação lembraram, de facto, o atentado, passado um mês.

2.2.2 Intenção informativa e enquadramentos

Independentemente do seu maior ou menor envolvimento, da sua maior ou menor contenção, as revistas procuraram informar sobre o atentado, o que também é uma forma de enquadrar a história. Relembrando, mais uma vez, o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), o jornalismo que descarta a informação não tem condições para sobreviver. Para vincarem essa intenção informativa, as revistas citaram fontes, incluindo especialistas e, pontualmente, os próprios terroristas, descreveram cenários, narraram acções, fizeram análises, recordaram factos históricos e outros de contexto, como podemos ver, a título exemplificativo, no quadro 11 (um exemplo de cada).

Quadro 11
Exemplos da intenção informativa

<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Exemplo de narração	Exemplo de narração
Quando algumas crianças escaparam, os terroristas as alvejaram de cima do telhado da escola. Muitas foram mortas com tiros nas costas. Nesse momento, os comandos russos invadiram.(...) Eles proibiram as crianças de comer e de tomar água. Podiam ir ao banheiro e aquelas que tentaram beber no vaso sanitário foram impedidas com tiros de metralhadora.”	Ouvem-se duas fortes explosões no interior do edifício, possivelmente das cargas colocadas no ginásio, cujo tecto acaba por cair parcialmente e provocar um elevado número de mortos e feridos.
Exemplo de citação de fonte (directa)	Exemplo de citação de fonte (parafraseada e directa)
“A raiz dos grupos chechenos é nacionalista e secular, mas muitos deles perceberam que só obteriam dinheiro e apoio internacional para sua causa se incorporassem o discurso e o modo de acção da Al Qaeda”, disse a <i>Veja</i> a americana Jessica Stern, da Universidade Harvard, especialista em terrorismo religioso. [Única citação.]	Putine (...) no seu discurso televisivo de sábado, parafraseou Estaline: “Mostrámos fraqueza, os fracos são batidos”. E prometeu um “novo conjunto de medidas para reforçar a unidade do país”, bem como um controlo mais apertado do Cáucaso.
Exemplo de citação de especialista	Exemplo de citação de especialista
“A raiz dos grupos chechenos é nacionalista e secular, mas muitos deles perceberam que só obteriam dinheiro e apoio internacional para sua causa se incorporassem o discurso e o modo de acção da Al Qaeda”, disse a <i>Veja</i> a americana Jessica Stern, da Universidade Harvard, especialista em terrorismo religioso. [Única citação.]	Segundo Alexei Malashenko, um analista do Centro Carnegie de Moscovo, a repressão de Putine contribuiu para criar uma facção radicalizada no seio do movimento separatista checheno que não hesita em pedir ajuda aos operacionais da “Al Qaeda. A “Al Qaeda connection” não é a causa do conflito no Cáucaso, refere Malashenko: “É um efeito da política de Putine”.
Exemplo de citação de terrorista	Exemplo de citação de terrorista
[Não encontrados excertos significativos.]	“Eles [forças russas] planeiam um assalto. Vamos defender-nos até à última bala, depois fazemo-nos explodir. Não temos nada a perder. Viemos aqui para morrer!”
Exemplo de descrição	Exemplo de descrição de cenário
Havia alunos de todas as séries, entre 7 e 17 anos. A maioria das crianças era do curso primário. Para enfrentar o calor, elas tiraram a roupa.	Na primeira noite do sequestro, a cidade estava estranhamente silenciosa. Grupos de pessoas sentavam-se em bancos frente às casas, onde geralmente apanhavam sol, muitas vezes de olhar vazio, por vezes rompendo em lágrimas. (...) Dentro do apinhado ginásio, as condições eram indescritíveis. As crianças encontravam-se debilitadas pela falta de água e alimentos e pelo calor opressivo.

Exemplo de informação de contexto	Exemplo de informação de contexto
Os russos conquistaram a Chechénia há mais de 200 anos. Desde então enfrentam movimentos armados pela independência por lá, uns mais intensos do que outros. Na verdade, a república só foi independente por uns poucos anos, no caos que se seguiu à revolução bolchevique. No fim da II Guerra, Stalin acusou os chechenos de terem colaborado com os nazistas e deportou toda a população para a Sibéria. Pueram voltar depois da morte do ditador, nos anos 50. Em 1991, quando a União Soviética enrolou a bandeira, os chechenos aproveitaram para declarar a independência, que não foi reconhecida por nenhum país.	Moscovo não hesitou em ligar os acontecimentos de Beslan ao “inimigo n.º 1” da Rússia, o comandante guerrilheiro Chamil Bassaiev (...). Duas experiências fizeram dele o mais feroz dos combatentes independentistas (...). Primeiro, as bombas russas sobre a sua aldeia natal de Vedeno, que lhe mataram onze membros da família, despertando-lhe o sentimento de vingança típico dos povos do Cáucaso (...). Depois, o sequestro de 1500 civis num hospital de Budyonnovsk, no Sul da Rússia, em 1995, a primeira acção de Bassaiev que acabou em tragédia: 150 mortos.
Exemplo de análise	Exemplo de análise
Apesar da Rússia já ter sido sacudida por atentados terríveis cometidos pelos chechenos, o ataque às crianças foi de tal ordem que significou, em muitos sentidos, o 11 de Setembro da Rússia.	O conflito checheno não se encaixa facilmente na “guerra ao terrorismo”. A maioria dos chechenos não partilha o fundamentalismo religioso da Al Qaeda, e não procura um regresso ao califado. O que pretende é um estado próprio, algo que Putin prometeu nunca lhes dar. Mas os rebeldes chechenos e os terroristas islâmicos estrangeiros têm ligações que se fortaleceram com o arrastar da guerra pela independência.
Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso	Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso
Não existe fé ou causa, por mais justa, que justifique o assassinio indiscriminado de quase 200 crianças como o perpetrado por terroristas islâmicos chechenos e árabes na semana passada em Beslan, na Rússia. A ousadia crescente e as crueldades sem limites do terror são o maior desafio enfrentado pelo mundo civilizado.	“Vladimir Putin, um ex-KGB, não se dá bem com as vozes incómodas (...).”

<i>Isto É</i>	<i>Sábado</i>
Exemplo de narração	Exemplo de narração
Um menino aparentando dez anos de idade, com a perna ensanguentada, ferido a bala, foi o primeiro a escapar, nos braços de um homem. Logo depois dele, veio outro, com um olho estilhaçado, carregado por um soldado. E assim foram saindo dezenas de crianças mutiladas, em pânico, seminuas, muitas quase desmaiadas depois de muito tempo sem água nem comida.	Um grupo terrorista pró-checheno de 33 homens e mulheres armados e encapuzados tomou a escola de assalto e fizeram reféns todos os seus ocupantes.
Exemplo de citação de fonte (directa)	Exemplo de citação de fonte (parafraseada e directa)
(...) como disse a <i>Isto É</i> Stephan Blank, analista do Centro Ásia-Cáucaso nos EUA. “O Cáucaso inteiro é um caldeirão étnico. Se a Geórgia entrar agora nesse conflito, a situação só pode piorar. Ainda mais porque até hoje a Rússia não conseguiu resolver sua situação com a Arménia cristã e o Azerbaijão muçulmano. E, diferentemente do que aconteceu na Bósnia ou no Kosovo, esse é um conflito em que o Ocidente não deverá interferir. Quem vai querer peitar uma potência como a Rússia?”, pergunta.	O Presidente Jacques Chirac insistiu que a Rússia estava “completamente aberta a quaisquer discussões sobre uma solução política”.
Exemplo de citação de especialista	Exemplo de citação de especialista
Como afirmaram os escritores Carlotta Gall e Thomas deWall no livro <i>Chechenya Calamity in Caucasus</i> (...), os russos “subestimaram constantemente as pessoas contra as quais estavam lutando e escolheram uma política de ataque total, sem deixar os chechenos com nenhuma opção a não ser resistir o mais desesperadamente possível”.	[Não encontrados excertos significativos.]
Exemplo de citação de terrorista	Exemplo de citação de terrorista
[Não encontrados excertos significativos.]	[Não encontrados excertos significativos.]
Exemplo de descrição	Exemplo de descrição (metafórica)
[Não encontrados excertos significativos.]	(...) já o chão do ginásio onde os reféns agonizaram durante três dias estava lavado com o próprio sangue (...)

	----- Um intenso odor a urina inunda a sala anexa ao ginásio.
Exemplo de informação de contexto	Exemplo de informação de contexto
O que faria uma mulher grávida ou outra, com um bebé de 18 meses, tornar-se uma <i>smernitsi</i> (mulher-bomba)? Na Chechénia, não é a vontade de derrubar o governo e instaurar um estado islâmico, como em outros países, mas o puro e humano desejo de vingança. (...) São geralmente jovens que perderam os maridos ou irmãos em ofensivas brutais da Rússia contra a Chechénia.	Força Delta / Estados Unidos – Principal grupo antiterrorismo do Exército norte-americano. Especializado em situações que exigem o resgate de reféns. Controlado pelo Pentágono, este grupo é composto por três esquadrões operacionais. Participou na operação Tempestade no Deserto, durante a Guerra do Golfo, entre muitas outras.
Exemplo de análise	Exemplo de análise
Na verdade, elas [“viúvas negras”] são consideradas uma vergonha para a população chechena, principalmente para os moderados (...). Também não faz parte da cultura do Cáucaso colocar mulheres na frente de batalha. Portanto, o que ocorre é que as organizações terroristas estão se aproveitando desse sentimento de vingança contra os russos para cooptá-las nessas missões suicidas.	A luta separatista na Chechénia, predominantemente muçulmana, é, em grande parte, o resultado da terrível crueldade que Estaline infligiu ao seu povo no final da II Guerra Mundial. Ao suspeitar que alguns chechenos ajudavam os nazis, o ditador deportou a população inteira da república para as estepes geladas do Cazaquistão.
Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso	Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso
[Não encontrados excertos significativos.]	Setembro tem mais uma data trágica que não será esquecida. O conflito da Chechénia é (...) um problema interno (...) que necessita de uma solução interna (...). <i>Insensatamente</i> [italico nosso], alguns líderes mundiais encorajaram Putin (...).

<i>Época</i>	<i>Focus</i>
Exemplo de narração	Exemplo de narração
Pouco antes das 10 horas da manhã, um grupo de homens com máscaras e explosivos na cintura invadiu o centro escolar, tomando como reféns cerca de 1200 pessoas, entre adultos, crianças e até bebés. As negociações arrastaram-se por dois dias.	No pátio onde, em ambiente de festa, se reuniam alunos com flores para os professores e familiares, os mais velhos notaram o grupo armado que atravessava a estrada. Tentaram escapar, mas acabaram cercados.
Exemplo de citação de fonte (parafraseada)	Exemplo de citação de fonte (directa)
O presidente Vladimir Putin afirmou que a prioridade desta vez era assegurar a vida dos reféns, e não preservar as razões de estado, como de costume.	“É uma tarefa difícil e amarga para mim falar agora. Uma tragédia horrível aconteceu na nossa terra”. Foram estas as primeiras palavras do Presidente Vladimir Putin à nação russa.
Exemplo de citação de especialista	Exemplo de citação de especialista
“O terrorismo continuará enquanto houver conflitos. E, por desgraça, não se pode conceber hoje um mundo sem conflitos”, afirma [Walter Laqueur, director do Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos (CSIS), de Washington].	“É impossível dizer como se faria a acção se acontecesse em Portugal. Em todas as situações há muitas variáveis em jogo e só o conhecimento total das variáveis permite delinear a acção. Para o antigo comandante do Grupo de Operações Especiais (GOE), Albano Matos, a solução deste tipo de problemas passa sempre pela negociação (...). Quando se passa à acção, o objectivo final, que é a libertação dos reféns, não pode ser perdido de vista: “Tudo o resto – fuga, detenção ou abate dos sequestradores – é marginal.”
Exemplo de citação de terrorista	Exemplo de citação de terrorista
[Não encontrados excertos significativos.]	“Não sabem o que os vossos soldados fizeram lá [Chechénia] ao nosso povo. Não têm ideia de quão terrível é a nossa vida”.
Exemplo de descrição	Exemplo de descrição de cenário
[Não encontrados excertos significativos.]	No interior da escola, os sequestradores entrincheiravam-se usando reféns como escudos humanos.
Exemplo de informação de contexto	Exemplo de informação de contexto
Os alvos escolhidos [pelos terroristas islâmicos] não são necessariamente os países inimigos, e sim locais vulneráveis. Até mesmo nações neutras tornaram-se palco de acções armadas, em embaixadas ou sedes de empresas	Encravada no Cáucaso, a Chechénia (...) passou a fazer parte do Império Russo no século XIX, esteve sob domínio soviético. Estaline deportou os chechenos para a Sibéria, por colaboração com as tropas hitlerianas.

multinacionais.	Krutchov reabilitou-os e levou os sobreviventes de regresso ao Cáucaso. Ainda hoje Moscovo garante que continuam a fazer parte integrante da Federação Russa. Por mais tropas que mande, o Kremlin não consegue acabar com os rebeldes independentistas, cujas ligações ao terrorismo islâmico são evidentes.
Exemplo de análise	Exemplo de análise
O objectivo – desorganizar a sociedade e tomar o poder – continua o mesmo, mas alguns conceitos mudaram. O terrorismo passou a ser praticado por grupos de todos os espectros políticos, de sectários religiosos a extremistas de esquerda e de direita. Os ataques, principalmente de activistas islâmicos, deixaram de ser pontuais, e procuram agora atingir o maior número possível de vítimas.	Estas medidas servem a unidade da Rússia, que Vladimir Putin, ex-agente do KGB, tem tentado manter a todo o custo.
Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso	Exemplo de excerto opinativo em texto noticioso
Ignorar a aspiração à autonomia dos chechenos, por exemplo, e enfrentar as divergências pela via armada não parecem o melhor caminho.	[Não encontrados excertos significativos.]

O quadro 11 mostra que os jornalistas foram noticiosos e analíticos, mais até do que opinativos, na abordagem do atentado. São poucos, de facto, os excertos mais opinativos do que analíticos que surgem com peso significativo nas matérias noticiosas sobre o acontecimento, embora se notem na *Sábado*, na *Veja*, na *Visão* e na *Época*. Na *Focus* e na *Isto É* não foram detectados excertos essencialmente opinativos nas matérias noticiosas. O desvio tende a ser observável apenas ao nível mais minucioso do vocabulário usado para enquadrar o acontecimento e classificar os seus autores, como veremos.

A *Veja* é a revista em que mais se nota um certo envolvimento emotivo dos jornalistas no acontecimento, revelado, pontualmente, em alguns excertos mais opinativos do que informativos ou analíticos que se encontram nas matérias noticiosas. Veja-se o seguinte exemplo:

“Nada justifica a matança de quase duas centenas de crianças como a cometida por um grupo de terroristas islâmicos chechenos e árabes numa escola no interior da Rússia na semana passada. Durante três dias, 1200 pessoas, 70% delas crianças, professores e pais, foram submetidas a uma das piores atrocidades que um ser humano pode proporcionar a outro – a violência gratuita e a humilhação deliberada, planeadas nos detalhes para causar, a título de acção política, o máximo de dor e desespero.

(...)

Se a questão da Chechénia fosse só nacionalismo, já seria uma grande encrenca, mas se poderia encontrar uma solução no mundo racional. (...) O fundamentalismo islâmico, com sua pauta de destruição da civilização ocidental, coloca a luta dos chechenos num universo que a razão não consegue compreender.

(...)

Não há legitimidade em matar indefesos. O que distingue o terrorismo (...) é a ênfase no ataque a pessoas ou alvos sem justificativa ou necessidade militar. A estratégia terrorista consiste em lançar ataques ao acaso contra a população, de preferência quando está indefesa em suas actividades quotidianas (...). Sua intenção é apenas (...) tentar vergar pelo medo toda uma sociedade. Uma variação da teoria (...) é a de que todos os membros de uma determinada população (...) partilham dos pecados do regime que combatem e devem pagar por isso. É dessa vertente que se alimentam os fanáticos do fundamentalismo islâmico (...) [que] trucidaram criancinhas na Rússia. ”

A deriva mais opinativa do que analítica da *Veja* nas matérias predominantemente noticiosas poderá revelar uma reacção emotiva ao sucedido em Beslan, que se plasma nos textos, mas também poderá decorrer da hipotética insuficiência da informação disponível na redacção dessa revista (o que teria obrigado a preencher o espaço com reacções emotivas), insuficiência essa motivada pelas carências da rede de captura de informações que todos os órgãos de comunicação revelam.

É de referir, a propósito, que várias revistas se socorreram de contributos externos para a cobertura do acontecimento, evidenciando quanto o aproveitamento de sinergias entre os órgãos de comunicação é uma realidade a nível internacional. A *Sábado*, por exemplo, insere matérias do diário espanhol *El Mundo* e da prestigiada revista britânica *The Economist*. Por seu turno, a matéria principal da *Visão* é um exclusivo da revista *Time* e não uma peça de produção própria. Essa ocorrência evidencia a falta de abrangência da rede de captura informativa das revistas mencionadas. Com recursos humanos, materiais e financeiros inferiores à *Time*, ao *El Mundo* ou à *The Economist*, a *Visão* e a *Sábado*, tal como outros órgãos de comunicação, estabelecem parcerias e acordos de colaboração, mas, aparentemente, essa opção resulta na diminuição da produção própria e, em consequência, na redução da polifonia jornalística universal. No entanto, há que convir, em termos práticos, que é impossível a um órgão jornalístico ter jornalistas em todo o lado: por mais reduzidas que sejam as malhas da rede de captura de acontecimentos noticiáveis e por maior que seja essa rede, há sempre informação não acessível e que escapa, tornando-se necessário capturá-la com o auxílio das redes de captura informativa de outros órgãos jornalísticos.

É de notar que embora a *Veja* tenha sido a única revista a derivar para a reacção mais opinativa do que analítica ao acontecimento em matérias predominantemente noticiosas, outras revistas também reagiram ao atentado, mas nos espaços claramente delimitados para a voz editorial. Por exemplo, a *Focus* insere uma nota da redacção, assinada pelo director da revista, intitulada “Três anos depois” (pg. 4), onde se pode ler:

“O massacre das crianças de Beslan, no dia 3 de Setembro de 2004, foi, se possível, ainda mais bárbaro do que o ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, no dia 11 de Setembro de 2001, o maior atentado terrorista de que há memória.

Se os terroristas islâmicos, da Al-Qaeda ou da Chechénia, têm como objectivo principal atingir os símbolos dos infiéis (isto é, nós), deram agora um salto qualitativo ao revelar, sem margem para dúvidas, o seu projecto global: matar inocentes, matar a inocência.”

A nota da redacção da *Focus* também é notória ao vincar a fronteira entre o *nós* e o *eles*, evidenciando que o ataque contra Beslan foi, no fundo, mais um da longa série de ataques dos assassinos fundamentalistas islâmicos contra a Civilização Ocidental.

A *Sábado* também comentou o atentado em editorial, vincando, igualmente, a mesma fronteira entre o nós e o eles e fazendo do atentado contra Beslan um ataque aos ocidentais e à nossa civilização:

“Os terroristas são bárbaros, mas não são burros. (...) Como o objectivo é espalhar o pânico entre os ocidentais, é preciso surpreendê-los quando assistem aos noticiários. Por isso, os terroristas entraram numa escola com centenas de crianças, armaram explosivos, torturaram os reféns e provocaram a sua morte. (...) Os grupos radicais islâmicos que declararam guerra ao mundo ocidental estão a usar o conflito checheno como mais um instrumento do terror. Algum mundo ocidental insiste em não perceber a mensagem. O ministro dos Negócios Estrangeiros holandês (...) falou em nome da União Europeia: “Todos o países do mundo precisam de trabalhar juntos para prevenir tragédias como esta. Mas também gostaríamos de saber das autoridades russas como é que esta tragédia pôde acontecer”. A partir do momento em que ele fez a pergunta a Putin e não aos terroristas e em que qualifica um assassinio em massa planeado como uma “tragédia”, está tudo dito.

Os métodos de Vladimir Putin merecem muitas críticas. Mas os terroristas e os diplomatas europeus conseguem fazer com que seja inevitável dar-lhe razão: “Vocês dizem que devemos falar com toda a gente, incluindo assassinos de crianças. Imaginem que pessoas que matam crianças chegam ao poder em algum ponto do planeta. Imaginem isso e verão que se acabam as perguntas sobre a nossa política na Chechénia. De facto, acabam.”

É também de realçar que no “tom” do discurso dos jornalistas e no *recurso a figuras de estilo*, igualmente por parte destes últimos, também se nota a carga da emoção (não é preciso a um jornalista ser manifestamente opinativo para mostrar o que lhe “vai na alma”). Por exemplo, na *Focus* a jornalista Inês Coutinho Lucena escrevia *metaforicamente*, entre o nostálgico e o doloroso: “O adeus aos filhos de Beslan / A Rússia veste-se de negro pelas vítimas do massacre (...). No

domingo, em Beslan, o choro das mães que perderam os seus filhos saiu para as ruas (...)”. Na *Sábado*, o jornalista Nuno Paixão Louro escrevia: “Setembro tem mais uma data trágica que não será esquecida. O primeiro dia do mês tinha tudo para ser de festa (...). Pelo menos para as mais de 800 crianças que regressavam, a maioria na companhia dos pais, à Escola n.º 1 com flores nas mãos para saudarem as professoras. Não tiveram tempo.” A oposição entre o dia que devia ser de festa e acabou em tragédia é, aliás, vincada na quase totalidade das revistas, constituindo, em algumas delas, o assunto para o *lead* da matéria principal (revelando a transnacionalidade das técnicas de expressão jornalística, que ancoram na história, ou seja, na forma como histórica e culturalmente aprendemos a contar histórias). Na *Época*, o jornalista Ivan Padilla, por exemplo, escreveu: “O ano lectivo na Rússia teve início na quarta-feira, 1º de Setembro. Como é costume nessa data, as escolas celebraram festas de confraternização (...). Mas a comemoração virou tragédia num colégio em Beslan (...)”. Na *Visão*, surgia o seguinte texto: “O que prometia ser um dia festivo, o início do ano escolar, deu lugar a uma espiral de violência e morte (...)”. Na *Veja*, o discurso tinha um tom semelhante: “O assalto aos inocentes teve início (...) quando (...) terroristas invadiram o ginásio da escola, onde pais e alunos comemoravam o primeiro dia de aulas do ano lectivo russo (...)”.

Todo o discurso é desviante da realidade, por recorrer a linguagens. As linguagens são selectivas, focalizadas, representativas. Não permitem espelhar o real nem dar conta de toda a sua complexidade, embora possam, em alguns casos, indiciar objectivamente determinadas parcelas da realidade (em particular, quando se recorre à linguagem matemática). Face aos dados apresentados, pode, assim, dizer-se que os jornalistas, em particular perante situações de choque e de ataque aos valores que dão consistência à sua visão e interpretação do mundo, praticam um discurso que, por ser emotivo e mesmo figurativo e metafórico, se afasta da descrição rigorosa da realidade. As notícias são, afinal, como afirma Sousa (1997; 2000), um produto de *génese pessoal e cultural* (entre outras variáveis), pois nelas notam-se as manifestações pessoais dos jornalistas (nas palavras, no tom...) e delas emerge a interpretação do mundo que é dada por uma determinada cultura (pois só à luz da nossa cultura o *massacre* de crianças é visto como desviante, negativo e, portanto, digno de ser notícia).

O atentado contra a escola de Beslan foi aquilo que, na terminologia de Tuchman (1978), pode ser descrito como uma “what a story!” de valor noticioso universal. Uma “what a story!” que, além do mais, representa aquilo que nas culturas actuais é visto como um importante desvio: a força bruta e gratuita dirigida contra a parte mais *indefesa e inocente* da humanidade, as crianças. Assim, tratando-se de um atentado contra crianças, a consonância de enquadramentos entre as revistas é grande, o que se revela, desde logo, nos títulos similares usados nas revistas (às vezes parecem faltar palavras aos jornalistas, que são seres humanos, quando estão perante situações de choque): “O *Massacre dos Inocentes*” (*Visão* e *Veja*); “*Massacre na Escola*” (*Isto É*); “*Barbárie na Rússia*”

(*Sábado*); “*Massacre na Escola / O Regresso do Terror*” (*Focus*); “*Massacre na Escola*” (*Época*). O título “O Massacre dos Inocentes”, usado pela *Veja* e pela *Visão*, revela um fenómeno de intertextualidade com o título de um filme, que se torna presente e contribui para salientar e enquadrar a história. A omnipresença da palavra “massacre” mostra sintonia internacional e transorganizacional na proposta de enquadramento para o atentado.

É interessante notar como, ao enquadrarem novos acontecimentos, os jornalistas recuperam, por vezes, velhos enquadramentos para as histórias ou mobilizam comparações com outras realidades mais conhecidas. Esse fenómeno nota-se nos títulos usados pelas revistas, como vimos. Mas não só. Por exemplo, o 11 de Setembro foi, recorrentemente, evocado por diferentes revistas para enquadrar os acontecimentos de Beslan. Na *Sábado*, por exemplo, escreveu-se, em editorial: “Se depois do 11 de Setembro (...) e do 11 de Março (...) os separatistas insistem em usar as tácticas do terror, é porque não se incomodam com a possibilidade de Vladimir Putin deixar de sentir pressão internacional (...)” Também na *Sábado*, pela mão do colunista Nuno Rogeiro, dizia-se: “Desde o 11 de Setembro que vivemos com o apocalipse.” Por seu turno, o director da *Focus*, João Ferreira, escrevia, em nota da redacção: “O massacre das crianças de Beslan foi, se possível, ainda mais bárbaro que o ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, no dia 11 de Setembro de 2001.” Noutra exemplo, para a *Veja* o 3 de Setembro é o 11 de Setembro russo: “o ataque às crianças foi de tal ordem que significou (...) o 11 de Setembro da Rússia”. Noutra passagem da *Veja*, explica-se que os fundamentalistas islâmicos, ao contrário, por exemplo, da maioria dos independentistas bascos, não são sensíveis aos apelos da razão: “Veja-se o exemplo dos separatistas bascos, instalados numa das regiões mais prósperas e civilizadas da Espanha e, ainda assim, dispostos a matar seus concidadãos pelo desejo de ter um país soberano. A maioria deles já abandonou a luta armada e troca de maior autonomia nos negócios regionais. (...) [Mas] O fundamentalismo islâmico, com sua pauta de destruição da civilização ocidental, coloca a luta dos chechenos num universo que a razão não consegue compreender.” A *Veja* também faz uma ponte entre o terrorismo fundamentalista islâmico anti-ocidental e o terrorismo palestino contra Israel: “Sua intenção [do terrorismo islâmico] é (...) dobrar pelo medo toda uma sociedade. Uma variação na teoria que justifica esses ataques aleatórios – amplamente utilizada pelo terror palestino contra os israelitas – é a de que todos os membros de uma população (mulheres, crianças, velhos) partilham dos pecados do regime (...) e devem pagar por isso.”

Não é apenas a *Veja* que interliga o atentado de Beslan a outros atentados islâmicos. A *Época*, por exemplo, evoca um atentado do Hamas em Israel, ocorrido na mesma semana, bem como o derrube de dois aviões russos por terroristas suicidas chechenas. A *Focus* evoca os doze atentados que mais vítimas fizeram nos últimos vinte anos, dez dos quais foram da responsabilidade de fundamentalistas islâmicos. A *Isto É* relembra o papel das “viúvas negras” no terrorismo checheno

e o atentado checheno contra um teatro em Moscovo, que provocou quase 200 mortos, em 2003. A *Sábado* também recorda a longa lista de atentados chechenos e o papel das “viúvas negras”. A *Visão* é a única que, embora recorde outros atentados do terrorismo internacional islâmico e checheno, oferece um outro enquadramento, o da inserção do atentado de Beslan na longa lista de atentados em espaços escolares.

No que respeita ao enquadramento estrutural do atentado, o acontecimento é apresentado nas revistas analisadas como uma mega-história, povoada por vários acontecimentos e histórias interligados. Isto é, independentemente do acontecimento central, o atentado em si, vários acontecimentos e histórias contribuem para fazer a mega-história do atentado, quer acontecimentos passados, quer acontecimentos posteriores, quer ainda acontecimentos simultâneos. A história do atentado é, assim, enquadrada pela mega-história em evolução, ou mega-narrativa em evolução, dos ataques contra escolas (*Visão*) e do terrorismo fundamentalista islâmico e do terrorismo checheno (em todas as revistas). Verifica-se, neste caso – e aplicando a terminologia de Tuchman (1978) –, que uma notícia “quente” remete para a mega-história em evolução que a enquadra. São várias as matérias que permitem ilustrar a tese atrás sustentada, conforme se pode ver no quadro 12:

Quadro 12

Títulos das matérias estruturantes da mega-narrativa ou mega-história (não exaustivo)

<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto	Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto
O massacre dos inocentes	O massacre dos inocentes
O atentado em si	O atentado em si
Tragédia na escola	Quase 60 horas de terror absoluto
As causas, o contexto	As causas, o contexto
A batalha de dois séculos	Spetsnaz
Os autores	O atoleiro do Cáucaso
À sombra da Al-Qaeda	Os autores
	Guerra das Viúvas Negras
	O carniceiro checheno
	As consequências
	Putine cala críticas
	Outros enquadramentos
	Alvos escolares

<i>Isto É</i>	<i>Sábado</i>
Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto	Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto
Massacre na escola	Frieza russa
O atentado em si	Viagem às aulas do horror
O palco da barbárie	O atentado em si
Horror na escola	Sequestro passo a passo
Os autores	As causas, o contexto
Desejo de vingança	Terror e independência
	A chechenização do Cáucaso

	As consequências
	E agora? Para onde irá Putin?
	Outros enquadramentos
	Unidades especializadas no resgate de reféns
	A lógica do terrorismo

<i>Época</i>	<i>Focus</i>
Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto	Narração e descrição: o atentado, a caracterização e a actuação de personagens, a descrição de espaços, a condenação, o contexto
Massacre na escola	O terrorismo foi à escola
O atentado em si	Perguntas sem resposta
O resgate dos reféns	Suspeitos detidos
Outros enquadramentos	Missão falhada
Terror global	Reacções
	O atentado em si
	Como tudo aconteceu
	As causas, o contexto
	A bomba suicida de Moscovo
	Os povos do Cáucaso
	Os autores
	Quem são os terroristas?
	Viúvas negras
	As consequências
	A guerra total
	“Gaffe” pouco diplomática
	O adeus às vítimas
	O adeus aos filhos de Beslan
	Outros enquadramentos
	E se fosse em Portugal?
	Os atentados mais sangrentos dos últimos 20 anos
	Três anos depois

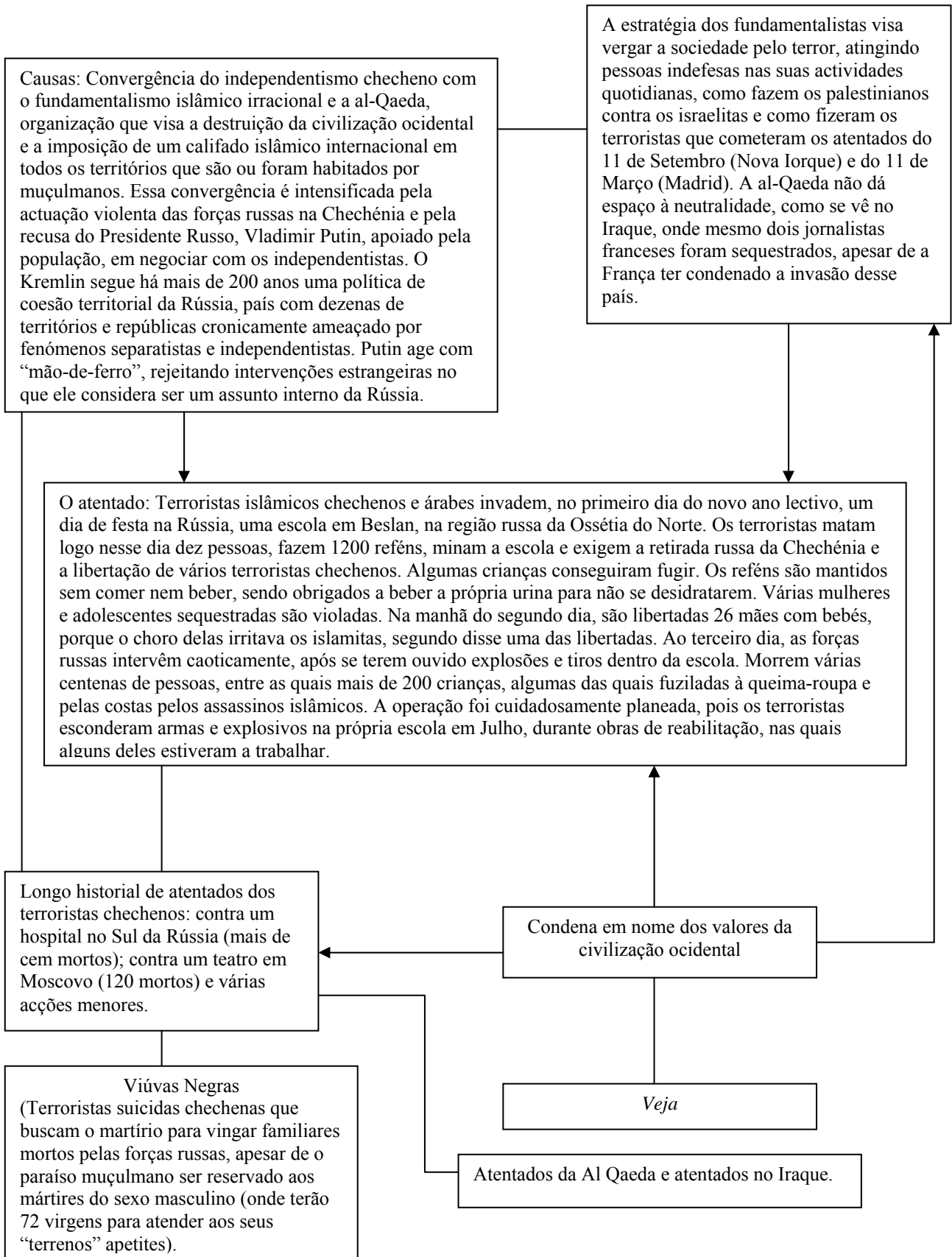
Nota: Nem todos os títulos inseridos no quadro 12 são de matérias independentes. Em alguns casos, tratam-se de títulos de infográficos e de peças contabilizados como pertencentes a outras matérias na análise quantitativa.

É de registar que os dados do quadro 12 demonstram, também, que a história do atentado é bastante mais fragmentada nas revistas portuguesas do que nas brasileiras.

Os quadros 13 a 18 evidenciam quanto a estrutura da história é relativamente semelhante nas revistas (sobretudo na determinação das causas do atentado e na sua associação ao mesmo), apesar de a cobertura das revistas brasileiras se basear, essencialmente, em matérias de produção própria e as coberturas da *Visão* e a da *Sábado* integrarem matérias produzidas externamente (o que, inclusivamente, indicia o carácter internacional da cultura jornalística).

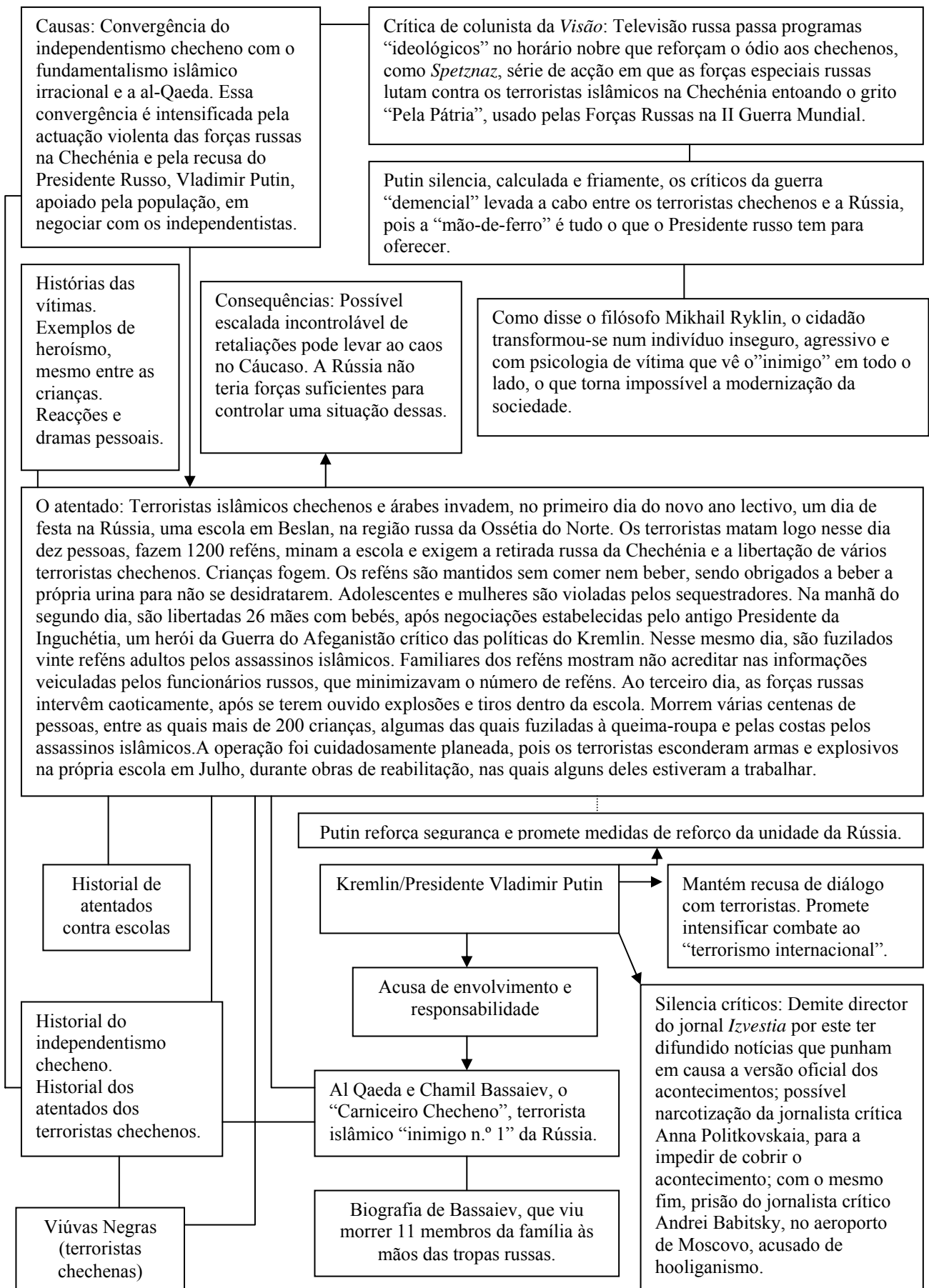
Quadro 13

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Veja*



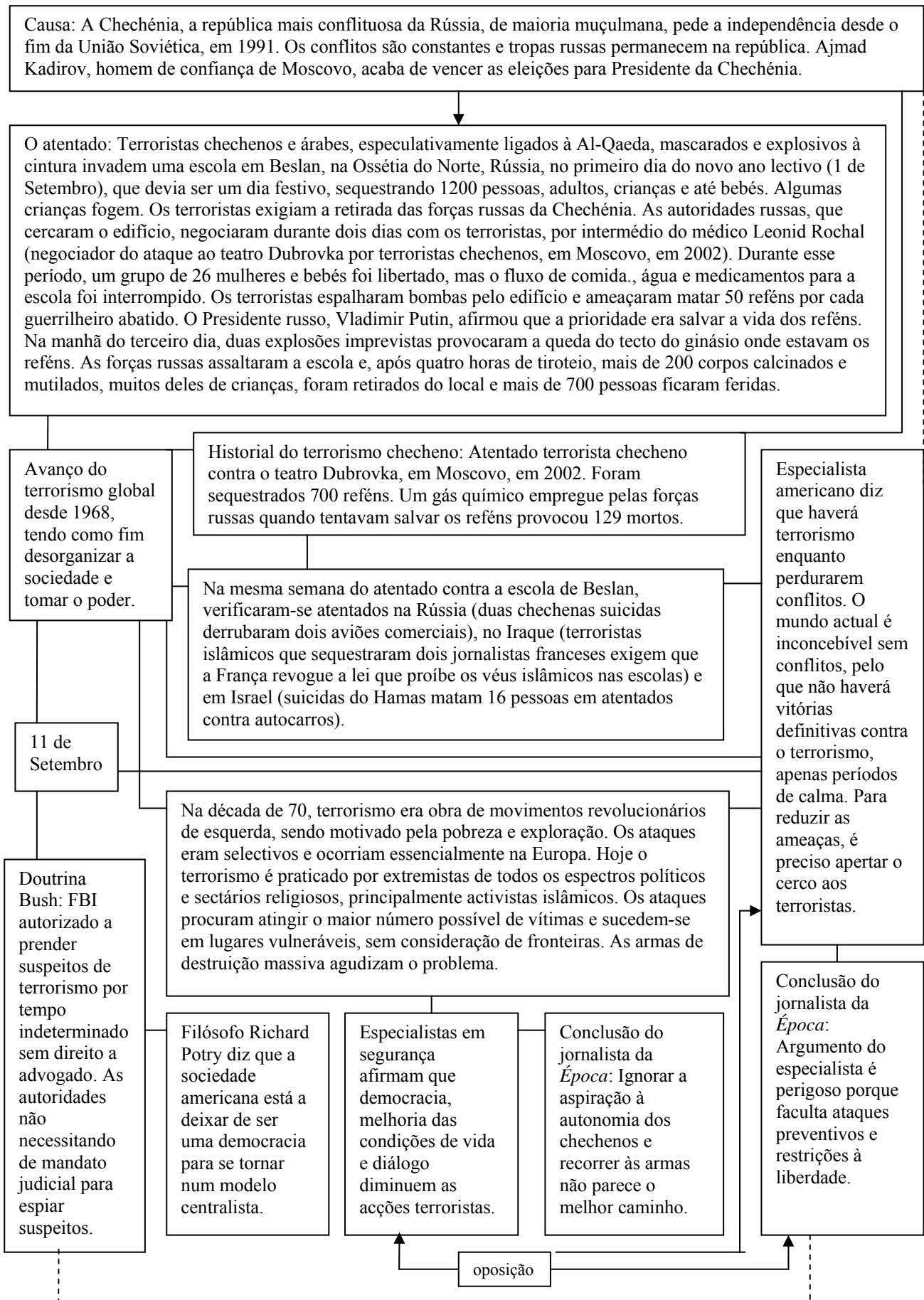
Quadro 14

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Visão*



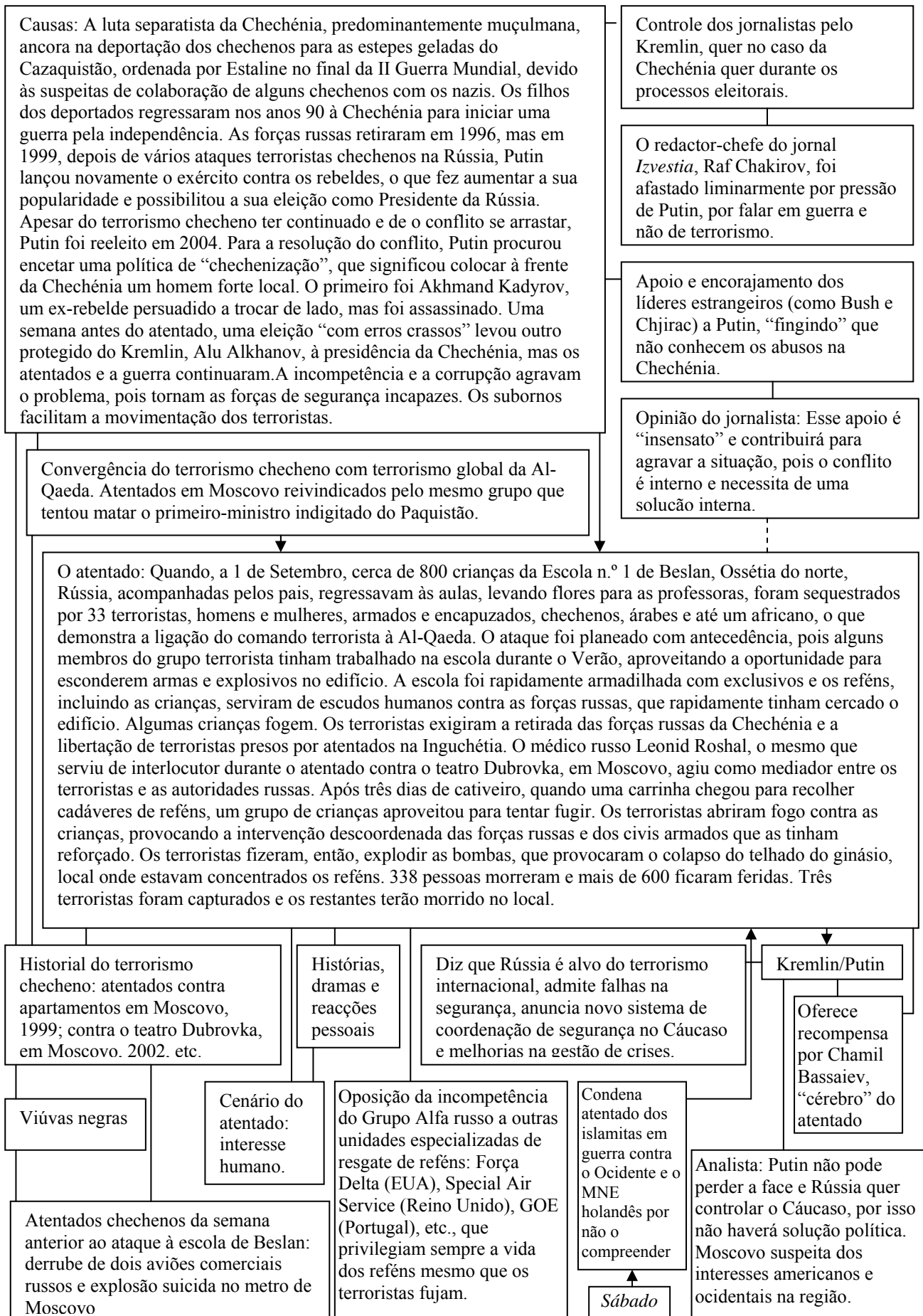
Quadro 15

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Época*



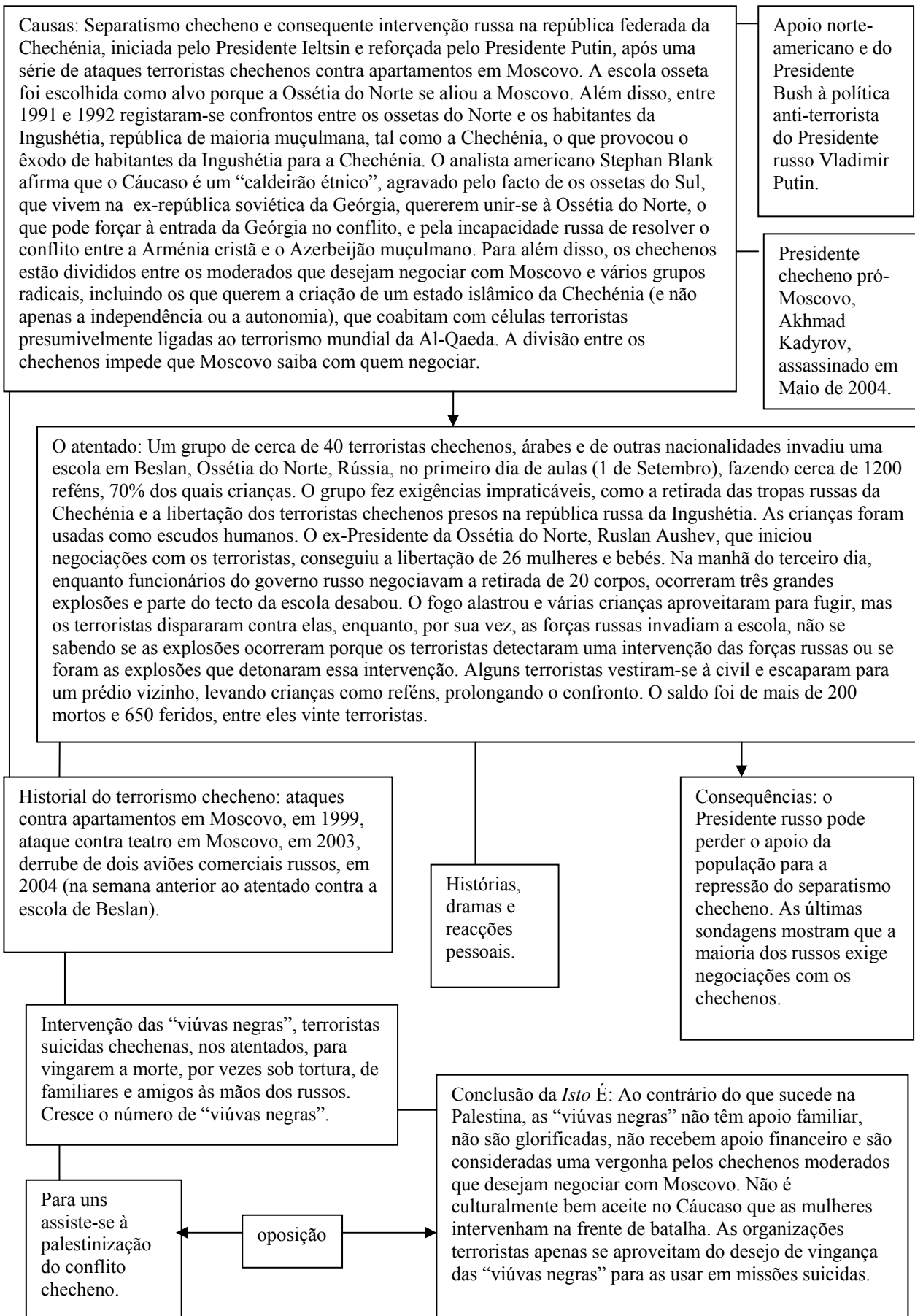
Quadro 16

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Sábado*



Quadro 17

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Isto É*

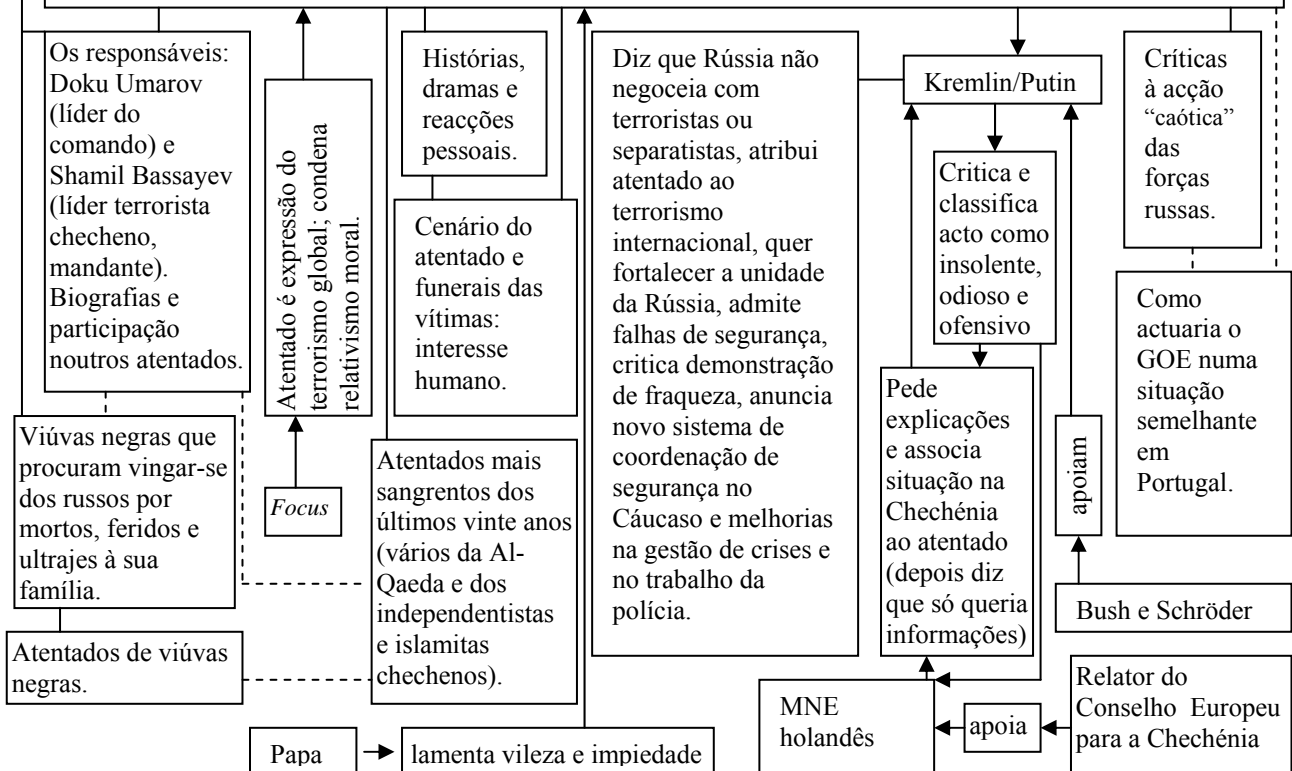


Quadro 18

Enquadramento estrutural da história do atentado segundo a *Focus*

Causas: Independentismo e separatismo chechenos, desde que a Chechênia, rica em petróleo e predominantemente muçulmana, foi incorporada na Rússia, no século XIX. Em 1991, após o colapso do comunismo, Dudayev proclamou a independência da Chechênia. Em 1994, a Rússia envia tropas para esmagar a rebelião, sem êxito e com pesadas baixas. Em 1997, as forças russas retiram, mas pós vários atentados chechenos em Moscovo, em 1999, as formas russas voltam a invadir a Chechênia. Putin é eleito Presidente da Rússia prometendo mão-de-ferro para a Chechênia e escudando-se no combate ao terrorismo global e, posteriormente, no 11 de Setembro, para fortalecer a sua posição e combater as críticas de desrespeito pelos direitos humanos. As tentativas russas para dominar os separatistas têm-se revelado infrutíferas e as forças russas continuam a sofrer baixas. Assassinio de moderados chechenos, como o ex-Presidente Akhmad Kadirov.

O atentado: No primeiro e festivo dia de aulas, quando os estudantes levavam flores para presentear professores e familiares, um grupo de dezenas de terroristas encapuzados invade a escola n.º 1 de Beslan, Ossétia do Norte, Rússia. Os terroristas juntaram as crianças e adultos no ginásio da escola, enquanto cá fora as forças russas cercavam o perímetro. 20 homens são executados pelos terroristas, que armadilham o edifício e usam os 1200 reféns (as autoridades russas anunciavam apenas 254) como escudos humanos. Algumas crianças conseguem fugir. Adultos voluntariam-se para serem trocados pelas crianças como reféns, o que os terroristas recusam. Os terroristas exigiram a retirada das forças russas da Chechênia e a libertação dos terroristas responsáveis por ataques na república russa da Inguchétia, em Junho de 2004. O comando terrorista anunciou que apenas negociaria por intermédio dos presidentes osseta e inguche, Alexandr Dzasójov e Murat Ziákirov, e do pediatra russo Leonid Roshal, negociador no atentado contra o teatro de Moscovo, dois anos antes. No segundo dia, 26 mulheres e bebés foram libertados. Os reféns são mantidos sem comida nem água, obrigados a beber a própria urina, depois de filtrada pelas roupas, e o próprio suor. Ao terceiro dia, quando uma carrinha entrava no edifício para recolher os corpos dos reféns executados, ocorrem, imprevisivelmente, duas explosões, de origem indeterminada (os reféns dizem que ocorreram fora do edifício, como se tivessem sido provocadas pelas forças russas, enquanto estas atribuem a autoria das explosões aos terroristas. Algumas crianças tentam fugir, mas são baleadas pelos terroristas. As forças russas, acompanhadas por civis armados, iniciam o ataque à escola, sem preparação, ouvindo-se, então, uma terceira explosão, que provoca o colapso do tecto do ginásio. Dois terroristas fogem para um edifício vizinho. Três terroristas, dois homens e uma mulher, foram presos. Não se conhece com exactidão o número de vítimas, podendo ser entre 335 e 394 mortos e entre 337 e 400 feridos, consoante a fonte (as estimativas das autoridades são sempre as mais baixas). Centenas de crianças morreram ou ficaram feridas. 260 pessoas estão desaparecidas. Também não se sabe com exactidão quantos eram os terroristas, sendo que os reféns falam de vinte e as autoridades de 32. Por outro lado, apesar das autoridades russas anunciarem que havia árabes entre os terroristas, mas estes não foram mostrados.



A análise dos quadros 13 a 18 comprova que existem diferenças e semelhanças entre as estruturas e conteúdos das histórias do atentado contadas pelas diferentes revistas analisadas. A principal semelhança reside na forma como é contada a história do atentado e apresentadas as suas causas genéricas e os seus autores, provavelmente devido ao recurso a fontes idênticas e à forma semelhante de contar histórias patente na nossa cultura. As “viúvas negras”, por exemplo, são destacadas por todas as revistas (com excepção da *Época*). As diferenças residem no tipo de enquadramento dado ao atentado e na associação do mesmo a outros acontecimentos. A luta pelo triunfo de determinados enquadramentos é praticada pelas autoridades citadas e pelos comentadores (por exemplo, no que respeita à colagem do atentado de Beslan ao terrorismo internacional islâmico), mas também pelas próprias revistas, estando, neste último caso, relacionada com a política editorial e o público-alvo de cada uma das publicações, bem como com o maior ou menor grau de liberdade dos jornalistas, editores e directores para a interpretação pessoal dos acontecimentos. A *Veja*, a *Sábado* e a *Focus*, por exemplo, opõem-se à *Época*, já que esta última revista se apresenta com um maior relativismo moral (favorecendo a ideia de que é até mais importante condenar primeiro as políticas de Bush e de Putin antes de condenar o atentado) enquanto as três primeiras revistas condenam vigorosamente o atentado, sendo que a *Veja* o faz no seio da própria matéria noticiosa enquanto as revistas portuguesas o fazem no espaço reservado à “voz editorial”, vincando, inclusivamente, que se trata de mais um atentado cometido contra os ocidentais e a civilização ocidental.

A *Veja* associa, intensamente, o atentado às acções da Al-Qaeda e dos fundamentalistas islâmicos contra o Ocidente e ao ódio que os muçulmanos fundamentalistas devotam aos ocidentais, embora não ignore, *en passant*, a violenta política anti-independentista levada a efeito pelo Kremlin na Chechénia. Essa revista propõe, assim, um enquadramento em que a civilização (ocidental) se opõe à barbárie (fundamentalismo islâmico) e em que o atentado e respectiva reacção das forças russas se inscreve no quadro do terrorismo internacional dos fundamentalistas islâmicos e da guerra que lhe é movida pela comunidade internacional (Rússia incluída). É ainda interessante notar, a propósito, que a *Veja* se substitui a outras entidades socialmente mais representativas (por exemplo, os líderes internacionais eleitos ou nomeados) na condenação do atentado. Simbolicamente, isso mostra que, em determinadas situações, em particular, aparentemente, em situações de choque, algumas organizações jornalísticas se vêem a si mesmas como suficientemente relevantes e representativas, social e culturalmente, para falarem em nome de toda uma comunidade.

A *Visão* propõe um enquadramento mais balanceado e complexo do que a *Veja*, fazendo referências enquadrantes às atitudes alegadamente “ditatoriais” e “censórias” do Presidente Putin, apoiado pela população, e à guerra ideológica que, na Rússia, acompanha a guerra contra os independentistas e fundamentalistas islâmicos chechenos e seus aliados. A cobertura da *Visão* e as coberturas de outras

revistas, como a *Focus*, a *Sábado* e a *Isto É*, também são jornalisticamente mais “clássicas” do que a cobertura da *Veja* e a cobertura da *Época*, sendo que as reportagens sobre o atentado das primeiras revistas referem, inclusivamente, histórias e testemunhos pessoais, bem como exemplos de heroísmo, opção comum nas coberturas de acontecimentos traumáticos como os atentados. A referência aos actos heróicos atenua o trauma e reconduz a humanidade à fé nela própria. Esses actos, assim relatados, servem, ainda, de exemplo às pessoas, dentro de uma determinada estrutura de valores, crenças e formas de ver o mundo. Os relatos de histórias pessoais evocam vivências, individualizam, coloram e corroboram a história, apelam ao carácter “vivo” da narrativa, envolvem o leitor. Realce ainda, na *Visão*, para o facto desta revista, mais consistentemente do que a *Veja*, endossar ao Kremlin a responsabilidade pela afirmação de que a Al-Qaeda, aliada dos independentistas fundamentalistas chechenos, está por trás do atentado (sendo de realçar que o Kremlin busca legitimidade internacional na luta contra os independentistas chechenos, associando-a à luta global contra o terrorismo). O mesmo fazem, aliás, outras revistas, como a *Época*.

A *Época* é uma revista que demonstra um certo cepticismo na informação de que os terroristas possam estar ligados à Al-Qaeda, mas, em compensação, associa o atentado contra a escola de Beslan ao terrorismo internacional que assola o mundo desde o final dos anos sessenta. É também a única revista a propor aos seus leitores a associação entre o que se passou em Beslan e as políticas anti-terroristas americanas pós-11 de Setembro, que condena em nome da liberdade. O discurso da *Época* poderá até contribuir para passar a ideia de que antes de se condenar o atentado contra as crianças de Beslan é preciso condenar a política do Presidente Putin na Chechénia e a política anti-terrorista da Administração Bush. A *Época* propõe, também, aos leitores a ideia de que os ataques anti-terroristas preventivos são negativos, colocando-os no mesmo patamar da perda de liberdade, contra a qual, como se referiu, a revista clama, após citar especialistas (mantidos no anonimato). Por outras palavras, a *Época* é a única revista que, claramente, desvia o debate para o campo do “sim mas”, do “tem que se condenar o atentado, mas também se têm de condenar as políticas anti-terroristas americanas e a repressão russa na Chechénia”, aparentando as suas propostas de enquadramento do debate serem um exemplo do “relativismo moral” que a *Focus* condena em nome da civilização ocidental. As restantes revistas também evocam a situação na Chechénia, mas focalizam-se no atentado e, por vezes, na sua condenação, abstendo-se, ao contrário da *Época*, de propor aos seus leitores um vigor idêntico na condenação do atentado e na condenação da situação na Chechénia. A *Época* apresenta, também, uma incorrecção informativa, pois atribui a presidência da Chechénia no momento do atentado a um político que foi assassinado antes dos acontecimentos de Beslan.

A *Sábado* condena o atentado, que considera uma expressão da guerra do fundamentalismo islâmico contra o Ocidente e que atribui à convergência do separatismo checheno com o islamismo

radical da Al-Qaeda. A análise das políticas do Kremlin para o Cáucaso e a Chechénia patente na *Sábado* é a mais “racional” de todas as revistas, pois a *Sábado* é a única entre elas a sugerir aos seus leitores que as políticas de repressão do independentismo e do separatismo no seio da Federação Russa visam manter a unidade da Rússia e o controlo vital e historicamente consolidado da Rússia sobre o Cáucaso, região em que as potências ocidentais cada vez intervêm mais desde o colapso da União Soviética, perante o olhar desconfiado do Kremlin.

A *Isto É* não se afasta da estrutura geral da história contada pelas outras revistas e não vai longe na proposta de enquadramentos para o atentado, ficando-se pela “acção-reacção” do conflito russo-checheno. De diferente apresenta a ideia, sem referir fontes, de que as “viúvas negras” (mulheres terroristas que aceitam missões suicidas para vingarem actos cometidos contra as suas famílias pelos russos) são mal vistas na Chechénia, o que mais nenhuma das revistas refere, opondo essa perspectiva aos que defendem (a revista não refere nomes) que se está a assistir a uma palestinização do conflito checheno. A *Isto É* é também a única das revistas analisadas a relembrar que as últimas sondagens (sem qualquer outra referência) mostram que a maioria dos russos quer, agora, uma solução negociada para a Chechénia, embora seja difícil negociar com os chechenos, pois estes estão divididos e não têm uma liderança unificada. A ideia de que é preciso diálogo, apresentada na *Isto É*, choca, aliás, com o enquadramento apresentado pela *Sábado* em editorial, que rejeita a possibilidade de diálogo com “assassinos de crianças” que procuram chegar ao poder sem olhar a meios.

A *Focus* repete, genericamente, a estrutura temática da história do atentado patente nas outras revistas, mas, através da sua voz editorial, condena o atentado e associa-o ao terrorismo islâmico anti-ocidental global. A revista condena também o relativismo moral daqueles que procuram razões para o que aconteceu com argumentos do género “As crianças não tinham culpa, mas o Putin...”, e que são os mesmos que procuram fazer crer que “o 11 de Setembro, afinal, foi por culpa de Bush”. A *Focus* enfatiza, ainda, que se desconhece se as primeiras explosões foram da autoria dos terroristas (dúvida metódica nas informações oficiais).

Nas narrativas das várias revistas, é acentuada a natureza caótica e imprevista da intervenção das Forças Russas, o que pode angustiar o leitor, embora o anúncio do reforço da segurança e a existência de socorros e de forças capazes de combater os terroristas islâmicos tenha um efeito oposto (tranquilizador).

De realçar, também, que várias revistas tentaram passar para os seus leitores uma saudável desconfiança nos relatos a propósito de vários assuntos, como o número de vítimas, a qualidade de membros da Al-Qaeda e a nacionalidade árabe de alguns dos terroristas (*Época*) e mesmo dúvidas quanto à origem das duas primeiras explosões (*Focus*). Por outras palavras, os jornalistas compreendem que em situações como atentados e guerras a confirmação da informação é difícil ou

mesmo impossível, pelo que procuram transpor para os seus leitores a “dúvida metódica” que os anima com expressões como: “*chegou-se a especular* que eles poderiam fazer parte do grupo Al-Qaeda” (*Época*).

Para além da análise estrutural das histórias, uma outra forma de perceber os enquadramentos propostos aos leitores é através da observação de excertos significativos dos textos e, ainda com maior minúcia, de determinadas palavras. Assim, no quadro 19 são expostos alguns dos excertos de texto e palavras que contribuíram, nas várias revistas, para a construção de sentido para os acontecimentos, nomeadamente:

- As palavras usadas para classificar o atentado e os perpetradores do mesmo;
- As descrições emotivas do cenário do atentado, que revelam indirectamente a forma como os jornalistas vêem o assunto e propõem que este seja visto;
- As formas usadas para condenar o atentado;
- As tentativas de explicar, contextualmente, por que razão ocorreu o ataque à escola de Beslan.

Quadro 19

Expressões usadas para enquadrar o acontecimento (não exaustivo)

<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Classificação do acto	Classificação do acto
Massacre dos inocentes; assassinio indiscriminado; crueldade sem limites; terror; violência gratuita e humilhação deliberada; [causou] o máximo da dor e desespero; sombria ameaça representada pelo terrorismo ao mundo civilizado; ataque; luta dos chechenos [está] num universo que a razão não consegue compreender; [terrorismo islâmico visa] a destruição da civilização ocidental; 11 de Setembro da Rússia; assassinato.	Massacre dos inocentes; sequestro; ataque; terror absoluto; carnificina; pura demência; horror; banho de sangue.
Classificação dos autores	Classificação dos autores
Terroristas islâmicos chechenos e árabes; terroristas; assassinos; fanáticos muçulmanos; separatistas; grupos chechenos; viúvas negras; mulheres-bomba; fanáticos vestidos de bombas.	Guerrilheiros; homens barbudos; terroristas fortemente armados e com máscaras negras e fatos camuflados; sequestradores; mulheres “mártires” com explosivos à volta da cintura; sequestradores que reivindicavam a independência da Chechénia; rebeldes; terroristas; guerrilha; rebeldes chechenos; terroristas islâmicos estrangeiros; viúvas negras; carniceiro checheno [Chamil Bassaiev, o terrorista que o Kremlin acusa de estar por trás do atentado]; raptos; terroristas barbudos.
O cenário	O cenário
<p>“As cenas pungentes de homens carregando crianças queimadas e dilaceradas e da fila de pequenos corpos mortos cobertos de lençóis (...)”;</p> <p>“os terroristas estavam ali para matar os reféns – e, evidentemente, para morrer num banho de sangue infiel e, dessa forma repugnante, ganhar um lugar no paraíso das 72 virgens”;</p> <p>“O assassinato começou já na tomada da escola. Mais de dez pessoas foram mortas nos primeiros minutos, incluindo um pai de aluno que esboçou reacção e foi fuzilado na frente do filho.”;</p>	<p>“Elena Kasumova sentia a esperança diluir-se enquanto acariciava o filho Timur, de 9 anos, no ginásio sufocante da Escola n.º 1. (...) Kasumova (...) e Timur estavam entre os cerca de 1200 reféns apinhados no ginásio. A maioria das crianças há muito que tinha tirado as roupas, ficando apenas com a roupa interior; algumas desfaleciam com a sede, enquanto outras bebiam a própria urina. O ginásio estava pejado de bombas: explosivos pendurados na iluminação e em cabos presos nos cestos de basquetebol, alguns tão baixos que os reféns mais altos lhes tocavam, quando iam à casa de banho. Isso deixava os guerrilheiros muito nervosos. Das bombas saíam fios, ligados a dois detonadores de pedal, mantidos sob os pés de dois</p>

<p>“os terroristas perfilarão alunos nas janelas para que servissem de escudos humanos. Ameaçavam fuzilar cinquenta crianças de uma vez para cada guerrilheiro morto (...). Depois que a polícia cortou o fornecimento de electricidade, (...) a temperatura [subiu] para mais de 30 graus (...). (...) [Os terroristas] proibiram as crianças de comer e tomar água. Podiam ir ao banheiro e aquelas que tentaram beber no vaso sanitário foram impedidas com tiros de metralhadora. Algumas beberam a própria urina (...). Quando foram resgatadas, estavam macilentas, famintas, desidratadas.”;</p> <p>“O cenário era de pesadelo. Um voluntário que entrou nos escombros do ginásio para ajudar a retirar os corpos contou que o piso estava coberto de cadáveres, uns sobre os outros, a maioria carbonizada.”</p>	<p>guerrilheiros. (...) Kasumova via que os guerrilheiros estavam tensos e exaustos. (...) A pouca misericórdia que tinham mostrado no início do sequestro já se fora. Berravam ordens aos reféns, recusavam os pedidos de água e ameaçavam matá-los, caso não houvesse silêncio. (...) Mas quando sentiu a esperança a desvanecer-se, o filho foi em seu socorro. Timur massajou-lhe os pés, beijou-a e contou-lhe histórias sobre a água e o sumo que iriam beber quando aquilo acabasse.”;</p> <p>“Um dos pais tentou acalmar as pessoas (...) e um rebelde encostou-lhe a espingarda à cabeça e matou-o”;</p> <p>“Dentro do apinhado ginásio, as condições eram indescritíveis. As crianças encontravam-se debilitadas pela falta de água e alimentos e pelo calor opressivo. (...) Finalmente, [os terroristas] condescenderam e deixaram entrar um balde de água; as pessoas ensoparam no balde as camisas dos rapazes e os bibes das raparigas e passaram as roupas molhadas para que cada refém pudesse espremer e beber um pouco.”;</p> <p>“ banho de sangue, com cenas caóticas de crianças ensanguentadas e seminuas a correrem pelas ruas (...)”</p>
<p>O enquadramento</p>	<p>O enquadramento</p>
<p>“A diferença marcante é que os chechenos são muçulmanos e acabaram misturando seus objectivos nacionalistas com os da guerra santa islâmica. Os ossetas são na maioria cristãos, convivem pacificamente uns com os outros e até usufruem certa prosperidade (...)”;</p> <p>“desde que passaram a contar com a assessoria técnica de terroristas chechenos e árabes treinados pela Al Qaeda, os terroristas cometeram atentados terríveis na Rússia”.</p> <p>“O massacre das crianças russas também leva a marca da rede terrorista de Osama bin Laden. (...) Seja ao lado dos fanáticos vestidos de bombas que ocuparam a escola, seja no financiamento da operação, seja como fonte de inspiração, a Al Qaeda estava em Beslan, como está na Indonésia, nas Filipinas, no Iraque – onde quer que o terror islâmico resolva atacar. Desde que a Al-Qaeda derrubou as duas torres (...) em 11 de Setembro de 2001 (...) outros grupos terroristas muçulmanos passaram a vincular-se à Al Qaeda. E, em maior ou menor grau, fazem mesmo parte dela.”</p> <p>“Uma variação da teoria que justifica esses ataques aleatórios – amplamente utilizada pelo terror palestino contra os israelitas – é a de que todos os membros de uma determinada população (mulheres, crianças, velhos) partilham dos pecados do regime que combatem e devem pagar por isso. É dessa vertente que se alimentam os fanáticos do fundamentalismo islâmico que derrubaram as torres gémeas em Nova Iorque, em 11 de Setembro de 2001, explodiram os trens em Madrid no início deste ano e, agora, trucidaram criancinhas na Rússia.”</p>	<p>“É um crime e estado opor diferentes grupos étnicos de uma mesma nação, o que produz necessariamente o separatismo, o terrorismo, o extremismo e engendra a mais terrível das violências.”;</p> <p>“Foi a mão-de-ferro na Chechénia que levou Putine ao Kremlin. A mão-de-ferro é tudo o que Putine tem para oferecer, seráfico de cinismo, perante o horror na Ossétia do Norte. Beslan é, afinal, um reencontro de pesadelo (...) o dos terroristas barbudos com os ‘rapazes’ do Spetznaz. Todos se conhecem de antes e todos actuam, há muito, no terreno da pura demência.”;</p> <p>“O conflito checheno não se encaixa facilmente na ‘guerra ao terrorismo’. A maioria dos chechenos não partilha o fundamentalismo religioso da Al Qaeda e não procura um regresso ao califado. O que pretende é um estado próprio, algo que Putine prometeu nunca lhes dar. Mas os rebeldes chechenos e os terroristas islâmicos estrangeiros têm ligações que se fortaleceram com o arrastar da guerra pela independência.”;</p> <p>“a repressão de Putine contribuiu para criar uma facção radicalizada no seio do movimento separatista checheno que não hesita em pedir ajuda aos operacionais da Al-Qaeda.”;</p> <p>“Fosse quem fosse que iniciou a batalha [operações de libertação dos reféns], o resultado foi uma derrota para as forças especiais e para Putine, que construiu a imagem do homem cuja dureza implacável podia assegurar a segurança dos russos. O banho de sangue, com cenas caóticas de crianças ensanguentadas e seminuas a correrem pelas ruas, desmentiu essas promessas.”</p>
<p>Condenação do acto</p>	<p>Condenação do acto</p>
<p>“Nada justifica a matança de quase duas centenas de crianças como a cometida por um grupo de terroristas islâmicos chechenos e árabes numa escola no interior da</p>	<p>[Não encontrados excertos significativos.]</p>

Rússia na semana passada.”;	
Não há legitimidade em matar indefesos. O que distingue o terrorismo (...) é a ênfase no ataque a pessoas ou alvos sem justificativa ou necessidade militar. A estratégia terrorista consiste em lançar ataques ao acaso contra a população, de preferência quando está indefesa em suas actividades quotidianas (...). Sua intenção é apenas (...) tentar vergar pelo medo toda uma sociedade. Uma variação da teoria (...) é a de que todos os membros de uma determinada população (...) partilham dos pecados do regime que combatem e devem pagar por isso. É dessa vertente que se alimentam os fanáticos do fundamentalismo islâmico (...) [que] trucidaram criancinhas na Rússia. ”	
“[O terrorismo islâmico é] o maior desafio enfrentado pelo mundo civilizado.”	
Necessidade de agir contra os terroristas	Necessidade de agir contra os terroristas
[Não encontrados excertos significativos.]	[Não encontrados excertos significativos.]

<i>Isto É</i>	<i>Sábado</i>
Classificação do acto	Classificação do acto
Massacre; massacre na escola; ataque de terroristas chechenos; tragédia; drama; caos; horror; assalto a escola; barbárie.	Massacre na escola; [regresso do] terror; bárbaro atentado; acção terrorista; apocalipse; inferno de Beslan; massacre; ataque terrorista; espectacular operação (no sentido militar estrito do termo); acção terrorista; tragédia; barbárie; triunfo da barbárie sobre a cultura e a educação; infanticídio que reduz a nada os <i>thrillers</i> americanos de carnificinas adolescentes, um filme não recomendado para menores de idade; ataque a Beslan; brutalidade que desceu sobre Beslan; calamidade de Beslan.
Classificação dos autores	Classificação dos autores
Terroristas chechenos; terroristas; [terroristas] encapuzados e vestidos de preto; rebeldes chechenos aliados a terroristas árabes; “viúvas negras”; mulher-bomba (smertnitsi); “cerca de 40 terroristas, entre eles um russo, um norte-ossétio e pelo menos nove árabes muçulmanos; selvagens.	Terroristas, bárbaros; separatistas; comando; grupo terrorista pró-checheno de 33 homens e mulheres armados e encapuzados; separatistas pró-chechenos com a ajuda de árabes e, até, de um africano; comando; comando checheno; viúvas negras; terroristas islâmicos; terroristas chechenos.
O cenário	O cenário
“Um menino aparentando dez anos de idade, com a perna ensanguentada, ferido a bala, foi um dos primeiros a escapar, nos braços de um homem. Logo depois dele, veio outro, com um olho estilhaçado, carregado por um soldado. E assim foram saindo dezenas de crianças mutiladas, em pânico, seminuas, muitas quase desmaiadas depois de muito tempo sem água nem comida.”;	“(…) já o chão do ginásio onde os reféns agonizaram durante três dias estava lavado com o próprio sangue e o mundo chocado (...)”
“Selvagens!”; foi o resumo de uma refém libertada que (...) pôde levar apenas o caçula porque os terroristas lhe ordenaram que escolhesse só um filho.”;	“No centro da tragédia, adivinham-se restos queimados de carne humana entre os escombros chamuscados do tecto do ginásio.”
“No final do cerco, alguns rebeldes trocaram suas roupas por trajes civis e, assim, conseguiram levar várias crianças como reféns para o prédio vizinho à escola. Muitas chegaram a ser usadas como escudos humanos. Um cenegrafista da ITV disse que chegou a ver dezenas de corpos empilhados dentro da escola.”;	“O tratamento que os terroristas dispensaram às crianças esteve longe da compaixão: calavam a tiro os seus choros e (...) houve violações de adolescentes.”
O enquadramento	O enquadramento
“O Presidente da Rússia (...) [prometeu] acabar de vez com a rebelião na Chechénia, uma república de maioria	“O que queriam os terroristas que tomaram de assalto uma escola em Beslan e mataram centenas de crianças?

muçulmana que proclamou a independência no mesmo ano em que a União Soviética deixou de existir. Putin prometeu ser mais duro ainda que seu antecessor, Boris Ieltsin, que em 1994 iniciou uma desastrosa e sangrenta campanha militar contra a rebelião separatista. A promessa de Putin veio depois de uma série de ataques terroristas (...) em Moscovo (...) atribuídos a (...) chechenos. (...) [A] Ossétia do Norte alinhou-se com Moscovo na luta contra a Chechénia, o que irritou profundamente os separatistas chechenos. (...) Entre 1991 e 1992, confrontos étnicos opuseram os habitantes da Ossétia do Norte à república muçulmana vizinha da Inguchétia (...). Esse conflito deixou centenas de mortos e a maioria dos ingushétios emigrou para a também muçulmana Chechénia.”;

“Os últimos atentados demonstram que os rebeldes ampliaram a esfera de suas reivindicações, passando da independência para a islamização (...) [sendo] provável que haja terroristas da Al-Qaeda na Chechénia. Mas, na verdade, os grupos chechenos estão bastante fragmentados e uma das dificuldades das negociações é saber com quem se deve negociar.”

Queriam libertar a Chechénia da opressão russa? Não queriam. (...) O objectivo da acção terrorista na escola de Beslan não era ganhar pontos para a Chachénia: era servir os interesses do terror global. Os terroristas passam pelo mesmo dilema de milhares de pessoas que em todo o mundo procuram fama instantânea: eles gostam de aparecer. E, para aparecerem, têm de trazer novidades. Como o objectivo é espalhar o pânico entre os ocidentais, é preciso surpreendê-los quando assistem aos noticiários. (...) Os grupos radicais islâmicos que declararam guerra ao mundo ocidental estão a usar o conflito checheno como mais um instrumento do terror.”

“Desde 11 de Setembro que vivemos com o apocalipse. No inferno de Beslan, porém, subiu-se um patamar (...). As crianças ficaram na linha da frente (...), foram declarados combatentes, alvos, objectivos.”

“A luta separatista na Chechénia predominantemente muçulmana é, em grande parte, o resultado da terrível crueldade que Estaline infligiu ao seu povo no final da II Guerra Mundial. Ao suspeitar que alguns chechenos ajudavam os nazi, o ditador deportou a população inteira da república para as estepes geladas do Cazaquistão. Nos anos 90, os filhos dessa geração deportada regressaram para iniciar uma guerra sangrenta de independência e, em 1996, forçaram as forças russas a retirar. Em 1999, depois de uma onda de ataques terroristas na Rússia, o primeiro-ministro da altura, Vladimir Putin, lançou uma segunda guerra contra os rebeldes. A sua popularidade disparou rapidamente e ele foi eleito presidente em 2000. Apesar dos ataques terroristas terem continuado, Putin foi reeleito (...). O mais perto que Putin chegou de encontrar uma solução política (...) para a questão chechena foi (...) colocar a república rebelde nas mãos de um homem forte local (...). Entretanto, Moscovo e outras cidades russas continuam a sofrer atentados terroristas (...) [alguns dos quais] reivindicados pelas Brigadas Islambouli da Al-Qaeda. (...) Putin aproveitou-se (...) para fortalecer o argumento de que está empenhado, como George W. Bush, numa guerra contra o terrorismo internacional. (...) Na realidade, embora existam (...) provas de ligações entre a Al-Qaeda e (...) rebeldes chechenos, o conflito na Chechénia é essencialmente um problema interno que necessita de uma solução interna. (...) A carta branca dada às forças (...) russas para raptar, torturar e matar jovens chechenos suspeitos (...) deu origem ao fenómeno das “viúvas negras”. (...) Além disso, a incompetência e corrupção tornaram as forças de segurança incapazes (...). Embora ainda não seja claro até que ponto os erros das forças de segurança contribuíram para o final sangrento (...) é óbvio que a segunda guerra chechena não tem melhores perspectivas de sucesso do que a primeira.”

“Segundo o Presidente [Putin], “o que enfrentamos é uma intervenção directa do terror internacional contra a Rússia”. (...) é possível que terroristas islâmicos estrangeiros tenham colaborado no planeamento e (...) na execução do ataque a Beslan. Mas tendo em conta a violenta guerra (...) na Chechénia (...) e todos os atentados (...) seria extraordinário que a brutalidade que desceu sobre Beslan não esteja relacionada com a situação na província rebelde. (...) Reconhecer (...) uma ligação entre

	a situação na Chechénia e a calamidade de Beslan seria (...) complicado para Putin (...). Segundo, no imaginário russo, o Cáucaso faz parte do “destino manifesto” do País. (...) Ceder território numa região tão importante (...) não é uma opção para Moscovo. Finalmente, o Kremlin teme que qualquer discussão política sobre o futuro estatuto da Chechénia contribua para o aumento do poder e da influência dos terroristas e leve à desintegração de todo o Cáucaso do Norte. Ao que tudo indica, o sangue dos civis vai continuar a correr (...).”
Condenação do acto	Condenação do acto
[Não encontrados excertos significativos.]	“Os métodos de Vladimir Putin merecem muitas críticas. Mas os terroristas e os diplomatas europeus conseguem fazer com que seja inevitável dar-lhe razão: “Vocês dizem que devemos falar com toda a gente, incluindo assassinos de crianças. Imaginem que pessoas que matam crianças chegam ao poder em algum ponto do planeta. Imaginem isso e verão que se acabam as perguntas sobre a nossa política na Chechénia”. De facto, acabam.”
Necessidade de agir contra os terroristas	Necessidade de agir contra os terroristas
[Não encontrados excertos significativos.]	[Não encontrados excertos significativos.]

<i>Época</i>	<i>Focus</i>
Classificação do acto	Classificação do acto
Massacre; chacina; terrorismo; tragédia; episódio dramático do histórico confronto entre russos e chechenos; acção; terrorismo global.	Terror; bárbaro atentado; massacre na escola; massacre das crianças de Beslan; atentado; massacre; operação; [massacre] bárbaro; terrorismo; ataque(s); massacre da escola de Beslan; horror; tragédia horrível; acto vil e impiedoso.
Classificação dos autores	Classificação dos autores
Terroristas; grupo de homens com máscaras e explosivos na cintura, assaltantes; sectários religiosos.	Terroristas islâmicos da Al-Qaeda ou da Chechénia; terroristas; homens e mulheres de um comando organizado; grupo armado; dezenas de encapuçados; terroristas; comando; comando terrorista; sequestradores; comando de sequestradores; separatistas; terrorismo internacional; guerrilheiros; viúvas negras.
O cenário	O cenário
“Um grupo de homens com máscaras e explosivos na cintura invadiu o centro escolar, tomando como reféns cerca de 1200 pessoas, entre adultos, crianças e até bebés. (...) Após quatro horas de tiroteio, mais de 200 corpos calcinados e mutilados, muitos deles de crianças, foram retirados do local e mais de 700 pessoas ficaram feridas.”	“À medida que as horas passavam, a tensão tornava-se insuportável. Os reféns estavam empilhados como autênticas sardinhas em lata. Suor espremido das roupas e urina passaram a ser as únicas bebidas autorizadas.” “Como exemplo para o resto dos reféns, um homem que tentava usar o telefone foi morto e, ao fim do dia, 20 homens foram executados e os seus corpos atirados para o pátio. (...) Nos vidros das janelas foram colocadas crianças como escudos humanos.”
O enquadramento	O enquadramento
“Os terroristas exigiam a saída das tropas russas da Chechénia, uma república caucasiana de forte sentimento separatista (...). Com população muçulmana, a república mais conflituosa da Federação Russa pede independência desde o fim da União Soviética, em 1991. Os conflitos têm sido constantes. (...) O massacre na escola em Beslan foi mais um episódio de uma semana marcada pela violência (...). O terrorismo global avança a passos largos. (...) O objectivo – desorganizar a sociedade e tomar o poder – continua o mesmo, mas alguns conceitos mudaram. O terrorismo passou a ser praticado por grupos de todos os espectros políticos, de sectários religiosos a extremistas de esquerda e de direita. Os ataques,	“Encravada no Cáucaso, a Chechénia (...) passou a fazer parte do Império russo no século XIX, esteve sob domínio soviético, Estaline deportou os chechenos para a Sibéria, por colaboração com as tropas hitlerianas (...). Ainda hoje Moscovo garante que continua a fazer parte da Federação Russa. Mas, por mais tropas que mande, o Kremlin não consegue acabar com os rebeldes independentistas, cujas ligações ao extremismo islâmico são evidentes. As tentativas para os dominar têm resultado em banhos de sangue. (...) A região, rica em petróleo (...) está destruída. Os rapto e o tráfico de droga são (...) a nova forma de vida. (...) Vladimir Putin, primeiro-ministro russo em 999, depois de atentados à bomba (...), não hesita em iniciar

<p>principalmente de activistas islâmicos, deixaram de ser pontuais, e procuram agora atingir o maior número possível de vítimas. (...) Para (...) [o] director do Centro de Estudos Internacionais, de Washington, é uma ilusão acreditar numa vitória decisiva contra o terrorismo. (...) Para reduzir as ameaças (...) é necessário apertar o cerco aos terroristas. A medida parece lógica, mas carrega alguns perigos. O conceito de legítima defesa abre caminho para a defesa do argumento dos ataques preventivos (...) [e] de restrições às liberdades pessoais. A doutrina Bush, estabelecida depois dos atentados de 11 de Setembro, autoriza (...) a prender qualquer suspeito de terrorismo por tempo indeterminado, sem direito a advogado. As autoridades também podem espiar (...) sem necessidade de ordem judicial. (...) Especialistas (...), no entanto, afirmam que a democratização dos regimes, a melhoria de condições económicas e sociais e o diálogo (...) ajudariam a reduzir as acções terroristas. Ignorar a aspiração à autonomia dos chechenos, por exemplo, e enfrentar as divergências pela via armada não parece o melhor caminho.”</p>	<p>nova campanha militar, durante a qual será (...) acusado (...) de violação dos Direitos Humanos. Escuda-se no 11 de Setembro para endurecer a sua posição.”</p> <p>“As autoridades russas não têm dúvidas. Os líderes radicai chechenos, Shamil Bassayev e Doku Umarov, são os responsáveis pelo massacre de Beslan. E, por detrás deles, encontra-se a Al-Qaeda. Os russos acreditam que a organização islâmica financia e treina os guerrilheiros do grupo checheno mais radical, liderado por Bassayev.”</p>
<p>Condenação do acto</p>	<p>Condenação do acto</p>
<p>[Não encontrados excertos significativos.]</p>	<p>“O massacre das crianças de Beslan (...) foi, se possível, ainda mais bárbaro do que o ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque (...), o maior atentado terrorista de que há memória. Se os terroristas islâmicos, da Al-Qaeda ou da Chechénia, têm como objectivo principal atingir os símbolos dos infiéis (isto é, nós), deram agora um salto qualitativo ao revelarem, sem margem para dúvidas, o seu projecto global: matar inocentes, matar a inocência. Há três anos, atacaram a sociedade aberta e livre, simbolizada por Nova Iorque, capital do mundo globalizado. Desta vez, escolheram como alvo as crianças, nesse momento emblemático de descoberta e abertura para a vida que é o primeiro dia de aulas. O terror regressou. Só falta saber onde e quando vai voltar a atacar. (...) É fácil apontar o dedo à incompetência das tropas russas, ao autoritarismo de Putin, à guerra desumana na Chechénia – os especialistas em justificar o inexplicável até já foram buscar às estatísticas o número total de crianças vitimadas por aquela guerra nos últimos anos. Mas estas crianças (...) chacinadas a poucos metros dos pais (...) foram abatidas pelos homens e mulheres de um comando organizado, que preparou minuciosamente a operação (...). Por enquanto estamos todos tolhidos pelo horror, mas não tardarão muito a aparecer as análises dos profissionais do relativismo moram. “As crianças não tinham culpa, mas o Putin...”. Os mesmos que, ao longo dos últimos anos, nos têm vindo a fazer crer que o 11 de Setembro, afinal, foi por culpa do Bush...”</p>
<p>Necessidade de agir contra os terroristas</p>	<p>Necessidade de agir contra os terroristas</p>
<p>[Não encontrados excertos significativos.]</p>	<p>[Não encontrados excertos significativos.]</p>

O quadro 19 indicia que as revistas convergiram em determinadas propostas de enquadramento para o acontecimento de Beslan e divergiram noutras, tal como, aliás, notámos quando analisámos a estrutura da história em cada uma das publicações. As propostas de enquadramento foram articuladas, fundamentalmente, em torno de seis eixos:

1) *A condenação do acto e a excomunhão dos seus autores* – Apesar de as revistas nunca terem clamado explicitamente contra a necessidade de agir contra os terroristas, não se juntando à *vox populi*, por outro lado usaram abundantes expressões negativas para classificar o acontecimento de Beslan e os seus perpetradores, o que, de acordo com estudos, baseados em inquéritos, conduzidos por Weimann (1985) e por Crenshaw (1983), terá influenciado as percepções dos leitores. De uma maneira geral, os termos usados para descrever o acto e os seus autores permitem conotações condenatórias. A palavra “massacre”, por exemplo, é comum a todas as revistas. Várias revistas usam termos como “barbárie”, “horror” e “terror”. “Infanticídio” e “carnificina” surgem na *Sábado*. A *Época* fala de “chacina”. No entanto, fazendo um esforço estilístico para tecer uma rede de sinonímia, algumas revistas usam também palavras neutras ou pouco negativas para atribuir um sentido ao atentado, como “ataque” ou “operação”. A *Sábado* refere-se mesmo à “espectacular operação”, embora o jornalista tenha sentido a necessidade de explicitar o adjectivo, escrevendo logo a seguir, entre parênteses, “no sentido militar estrito do termo”. Os termos usados para classificar os perpetradores oscilam entre “terroristas” (todas as revistas) e “assassinos” (só na *Veja*), sendo que, em todas as revistas (com excepção da *Época*), a qualidade dos perpetradores é, ainda, definida com minúcia através da associação de vocábulos como “[terroristas] islâmicos” ou “[terroristas] chechenos”. Porém, e mais uma vez correspondendo ao esforço estilístico de variação das palavras, são também empregues vocábulos mais neutros, como “guerrilheiros” (*Visão*), “comando” (*Focus*, *Sábado*), “sequestradores” (*Visão*, *Focus*) ou mesmo apenas “separatistas” (*Veja*, *Sábado*, *Focus*) ou “rebeldes” (*Visão*, *Isto É*).

Uma outra maneira de construir um sentido negativo e condenatório para a acção dos terroristas decorre da própria descrição destes últimos feita pelas revistas: eram homens e mulheres encapuçados, com explosivos à cintura, vestidos de negro, “vestidos de bombas” (*Veja*), que invadiram uma escola no primeiro dia de aulas, dia de festa, celebrado com flores, fazendo crianças como reféns, incluindo bebés.

Uma terceira forma de construir sentidos para a narrativa e condenar o acto e os seus autores é através das tocantes descrições do cenário da acção, por vezes *figurativas*. “Algumas [crianças] desfaleciam com a sede, enquanto outras bebiam a própria urina” (*Visão*); “crianças queimadas e dilaceradas e (...) [uma] fila de pequenos corpos mortos cobertos de lençóis” (*Veja*); “Algumas [crianças] beberam a própria urina” (*Veja*); “o chão do ginásio onde os reféns agonizaram durante três dias estava lavado com o próprio sangue” (*Sábado*); “O tratamento que os terroristas dispensavam às crianças esteve longe da compaixão: calavam a tiro os seus choros e (...) houve violações de adolescentes”

(*Sábado*); “Um menino aparentando dez anos de idade (...) ferido a bala (...). Logo depois dele, veio outro, com um olho estilhaçado (*Isto É*); “Mais de 200 corpos calcinados e mutilados, muitos deles de crianças, foram retirados do local” (*Época*); “Os reféns estavam empilhados como (...) sardinhas em lata. Suor espremido das roupas e urina passaram a ser as únicas bebidas autorizadas.” (*Focus*).

Embora, indirectamente, através dos vocábulos empregues, todas as revistas tenham construído significados negativos para o acontecimento e seus autores, a *Veja*, a *Focus* e a *Sábado* são mais vigorosas e claras na condenação do atentado e na excomunhão dos terroristas. Na *Veja* e na *Focus*, a civilização (ocidental, de matriz cristã) é contraposta à barbárie (islamismo fundamentalista e radical). Nessas duas revistas, o acontecimento de Beslan foi tratado como uma tragédia (um “massacre”) não só para a Rússia mas também para o mundo ocidental. Realce, inclusivamente, para o facto de terem sido os próprios jornalistas da *Veja*, no espaço noticioso, a tomarem nas suas mãos a responsabilidade por essa condenação, enquanto na *Focus* essa tarefa foi reservada ao director da publicação, no espaço dedicado à voz editorial. Na *Sábado*, a condenação surge implícita na corroboração de uma afirmação de uma fonte do Kremlin. Essa fonte diz: “Vocês dizem que devemos falar com toda a gente, incluindo assassinos de crianças. Imaginem que pessoas que matam crianças chegam ao poder em algum ponto do planeta. Imaginem isso e verão que se acabam as perguntas sobre a nossa política na Chechénia.” E a *Sábado* sentencia, em editorial colectivo (não assinado): “De facto, acabam”. Nesse enquadramento, o jornalismo junta-se à *vox populi* na rejeição do acto e na condenação e excomunhão dos seus autores. Nota-se, assim, que o trauma desafia valores profissionais tradicionais dos jornalistas, como a isenção e a imparcialidade. Em circunstâncias traumáticas, a aferição do profissionalismo deixa de poder medir-se pela capacidade de ser objectivo, isento, independente e imparcial, pois estas qualidades entram em colapso pontual em favor de outras qualificações, como o envolvimento. Parece ficar provado, tendo em conta estudos similares como os que surgem na antologia de Zelizer e Allan (2002), que, humanamente, alguns jornalistas conectam-se, nas ocasiões traumáticas, mais às suas comunidades e aos respectivos valores do que aos valores da sua profissão. Em ocorrências como a de Beslan, alguns jornalistas parecem agir mais baseados no seu instinto humano, social, gregário, do que no profissionalismo. Há uma espécie de conciliação do “pensamento de grupo” (Zelizer, 1993) dos jornalistas com as formas de pensar dominantes da sociedade em que se inserem. A “comunidade interpretativa” (Zelizer, 1993) deixa de se circunscrever à esfera jornalística, alargando-se a toda uma comunidade, ou, mais rigorosamente, os jornalistas incluem-se na comunidade interpretativa formada por toda a sociedade em que se inserem, pois, afinal, *a identidade*

jornalística, antes de ser uma identidade profissional, é uma identidade sócio-histórico-cultural.

A *Visão*, a *Época* e a *Isto É* não condenam directamente o atentado. A *Visão* parece, inclusivamente, mais preocupada em condenar o Kremlin e as políticas do Presidente Putin para a imprensa, o Cáucaso e a Chechénia do que em fazer o mesmo em relação aos terroristas que elegeram uma escola como alvo de um atentado e que assassinaram crianças indefesas a sangue-frio. A *Época* associa, algo forçadamente, o atentado às políticas repressivas anti-terroristas e à doutrina Bush, estabelecida após o 11 de Setembro, procurando fazer passar a mensagem de que com diálogo tudo se resolveria, situando-se, portanto, no pólo oposto da posição da *Focus* e, até certo ponto, da *Sábado*. Ou seja, apesar de estarem perante uma situação de trauma e choque, a *Visão* e a *Época* encontraram espaço para a “controvérsia legítima” (Hallin, 1986). A *Isto É* é, talvez, a mais “neutral” das revistas, esgotando a construção do enquadramento para o atentado de Beslan na evocação do longo conflito checheno e na análise às dificuldades do estabelecimento de negociações entre russos e separatistas, devido à divisão do campo separatista.

2) *Enquadramento do atentado em si* – Em primeiro lugar, há que dizer que todas as revistas salientam que o atentado constituiu um “massacre” ou algo ainda mais tenebroso, como o “horror” (*Isto É*), o “terror” (*Veja*, *Visão*), uma “chacina” (*Época*), uma “carnificina” (*Visão*), “pura demência” (*Visão*), “apocalipse” (*Sábado*), “barbárie” (*Sábado*), etc. Ou seja, a rede de sinonimia tecida sobre o atentado atesta a interpretação negativa e emotiva dos jornalistas sobre o acontecimento, visto como algo repugnante, profundamente anormal e condenável (por inerência, os terroristas são vistos como os autores condenáveis desse massacre). No entanto, as revistas divergem, em alguns pontos, na sugestão de enquadramentos explicativos da ocorrência desse “massacre”.

A *Visão* enquadra, vincadamente, o atentado no campo da “demente” (como lhe chama um colunista) escalada de acção-reacção da guerra movida pela Rússia ao independentismo e ao terrorismo checheno. O discurso da *Visão* também tenta mostrar que o independentismo checheno e o fundamentalismo islâmico só convergiram devido à violenta repressão russa na Chechénia, opção seguida também pela *Isto É*, publicação que relembra, igualmente, a intervenção russa na Chechénia, apresentando-a como a principal razão para o atentado. Por seu turno, a *Veja* aflora, do mesmo modo, esses enquadramentos, mas realça, essencialmente, a inserção do atentado na longa lista de acções terroristas dos fundamentalistas islâmicos contra a civilização ocidental, via seguida, similarmente, pela *Sábado* e pela *Focus*, através da voz editorial. No entanto, estas últimas revistas também

sugerem que para o atentado contribuiu, igualmente, a repressão russa sobre os separatistas chechenos e a escalada de violência na Chechénia, que se verifica desde o início dos anos noventa (ressurgimento do independentismo checheno), acompanhada pela islamização do conflito. A história da região, em especial a evocação da deportação em massa de chechenos por Estaline, também é evocada pelas duas revistas e apresentada como uma das razões históricas para o conflito russo-checheno e para o atentado.

A *Sábado* é a única revista a relembrar a visão estratégica da Rússia para o Cáucaso e a salientar quanto a Rússia desconfia do recente interesse intervencionista dos Estados Unidos e de outras potências ocidentais nessa região.

A *Época* é a única revista a associar, indirectamente, o atentado à política de segurança anti-terrorista do Presidente Bush, ao contrapor as restrições às liberdades individuais e o princípio dos ataques preventivos dessa política à visão de “especialistas” (não citados), segundo os quais, para diminuir o terrorismo é preciso democratizar os regimes e melhorar as condições de vida das populações. Para fazer essa associação, o jornalista tenta demonstrar que o atentado de Beslan é um fenómeno do terrorismo global, opção sublinhada por uma pequena matéria documental recordando os atentados da semana anterior na Rússia, no Iraque e em Israel. A universalidade do terrorismo, em particular do terrorismo islâmico, é, de resto, a florada por todas as revistas.

3) *Respeito pela clássica separação entre informação e comentário* – A tentativa de separação entre informação e opinião corresponde a uma estratégia de legitimação jornalística que se inscreveu na matriz ideológica profissional (Sousa, 2000). Embora essa destriça não afecte de sobremaneira a construção de sentidos para o acontecimento de Beslan, afecta, indirectamente, a construção de sentido público sobre o que é o jornalismo e sobre qual o seu papel na sociedade.

A distância que separa a opinião da análise é curta e, por vezes, difícil ou impossível de distinguir. Grosseiramente, podemos dizer que a opinião é o resultado de uma reacção emotiva a um acontecimento, uma perspectiva pessoal não fundamentada em dados sistémicos ou, pelo menos, na recolha e balanço de outras opiniões e perspectivas. A análise, pelo contrário, resulta, essencialmente, da interpretação de dados ou do balanço de perspectivas e opiniões (normalmente) divergentes.

Baseados nessa destriça, e cruzando os dados do quadro 19 com os do quadro 11, pode dizer-se que todas as revistas, com excepção da *Veja*, procuraram distinguir a informação do comentário opinativo, já que, quando existem, as matérias opinativas se encontram delimitadas. Porém, a *Época*, a *Sábado* e a *Visão* também não se furtaram a pontuais

derivas essencialmente opinativas no seio de enunciados tendencialmente informativos, como se pode verificar pelos dados do quadro 11. Imperfeitamente, é possível afirmar que, em comparação com a *Veja*, as restantes revistas seguem uma linha mais clássica de procura de separação entre informação, por um lado, e opinião, por outro. No entanto, há que dizer que, por vezes, os jornalistas e colunistas fazem declarações apressadas e precipitadas, mais baseadas nas suas convicções e percepções pessoais, frequentemente baseadas nas experiências individuais do senso-comum, do que na apresentação de provas que registem o caso geral. A sua atitude, nesse campo, é diametralmente oposta à do cientista. É o caso, por exemplo, do jornalista da *Time/Visão* que numa matéria predominantemente informativa escreve, sem apresentar provas (nomeadamente estatísticas baseadas em pesquisas de opinião credíveis), o seguinte: “A maioria dos chechenos (...) pretende (...) um Estado próprio”. É também o caso, por exemplo, do analista da revista *The Economist*, cujo texto, publicado na *Sábado*, apelida de “insensato” o alegado “encorajamento” dos líderes mundiais a Putin, em matéria de “combate ao terrorismo internacional”, o que na prática, segundo o jornalista, significaria a cobertura a um maior envolvimento militar russo na Chechénia. Do mesmo modo, um jornalista da *Visão*, ao traçar o perfil do líder terrorista islâmico checheno Chamil Bassaiev, caiu num discurso opinativo estereotipado, ao acrescentar que o desejo de vingança é “típico dos povos do Cáucaso”.

No que respeita à análise, o comportamento das revistas portuguesas foi diferente do comportamento das publicações brasileiras. Ao contrário das publicações brasileiras, as revistas portuguesas procuraram separar e delimitar graficamente a informação noticiosa da informação analítica. Nas revistas portuguesas, mesmo as análises e opiniões de enquadramento tenderam a ser propostas em peças devidamente individualizadas. Assim, enquanto na *Veja*, na *Época* e na *Isto É* a análise enquadrante da situação é feita na matéria principal, nas revistas portuguesas essa análise é feita em espaços próprios e delimitados, havendo, porém, a referir que a *Isto É* publica uma matéria isolada de contexto sobre as “viúvas negras” e que a *Veja* também insere duas matérias isoladas de análise e contexto, uma sobre a história e consequências do envolvimento russo na Chechénia e a outra sobre o envolvimento da Al-Qaeda no Cáucaso.

4) *Fomento do interesse humano* – O jornalismo vive bastante das histórias de interesse humano e do adicionamento do interesse humano às notícias. O interesse humano adicionado às narrativas contribui para a geração de significados e, portanto, para o enquadramento das histórias. As revistas procuraram, assim, humanizar a história do

atentado, contando as experiências pessoais, descrevendo as emotivas reacções, adornando estilisticamente as narrativas, fornecendo exemplos de heroísmo e resistência. A *Visão*, por exemplo, abre a matéria principal com um desses exemplos de heroísmo e resistência, protagonizado por uma criança: “Elena Kasumova sentia a esperança diluir-se enquanto acariciava o filho Timur, de 9 anos, no ginásio sufocante da Escola n.º 1. (...) Mas quando sentiu a esperança desvanecer-se, o filho foi em seu socorro. Timur massajou-lhe os pés, beijou-a e contou-lhe histórias sobre a água e o sumo que iriam beber quando aquilo acabasse.” Também na *Visão*, um tocante excerto da narrativa relembra o sofrimento indizível: “Um jornalista perguntou a um homem se tinha filhos na escola. Sem palavras, tirou um telemóvel com câmara do bolso e mostrou a fotografia que tirara de manhã ao filho e à filha (...)” O sofrimento das vítimas e seus familiares foi, aliás, contraposto, na mesma revista, à impiedade dos terroristas: “Ninguém vai ter um golo de água até ele [o Presidente da Ossétia do Norte] nos contactar. (...) Seus animais! Seus carneiros! Por que não se calam?! (...) Se não se calam, vamos matá-lo. Depois matamos uma mulher e depois uma criança!”. Curiosamente, o interesse humano também foi fomentado quando um jornalista da *Visão* traçou o perfil do líder terrorista islâmico Chamil Bassaiev, a quem “as bombas russas (...) mataram onze membros da sua família”. Porém, nessa matéria o jornalista cai num *discurso estereotipado*, ao acrescentar que esse acontecimento despertou o desejo de vingança de Bassaiev, “típico dos povos do Cáucaso”.

Similarmente à *Veja*, a *Focus* abre a narrativa com o relato de um adolescente que conseguiu escapar: “Graças a Deus que tive sede! Salvou-me a vida. Quando estava a beber água, vi homens a saltar de uma carrinha. Um deles tinha barba ruiva. Começou a disparar para o ar. Soube logo que eram terroristas (...)” Nessa revista, a impiedade dos terroristas islâmicos também foi evidenciada pela contraposição aos pedidos dos reféns: “Tamara Peroyeva, uma sobrevivente (...), conta como as crianças começaram a gritar ‘água, água, água!’ A única forma que o comando encontrou de os calar foram os disparos para o ar.” Um outro excerto contribui para a edificação de sentidos e emoções por parte do leitor: “Diana, uma das primeiras sobreviventes que saiu da escola, disse (...): ‘Não tínhamos nada para comer ou beber. Fomos obrigados a urinar dentro das garrafas e a bebê-la (...)’

A *Isto É* segue o mesmo padrão da *Focus* no que respeita à contraposição da crueldade dos terroristas islâmicos e chechenos à situação aflitiva dos reféns: “‘Selvagens!’, foi o resumo de uma refém libertada que, como no filme *A Escolha de Sofia*, pôde levar apenas o caçula, porque os terroristas lhe ordenaram que escolhesse só um filho.” Nesse exemplo, a evocação do conhecido filme também é uma forma de adicionar sentido à narrativa, embora essa referência intertextual apenas funcione para quem esteja dentro do contexto.

Na *Sábado*, numa peça do *El Mundo*, elaborada em Beslan após a tragédia, surge a reacção emotiva de um adolescente osseta: “Cães malditos! Destruíram tudo! (...) Foi uma pena que Estaline não os tivesse posto num barco e os tivesse afundado todos!” A frase reforça a visão negativa da Chechénia e dos chechenos e procura atestar, embora com base num único episódio, que o ódio osseta foi generalizado a todos os chechenos. Porém, tal como no anterior exemplo da *Isto É*, o sentido completo dessa frase só será dominado por quem souber que Estaline deportou em massa os chechenos após a II Guerra Mundial, devido à colaboração de alguns chechenos com as tropas nazis.

5) *Encaixe do novo em velhos referentes* – Nas narrativas jornalísticas, procura-se enquadrar o novo nos referentes disponíveis, pois fazemos sucessivamente sentido do mundo à luz da nossa experiência e conhecimentos. O reenquadramento do atentado de Beslan à luz dos velhos referentes para classificar o terrorismo contribuiu, claramente, para enquadrar o acontecimento.

A *Veja*, por exemplo, relembra os atentados de 11 de Setembro, nos Estados Unidos, os de 11 de Março, em Madrid, os atentados no Iraque, entre outros, associando o atentado de Beslan à longa lista de atentados terroristas feitos “à sombra da Al-Qaeda”, conforme o título de uma das peças da revista.

A *Visão* evoca os atentados e tentativas frustradas de atentados contra escolas, nos quais morreram crianças e adolescentes. Nessa lista, misturam-se acontecimentos como a matança do liceu de Columbine, nos EUA, o atentado terrorista islâmico contra um centro comunitário judaico, em Buenos Aires, e várias outras acções terroristas contra escolas, perpetradas por muçulmanos e não-muçulmanos.

A *Sábado*, em editorial, também associa o atentado de Beslan ao “velho” referente do terrorismo fundamentalista islâmico global, vincando os laços entre os atentados de 11 de Setembro, em nova Iorque, de 11 de Março, em Madrid, e de 3 de Setembro, em Beslan.

A *Focus*, similarmente, oferece como termo de comparação ao atentado de Beslan, em nota da redacção, os atentados de 11 de Setembro, “o maior atentado terrorista de que há memória”, pois essa é a primeira grande marca do terrorismo fundamentalista islâmico anti-ocidental – e a *Focus* salienta, precisamente, o carácter anti-ocidental desse terrorismo.

O grande referente da *Época* para atribuir sentido ao acontecimento é, semelhantemente às outras revistas, o avanço do terrorismo global, “especialmente de activistas islâmicos”, enquadramento reforçado por uma peça que evoca dois outros atentados e um sequestro praticado por terroristas muçulmanos imediatamente antes do atentado de Beslan. No entanto, como já várias vezes se referiu, a *Época* usa esse enquadramento para,

relembrando o 11 de Setembro (que também funciona como referente), mencionar a política anti-terrorista da Administração Bush, que, segundo a interpretação do jornalista da *Época*, procuraria apertar o cerco aos jornalistas à custa de restrições às liberdades individuais.

Finalmente, conforme já se explicitou com os excertos de texto inseridos no quadro 19, a *Isto É* não avança muito na associação de referentes externos ao conflito russo-checheno para o atentado contra a escola de Beslan. O ataque terrorista de Beslan teria sido mais um sangrento episódio do terrorismo checheno separatista e islâmico dirigido contra a Rússia.

6) *A liberdade de imprensa como valor* – A liberdade de imprensa é um valor caro aos jornalistas ocidentais (ver, por exemplo: Traquina, 2002; 2004). Por isso, algumas revistas apontam o dedo aos “adversários” da liberdade de imprensa no caso do atentado de Beslan, o que evidencia que *os actos que colidem com os valores dos jornalistas tendem a ter valor noticioso*.

A *Visão*, por exemplo, não resiste a associar o passado de antigo operacional do KGB do Presidente russo ao silenciamento de jornalistas pelo líder russo: “Putin cala críticas / O director do jornal *Izvestia*, Raf Sharikov (sic), foi demitido do cargo, após permitir a publicação de notícias em que se punha em causa a cobertura televisiva estatal dos acontecimentos de Beslan e de textos em que a situação na Chechénia era referida como ‘guerra’. (...) Noutro caso, também tido como directamente influenciado pelo Presidente, dois destacados jornalistas (...) foram silenciados. Vladimir Putin, um ex-KGB, não se dá bem com vozes incómodas (...)”.

A *Sábado* relembra, identicamente, que o redactor-chefe do *Izvestia*, Raf Chakirov (sic), “foi afastado liminarmente, por pressão do próprio Putin” por ter falado “em ‘guerra’ e não em ataque terrorista checheno contra a Rússia”.

2.2.4 As fotografias

Fazendo-nos testemunhas indirectas dos acontecimentos, facultando-nos o *direito a ver*, gozando de um elevado potencial de credibilidade e constituindo um dos factores identitários da imprensa, as fotografias jornalísticas contribuem para dar sentido ao mundo (MacLear, 1999; Sousa, 2000 b; Zelizer, 2002; Tubergen e Mashman, 1974...). Portanto, para se explicitarem as tendências discursivas da cobertura do atentado e o sentido global do enunciado, há que ter em conta as imagens fotográficas oferecidas ao leitor e o seu enquadramento.

Antes de mais, em quatro das revistas (*Veja*, *Focus*, *Época* e, até certo ponto, *Isto É*), as fotografias (e os textos) foram enquadradas por faixas negras ou mesmo por grandes superfícies negras. Sabendo-se que o negro é cor de luto em Portugal e no Brasil, esse enquadramento reforça o sentido de pesar e luto tecido a partir dos enunciados jornalísticos (texto e imagem).

Por outro lado, há a registar que a cobertura fotojornalística do atentado de Beslan obedece a uma padronização que, simultaneamente, evoca formatos fotojornalísticos históricos e reforça os enquadramentos do discurso verbal sobre os acontecimentos. Prova disso é que, no geral, as fotografias sobre os acontecimentos de Beslan abordam, essencialmente, seis temáticas histórica e culturalmente consolidadas (ver, por exemplo: Sousa, 2004 b), por vezes misturadas na mesma imagem, conforme a seguir se explicita: 1) O acontecimento e o seu cenário; 2) Mortos e feridos; 3) Socorros e operações de resgate e segurança; 4) Protagonistas constantes; 5) Manifestações de dor; e 6) Sujeitos emotivos da acção.

1) *Imagens do acontecimento e do seu cenário* – As revistas publicaram dois tipos de imagens que evocam o acontecimento e o seu cenário.

Em primeiro lugar, há a considerar as imagens do acontecimento em si, havendo de dois tipos: as que *mostram* o momento das operações de resgate e socorro dos feridos, que surgem em todas as revistas, e as que foram retiradas de vídeos, *mostrando* a situação dentro do ginásio onde estavam concentrados os reféns. Estas imagens chocantes de crianças indefesas feitas reféns por homens armados, que a *Visão* e a *Sábado* publicam, têm a capacidade de fazer do leitor uma testemunha indirecta do acontecimento, permitindo-lhe perceber o sofrimento das crianças e restantes reféns durante o sequestro e levando-o a interpretar como demente, troloucado e criminoso o acto terrorista. Permitirão, também, a um leitor evocar o que possa ter visto na televisão e, assim, reforçar a memória visual do acontecimento. Além disso, ao destacarem o sofrimento dos reféns, essas fotos tornam-se congruentes e consonantes com a enunciação verbal, o que permitirá o reforço das emoções e dos significados estimulados e sugeridos pelos textos (solidariedade com as vítimas, angústia perante a situação, raiva, impotência, desejo de punição dos culpados...).

Em segundo lugar, há a considerar as imagens do cenário do acontecimento, após este ter lugar. Tal como na televisão, *quando não se possuem as imagens do acontecimento, têm de se oferecer imagens de substituição*, podendo ser usadas as fotografias do local (e das personagens intervenientes na acção, ainda que na qualidade de testemunhas). Fotografias do cenário devastado da escola desta surgem na *Sábado* e na *Visão*. Fotografias de vítimas, fotografadas pós-acontecimento, na condição de testemunhas, surgem apenas na *Visão*.

2) *Imagens dos mortos e feridos* – Estas fotografias, publicadas em todas as revistas, algumas delas *visualmente agressivas*, funcionam como *ícones do mal*, pois evidenciam as trágicas consequências do acto terrorista. A perversidade desse acto é realçada pelo facto de a maioria dos mortos e feridos expostos nas fotografias serem crianças. Por vezes, na mesma fotografia evocam-se também as dolorosas recordações dos que ficaram. É o caso, por exemplo, da foto da mãe que acaricia o rosto da pequena filha morta, de rosto puro mas maculado pelas feridas e pelo sangue, que aparece por duas vezes na *Veja*, e das fotografias dos funerais em que os caixões abertos das crianças são velados pelos parentes e amigos (*Sábado, Visão*). É de realçar que na *Visão* e na *Focus*, por vezes, se ameniza o choque do leitor, pois as crianças mortas ou sequestradas são evocadas pelas respectivas fotografias (ocasionalmente a preto-e-branco) enquanto vivas, fotografias estas transportadas ou afixadas por familiares e amigos.

3) *Socorros e operações de resgate e segurança* – Estas fotografias, fortes, activas, tensas e graficamente apelativas, constituem, dadas as suas características, a categoria central de imagens das reportagens fotográficas da *Veja*, da *Isto É* e, até certo ponto, da *Época*, sendo também usadas na *Visão* e na *Focus*. Nelas repetem-se, insistentemente, vários motivos, nomeadamente adultos transportando ao colo crianças feridas, assustadas, em alguns casos moribundas, talvez mesmo mortas. Noutras imagens, as crianças gritam, ou bebem, sequiosas, depois de terem sido salvas. Noutros casos ainda, observam-se instantes dos combates das forças russas de socorro com os terroristas islâmicos. O aspecto algo caótico das operações é compensado com a visão de que, pelo menos, algumas crianças estão sãs e salvas. Todas elas são imagens que têm o valor testemunhal do documento, mas também indiciam que a sociedade continuou a funcionar, o que contribuirá para a tranquilização social e ajudará a reconduzir as pessoas para a segurança e normalidade da vida quotidiana. São, igualmente, imagens que contribuem para que se vença a *dissonância cognitiva* entre a experiência do acontecimento e o que se pensava sobre o conflito no Cáucaso antes do atentado ter ocorrido, conduzindo a um novo estágio de equilíbrio entre a experiência do quotidiano (o agir) e o pensamento.

4) *Protagonistas constantes* – Vítimas, forças de segurança, civis afectados, líderes políticos e terroristas tendem a ser os protagonistas constantes da cobertura fotorreportagem de atentados terroristas (ver, por exemplo: Sousa, 2004 b). Por isso, a propósito de Beslan, além das fotografias de vítimas, de civis afectados e de agentes das forças de segurança (em vários casos acompanhados por civis), as revistas publicaram imagens dos terroristas e do

Presidente Putin, entre outros personagens. As fotografias desses actores inseridas nos enunciados das revistas destacam a sua importância simbólica no contexto do enunciado e, portanto, reforçam o seu protagonismo. Para além disso, a forma como os protagonistas são fotograficamente representados (gestos, expressões, acções...) contribuirá para a construção de imagens mentais dos sujeitos e dos acontecimentos por parte do leitor.

A *Visão* não publicou fotos de do Presidente Putin, mas, em contrapartida, inseriu várias imagens de terroristas chechenos, sendo que, numa delas, aparece o único terrorista capturado vivo, de ar assustado; noutra aparece uma tenebrosa “viúva negra”; e noutra ainda aparece o terrorista nacionalista-fundamentalista islâmico Chamil Bassaiev (de camuflado, mas pose serena), tido pelo Kremlin como o homem por trás do atentado. Bassaiev, na fotografia, quase se transfigura num homem normal e calmo, apesar do camuflado indicar as circunstâncias extraordinárias em que foi fotografado.

A *Focus* insere, por seu turno, uma fotografia do terrorista Chamil Bassaiev, muito semelhante àquela que foi publicada pela *Visão*, o que, hipoteticamente, favorecerá uma leitura de imagem idêntica à suscitada pela foto *Visão*. Apesar de cada leitor, em última instância, construir, individualmente, um sentido para as imagens, a ideia forte que parece emergir das fotografias de Bassaiev publicadas quer pela *Focus* quer pela *Visão* é, assim, contrária à do texto, pois se no texto se explicita que terá sido ele o “anormal” mandante do atentado de Beslan, nas fotografias ele parece um sujeito bondoso, calmo e compreensivo, seráfico.

A propósito do atentado contra a escola de Beslan, o Presidente Putin surge fotograficamente representado na *Focus* e na *Veja*. Nas fotos inseridas em ambas as revistas, Putin surge igual à imagem que foi cultivando: circunspecto, frio e grave, em pose de estadista e pensador. Numa das fotografias de Putin inseridas na *Focus*, observa-se a atitude mais humanamente emotiva do Presidente russo: uma carícia a uma criança ferida, num hospital. Uma ideia poderá ser construída pelo leitor a partir das imagens: Putin é um homem frio e determinado contra o terrorismo, embora se preocupe humanamente com as pessoas do seu povo.

A *Veja* insere, consonantemente com o seu discurso de associação entre o atentado de Beslan e a Al-Qaeda, uma foto de Bin Laden.

Na *Focus*, a repercussão universal do atentado é marcada pela inclusão de pequenas fotografias do Presidente Bush e do papa João Paulo II, o que se torna mais relevante pelo facto de mais nenhuma das revistas ter incluído imagens de outros líderes políticos ou religiosos.

Os restantes protagonistas constantes dos atentados, ou seja, as vítimas (muitas delas mortas) e as forças de segurança, surgiram em fotografias publicadas em todas as revistas (só na *Sábado* não se vêem agentes das forças de segurança, embora sejam evocados num infográfico). Na realidade, eles foram os protagonistas do atentado em si e das operações de socorro, facto que se repercutiu na cobertura fotojornalística dos acontecimentos de Beslan. Nesse contexto, é de referir que apenas a *Visão* publicou uma fotografia individual de uma das vítimas do sequestro, obtida já depois do drama, em condições de serenidade. Essa fotografia, no entanto, serviu mais para dar um rosto às informações disponibilizadas pela vítima (uma adolescente) e à história que ela contou, credibilizando e humanizando o trabalho do repórter, do que para acrescentar informação visual à narrativa.

Em conclusão, pode dizer-se que as revistas analisadas neste trabalho seguiram uma política editorial fotojornalística parcialmente dissemelhante e parcialmente similar no que respeita à presença dos “protagonistas constantes” no enunciado fotojornalístico, permitindo evidenciar que os discursos mostram, focalizam e evidenciam na exacta medida em que ocultam. Ao lerem-se todas as revistas e verem-se todas as fotografias, ficamos com uma noção bastante mais precisa dessa realidade, pois algumas revistas mostram o que outras ignoram e vice-versa. Provavelmente, aliás, muito mais ficou por registar visualmente: nenhuma revista publicou, por exemplo, fotografias dos agentes das forças de segurança mortos e feridos no ataque, apesar de eles também terem “pago um alto preço”: o da vida. Também nenhuma revista publicou fotografias dos terroristas mortos, que poderiam “mostrar” até onde pode conduzir o fanatismo religioso pessoal.

5) *Fotografias de manifestações de dor* – Fotografar as pessoas expressando a sua dor constitui um dos padrões fotojornalísticos de abordagem de assuntos chocantes (Sousa, 2000 b; Sousa, 2004 b). Assim, fotografias de pessoas chorando, desesperadas, os seus mortos não faltaram na totalidade revistas. Os mortos, nomeadamente crianças, estão fisicamente presentes nalgumas fotos; noutras estão representados pelas fotografias a que as pessoas se agarram, como se quisessem restitui-las à vida. É o retrato fotográfico da insanidade de uma morte absurda...

6) *A busca dos sujeitos emotivos da acção* – Os fotojornalistas, para construírem sentido para as imagens, tentam encontrar no cenário a fotografar os sujeitos que melhor transmitam uma ideia concreta, pelos seus gestos, expressões ou acções. Essa opção é comum a todas as fotografias publicadas nas revistas, reflectindo rotinas e convicções profissionais. É a mãe que se despede dolorosamente da sua menina pela última vez, a mãe

que se agarra à fotografia do seu menino morto no respectivo funeral, o Presidente Putin que acaricia a criança ferida e sem reacção num hospital, os militares e civis que resgatam as crianças e também transportam aquelas que estão mortas e feridas, as crianças que choram e gritam, etc.

Há um aspecto em que as revistas portuguesas diferiram das brasileiras na abordagem fotojornalístico dos acontecimentos de Beslan. As revistas brasileiras inseriram, maioritariamente, fotografias das operações de resgate e de socorro, que enfatizaram a fragilidade das crianças resgatadas, enquanto as revistas portuguesas, sem ignorarem essa dimensão do acontecimento (com exclusão da *Sábado*, que não inseriu, sequer, fotografias das operações de resgate), fizeram uma cobertura visualmente mais multifacetada e graficamente menos agressiva.

É ainda de registar que, na *Visão*, surge uma imagem de uma das jornalistas que, alegadamente, o Kremlin tentou silenciar, Anna Politkovskaia. Trata-se de uma mensagem de valorização da liberdade de imprensa, valor sagrado dos jornalistas nos países democráticos (ver, por exemplo: Traquina, 2004).

Finalmente, é de dizer que a semelhança dos conteúdos e formas das fotografias jornalísticas ao longo do tempo indiciam que o fotojornalismo actual é um produto da história (Sousa, 2000 b). Por isso, e também porque os (foto)jornalistas recorrem a rotinas cognitivas que dominam para organizar as ideias e fazer sentido do mundo (Stocking e Groos, 1989: 4), repetem-se as rotinas de produção fotojornalística e os padrões de cobertura ao longo do tempo. Em consequência, também a cobertura fotojornalística do atentado de Beslan se ancorou nas imagens do local e da acção.

3. Conclusões

A primeira grande conclusão a extrair deste trabalho é a de que, no geral, o factor nacionalidade não parece ter tido influencia decisiva no conteúdo e na forma das revistas. Por outras palavras, as revistas tiveram comportamentos dissonantes e consonantes que, com poucas excepções, não parecem ter sido provocados pelo factor “nacionalidade”, já que, tendo em conta as variáveis observadas, as revistas, normalmente, não podem ser agrupadas em dois grupos, consoante a nacionalidade das mesmas.

A segunda conclusão a extrair deste trabalho é a de que as revistas, individualmente consideradas, tiveram um comportamento parcialmente semelhante e parcialmente diferente, o que poderá estar relacionado com as circunstâncias mercadológicas e sócio-culturais (*nacionais e profissionais*) que influenciam o posicionamento editorial de cada uma delas. A principal semelhança entre as revistas

ocorre ao nível da estrutura das narrativas e na terminologia usada para classificar o atentado e os seus autores. A principal diferença entre as revistas reside na clareza e no vigor colocado na condenação do atentado. A *Veja*, sem complexos, condena o atentado e excomunga os seus autores, percebidos como *dementes*, mesmo nas matérias intencionalmente noticiosas. Na *Sábado*, na *Focus* e na *Visão* também se condena o atentado, mas mais levemente e apenas em espaços consagrados à “voz editorial” ou colunas de análise e opinião. As outras revistas não condenam vigorosa e directamente o atentado nas matérias noticiosas ou nos espaços de análise e opinião. Além disso, a condenação do acto construída a partir do discurso da *Visão* é atenuada pela denúncia que a revista faz da censura do Presidente Putin à imprensa, das políticas do Kremlin para o Cáucaso e a Chechénia e da actuação violenta e corrupta das forças russas neste território. Na *Época*, a condenação também é atenuada pela crítica às políticas anti-terroristas da Administração Bush. De realçar, porém, que em todas as revistas a condenação do atentado é construída, indirectamente, a partir dos termos usados para classificar o acto e os seus autores (palavras como “massacre” são comuns a todas as revistas).

Em terceiro lugar, tendo em conta as hipóteses de pesquisa inicialmente colocadas e as perguntas de investigação correlatas, os dados obtidos na *análise quantitativa* permitem concluir o seguinte:

- 1) O elevado grau de valor-notícia do atentado foi suficiente para relevar a sua cobertura no conjunto do noticiário, em particular do noticiário internacional e nas primeiras páginas, pelo que pode aceitar-se a primeira hipótese;
- 2) A cobertura centrou-se nos acontecimentos que compuseram o macro-acontecimento “atentado” (acontecimento, autores, reacções...), mas as revistas estudadas providenciaram também matérias argumentativas e contextuais (ou então providenciaram informação de contexto no seio das matérias noticiosas), pelo que a segunda hipótese pode aceitar-se embora com algumas reservas;
- 3) A informação noticiosa e documental foi predominante, sobretudo nas revistas brasileiras, apesar de as revistas portuguesas incluírem matérias que, individualmente, se podem considerar interpretativas e argumentativas. As revistas também incluíram, em vários casos, excertos interpretativos, documentais e argumentativos no seio de matérias predominantemente noticiosas. Assim, a terceira hipótese pode aceitar-se, apesar de o relato se ter centrado mais no acontecimento do que nas problemáticas à sua volta.

4) No que respeita à citação de fontes, as revistas não tiveram um comportamento uniforme, pois as revistas portuguesas, em especial a *Visão* e a *Focus*, tenderam a ser mais polifónicas do que as brasileiras, dando espaço, por exemplo, às vítimas (sequestrados), o que reforça a sensação de *autenticidade* da cobertura. De realçar, também, a fuga às rotinas, o escape à rotinização do inesperado, patente na libertação parcial ou total das revistas da rotineira auscultação das “fontes oficiais” (apenas maioritárias, e só relativamente, na *Focus* e na *Sábado*), designadamente dos detentores do poder político, normalmente sempre ouvidos nestas ocasiões.

5) A fotografia foi usada, estruturalmente, por todas as revistas, em especial pela *Veja*, que, nesse pormenor, seguiu a linha das revistas visuais dos anos trinta. As fotografias tiveram, em todas as publicações, o papel de reforço dos enunciados verbais, já que deram ao leitor a hipótese de (re)ver em imagens fixas as vítimas (em particular as crianças), os esforços para as salvar e as consequências do atentado e, conseqüentemente, deram-lhe também a oportunidade de se comover com o cenário e participar na condenação e excomunhão dos perpetradores do acto. Porém, visto de outro prisma, a espectacularidade de algumas fotos e de alguns textos e a sua centralização na *criança-vítima*, social e culturalmente determinada, contribui também para as notícias venderem, pois, neste aspecto, tragicamente, as “melhores vítimas” são as crianças.

Finalmente, os dados da *análise qualitativa* mostram que as revistas não só não conseguem furtar-se à produtividade da linguagem como também, em ocasiões traumáticas como a do atentado de Beslan, *orientam (enviesam) o discurso numa determinada direcção, mostrando tanto como ocultam*, embora o sentido do desvio não seja uniforme. Por exemplo, a *Veja*, a *Focus* e a *Sábado*, ao contrário da *Visão* e da *Época*, favorecem a ideia de que o atentado foi da barbárie islâmica contra a civilização e o modo de vida ocidentais. Fica, assim, definida uma fronteira entre “eles” e “nós”. *Eles* são aqueles que ameaçam as nossas crianças, as nossas escolas, o nosso modo de vida, por isso denominados terroristas, podendo-lhes ser associadas causas como a independência chechena ou o Islão.

Na *Veja*, na *Focus* e na *Sábado*, mas também nas restantes revistas, embora em menor grau, a oposição binária está presente, igualmente, na contraposição do arquétipo da *criança-vítima* ao arquétipo do *terrorista islâmico-nacionalista checheno*. Com o texto e as imagens (particularmente as fotografias), favorece-se, ainda, a (re)construção e visualização mental dos conceitos projectados pelo discurso. Simbolicamente, demarca-se também, ao nível dos valores, uma fronteira entre o *bem* e o *mal*. É uma visão discursiva que revela o quanto as sociedades rejeitam, colectivamente, aquilo

que as ameaça. A avaliar pela condenação do atentado feita pelas revistas a partir da evocação da *criança-vítima*, com maior intensidade na *Veja*, na *Focus* e na *Sábado*, esses discursos de rejeição, elaborados no contexto de determinantes culturais comuns à Civilização Ocidental, parecem assumir, inclusivamente, a condição de discursos hegemónicos em ocasiões especiais, como as traumáticas. É óbvio que, para alguns muçulmanos, os assassinos fundamentalistas islâmicos do 3 de Setembro, tal como os do 11 de Setembro ou os do 11 de Março, podem ser vistos como “combatentes da liberdade”, mas à luz da cultura ocidental são percebidos como bárbaros homicidas que ameaçam a estrutura e o modo de vida da civilização ocidental. Não é o poder que define, nestas circunstâncias, o discurso hegemónico, como pretendem autores neo-marxistas ou muçulmanos (estranha aliança de enquadramentos!), como Karim (2002), mas sim a própria sociedade, colectivamente, em luta pela sua própria sobrevivência e pela manutenção do seu modo de vida. O jornalismo, imerso nessa sociedade, ecoa os seus valores e as suas visões do mundo, apesar de, paradoxal e simultaneamente, dar espaço quer às posições dos que desejam a destruição do sistema, quer aos discursos consolidantes do sistema e das normas de convivência em sociedade. Investigação posterior poderá verificar a consonância de enquadramentos para o atentado do 3 de Setembro noutros jornais e revistas de todo o mundo, observar a constância de enquadramentos na cobertura de diferentes atentados e ainda estudar como evoluiu a cobertura nos dias seguintes ao acontecimento

Referências bibliográficas

- ATWATER, T. (1991): Network evening news coverage of the TWA hostage crisis, in ALALI, A. O. e EKE, K. K. (Eds): *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*, Newbury Park: Sage: 63-72.
- AUSTIN, J. L., *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BALL-ROKEACH, S. J. e DEFLEUR, M. L., A dependency model of mass media effects. *Communication Research*, 3 (1): 3-21, 1976.
- BELL, A. e GARRETT, P. (Eds.), *Approaches to Media Discourse*, Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- CRENSHAW, M. (Ed.) (1983): *Terrorism, Legitimacy and Power*. Middletown: Wesleyan University.
- ERICSON, R.; BARANEK, P. e CHAN, J. (1987): *Visualizing Deviance: A Study of News Organization*, Toronto, University of Toronto Press.
- FAIRCLOUGH, N. (1992): *Discourse and Social Change*, Cambridge: Polity Press.
- FAIRCLOUGH, N. (1995): *Media Discourse*, London: Arnold.
- FELMAN, S. (1992): The return of the voice: Claude Manzmamann’s *Shoah*, in FELMAN, S. e LAUB, D. (Eds.): *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History*, New York: Routledge.
- FOWLER, R. (1991): *Language in the News. Discourse and Ideology in the Press*, London: Routledge.
- GALTUNG, J. e RUGE, M. H. (1965): The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, 1.
- GAMSON, W. (1989): News as framing. *American Behavioural Scientist*, 33.
- GANS, H. (1979): *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*, New York: Pantheon Books.
- GITLIN, T. (1980): *The Whole World is Watching*, Berkeley: University of California Press.
- GOFFMAN, E. (1975): *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience*, Boston: Northeastern University Press.
- HALL, S. et al. (1978): *Policing the Crisis. Mugging, the State, and Law and Order*, New York: Holmes & Meier.

- HALLIN, D. (1986): *The "Uncensored War": 1965-1967*, Berkeley: University of California Press.
- HERMAN, J. (1992): *Trauma and Recovery*, New York: Basic Books.
- HIRSCH, M. (2002): The day time stopped. *Chronicle of Higher Education*, 25 Janeiro, B11.
- KARIM, K. (2002): Making sense of the "Islamic Peril": Journalism as cultural practice, in ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.): *Journalism after September 11*, New York: Routledge: 101-116.
- MACLEAR, K. (1999): *Beclouded Visions: Hiroshima-Nagasaki and the Art of Witness*, Albany: State University of New York Press.
- MANOFF, R. K. (1986): Writing the news (by telling the 'story'), in MANOFF, R. K. e SCHUDSON, M. (Eds.): *Reading the News*, New York: Pantheon Books.
- MARQUES DE MELO, J. (1972): *Estudos de Jornalismo Comparado*, São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- MARQUES DE MELO, J.; FADUL, A.; ANDRADE, A. e GOBBI, M. C. (1999): O Mercosul na imprensa do Mercosul. (Projecto de pesquisa). Texto policopiado.
- MILIBAND, R. (1969): The process of legitimation, in MILIBAND, R. (Ed.): *The State in Capitalist Society*, London: Weidenfeld and Nicolson.
- PEUCER, T. (2000): Os relatos jornalísticos. *Comunicação e Sociedade*, n.º 33, pp. 199-214, 2000. (Tradução de *De relationibus novellis*, Leipzig: Tese de Doutorado em Periodística – Universidade de Leipzig, 1690.)
- PICARD, R. G. e ADAMS, P. D. (1991): Characterization of acts and perpetrators of political violence in three elite U. S. daily newspapers, in ALALI, A. O. e EKE, K. K. (Eds): *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*, Newbury Park: Sage: 12-22.
- PONTE, C. (2002): *Quando as Crianças são Notícia. Contributo para o Estudo da Noticiabilidade na Imprensa de Informação Geral (1970-2000)*. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, Área de Jornalismo, apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- RUBENSTEIN, R. (1987): *Alchemists of Revolution: Terrorism in the Modern World*, New York: Basic Books.
- RUDLOFF, A. (2003): Media perspectives: 2001-2002 Canadian and U.S. news magazines coverage of the war on terror. Comunicação à Convenção da Association for Education in Journalism and Mass Communication, Kansas City, Estados Unidos.
- SANTOS, R. (1997): *A Negociação Entre Jornalistas e Fontes*, Coimbra: Minerva.
- SCHLESINGER, P. (1977): Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*, 28 (3).
- SCHLESINGER, P. (1990): Rethinking the sociology of journalism: Source strategy and the limits of media-centrism, in FERGUSON (1990): *Public Communication: The New Imperatives*, London: Sage.
- SCHUDSON, M. (1986 a): What time means in a news story. *The Gannett Center for Media Studies Occasional Papers*, 4.
- SCHUDSON, M. (1986 b): Deadlines, datelines, and history, in MANOFF, R. K. e SCHUDSON, M. (Eds.): *Reading the News*, New York: Pantheon Books.
- SCHUDSON, M. (1988): Por que é que as notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27.
- SCHUDSON, M. (2002): What's unusual about covering politics as usual, in ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.): *Journalism after September 11*, New York: Routledge: 36-47.
- SHOEMAKER, P. J. e REESE, S. D. *Mediating the Message. Theories of Influences on Mass Media Content*. 2nd. Edition. White Plains: Longman, 1996.
- SIGAL, L. (1973): *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*, Lexington: Health and Company.
- SIMMONS, B. K. (1991): U. S. newsmagazines' labeling of terrorists, in ALALI, A. O. e EKE, K. K. (Eds): *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*, Newbury Park: Sage: 23-39.
- SOUSA, J. P. (1997): *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*, Porto, Universidade Fernando Pessoa.
- SOUSA, J. P. (2000 b): *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*, Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- SOUSA, J. P. (2000): *As Notícias e os Seus Efeitos*, Coimbra, Minerva Editora.
- SOUSA, J. P. (2003): A reacção da imprensa de referência portuguesa ao Golpe de Estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe. [On-line]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>.
- SOUSA, J. P. (2004 b): O dia depois. A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid. Comunicação ao III Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos, Santiago de Compostela, Espanha.

- SOUSA, J. P. (2004): Fábrica de heróis. A reação da imprensa portuguesa de referência à morte de Sérgio Vieira de Mello. Comunicação ao XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM, Porto Alegre, Brasil.
- STEPHENS, M. (1988): *A History of News*, New York: Penguin Books.
- STOCKING, S. H. e GROSS, P. H. (1989): *How do Journalists Think. A Proposal for the Study of Cognitive Bias in Newsmaking*. Bloomington: ERIC Clearinghouse on Reading and Communication Skills.
- TRAQUINA, N. (1988): As notícias. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 8: 29-46.
- TRAQUINA, N. (2001): *O Estudo do Jornalismo no Século XX*, São Leopoldo, Editora Unisinos.
- TRAQUINA, N. (2002): *Jornalismo*, Lisboa: Quimera.
- TRAQUINA, N. (2004): *A Tribo Jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias.
- TUBERGEN, G. N. e MASHMAN, D. L. (1974): Unflattering photos: How people respond. *Journalism Quarterly*, 51 (2).
- TUCHMAN, G. (1976): Telling stories. *Journal of Communication*, 26 (4).
- TUCHMAN, G. (1978): *Making News. A Study in the Construction of Reality*, New York: The Free Press.
- WEIMANN, G. (1985): Terrorists or freedom fighters? Labeling terrorism in the Israeli press. *Political Communication and Persuasion*, 2: 433-445.
- WEIMANN, G. e BROSIUS, H. B. (1991): The newsworthiness of international terrorism. *Communication Research*, 18: 333-355.
- WITTEBOLS, J. H. (1991): The politics and coverage of terrorism: from media images to public consciousness. *Communication Theory*, 1: 253-266.
- WITTEBOLS, J. H. (1992): Media and the institutional perspective: US and Canadian coverage of terrorism. *Political Communication*, 9: 267-278.
- WOLFSFELD, G (1991): Media, protest and political violence: A transactional analysis. *Journalism Monographs*, 127.
- ZAHAROPOULOS, T. (2004): News coverage of terrorism abroad: characterizations, sources and labels. *International Communication Bulletin*, 39 (3-4): 26-41.
- ZELIZER, B. (1993): Journalists as interpretive communities. *Critical Studies in Mass Communication*, 10 (3).
- ZELIZER, B. (1998): *Remembering to Forget: Holocaust Memory Through the Camera's Eye*, Chicago, The University of Chicago Press.
- ZELIZER, B. (2002): Photography, journalism, and trauma, in ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.): *Journalism after September 11*, New York: Routledge: 48- 68.
- ZELIZER, B. e ALLAN, S. (2002): When trauma shapes the news, in ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.): *Journalism after September 11*, New York: Routledge: 1-24.